

UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS

MESTRADO DE HISTÓRIA

SANDRA MARA D'AVILA SANDRI

**SULISTAS EM MINEIROS: A RECRIAÇÃO DA
IDENTIDADE**

Trabalho apresentado ao Curso de Mestrado de História,
pela Universidade Católica de Goiás – UCG.

Orientadora: Prof^a Dra. Márcia Metran de Mello

Goiânia
2008

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

Sandra Mara D'Avila Sandri

SULISTAS EM MINEIROS: A RECRIAÇÃO DA IDENTIDADE

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Católica de Goiás, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em História.

Linha de Pesquisa: Identidades, Tradições e Territorialidades

Área de Concentração: Cultura e Poder

Orientadora: Prof^a Dra. Márcia Metran de Mello

Universidade Católica de Goiás – UCG
Goiânia, 2008

AGRADECIMENTOS

Ao Elton, pela parceria em mais essa caminhada, pela confiança, dedicação incansável e apoio.

À Fernanda e à Maria Luiza, pela torcida e também pela compreensão, com a falta de tempo e mudança de hábitos.

Ao Mario e à Maria Lourdes, por estarem sempre pertinho, proporcionando um ambiente de ajuda.

À Maria C. Sandri (*in memoriam*), minha grande fonte histórica.

À Marcia Metran de Mello, pela dedicação amiga e zelosa .

Aos sulistas e mineirenses, que, pacientemente, concederam entrevistas e, generosamente, ofereceram material de pesquisa.

SUMÁRIO

Lista de quadros e figuras.....	6
Lista de siglas e abreviaturas.....	8
Resumo.....	9
Abstract.....	10
Introdução.....	11
PARTE 1 A RESISTÊNCIA AO OUTRO, RECONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE E A DELIMITAÇÃO DA DIFERENÇA	
1.1 Estabelecidos e <i>outsiders</i> em Mineiros.....	16
1.2 A identidade e a diferença como constructo social.....	21
PARTE 2 A RETERRITORALIZAÇÃO DOS SULISTAS EM MINEIROS	
2.1 A diáspora sulista: razões e motivações.....	25
2.2 Sulistas em Mineiros: a reconstrução da identidade.....	38
2.3 O imaginário social gaúcho e a ilha imigrante no Sul.....	55
2.4 A reconstrução da tradição gaúcha em Mineiros.....	70
PARTE 3 MINEIROS DOS ESTABELECIDOS e <i>OUTSIDERS</i>	
3.1 Mineiros dos estabelecidos.....	84
3.2 Mineiros dos <i>outsiders</i>	92
3.2.1 Da pecuária tradicional ao agronegócio	92
3.2.2 E a cidade está diferente.....	97
3.2.3 “Churrasco com pequi”: a nova síntese cultural em Mineiros a partir dos <i>outsiders</i>	99
3.2.4 As novas configurações religiosas: luteranismo e alterações no catolicismo.....	101
3.2.5 As transformações espaciais rurais em Mineiros.....	104
3.2.5.1 O progresso e os efeitos colaterais.....	105

PARTE 4 A ARENA POLÍTICA: CENÁRIO DE PRECONCEITOS E ESTIGMAS

4.1 Sulistas e a abertura do espaço político.....	112
Considerações finais.....	126
Referências.....	130
Anexo I.....	135

LISTA DE QUADROS E FIGURAS

Quadro 1: Produção de arroz e soja -1979-1983.....	95
Quadro 2: Área de produção de arroz e soja- 1979-1983.....	95
Quadro 3: Produção agrícola de 2005.....	96
Quadro 4: Área plantada em 2007.....	96
Quadro 5: Perda de Solo em Mineiros.....	108
Figura 1: Propriedade da família Parmeggiani, em Campinas, RS.....	27
Figura 2: Marcha do MST em São Gabriel, RS, agosto de 2003	28
Figura 3: Mapa da trajetória interna da imigração sulista	30
Figura 4: Primeira habitação na Fazenda de PS, 1974.....	31
Figura 5: Instalações dos primeiros anos, em Mineiros.....	32
Figura 6: Família Parmeggiani em Mineiros, 1985.....	32
Figura 7: Família Piccinini em Mineiros, no ano 1990.....	32
Figura 8: Foto das primeiras instalações da família Piccinini em Mineiros, no ano 1990.....	32
Figura 9: Mapa da linha de ônibus mantida pela imigração sulista.....	43
Figura 10: A primeira moradia da família Piccinni em 1990.....	45
Figura 11: A atual moradia, da família Peccini, na cidade de Mineiros.....	45
Figura 12: Periódico <i>O Quero-Quero</i>	51
Figura 13: Texto de abertura do Informativo do CTG Porteira da Saudade.....	52
Figura 14: Exemplar do <i>Quero-Quero</i>	53
Figura 15: Ilustração da representação do gaúcho típico do sul.....	56
Figura 16: Mapa das áreas de imigração no Rio Grande do Sul.....	63
Figura 17: Família Chinazzo.....	64
Figura 18: Mapa das migrações gaúchas no século XX.....	66
Figura 19: Grupo de dança do CTG Porteira da Saudade de Mineiros.....	70
Figura 20: Centro de Tradições Gaúchas.....	72

Figura 21: Torneios de tiro de laço.....	73
Figura 22: Torneios típicos.....	73
Figura 23: Torneio Farroupilha.....	74
Figura 24: Torneio Farroupilha.....	74
Figura 25: Placa comemorativa à inauguração do CTG Porteira da Saudade.....	75
Figura 26: Quadra típica de jogo de bocha no RS.....	76
Figura 27: Quadra de bocha.....	76
Figura 28: Quadra de bolão no CTG Porteira da Saudade.....	77
Figura 29: Baile do Chopp.....	78
Figura 30: Jantar Goiano.....	79
Figura 31: Semana Farroupilha.....	80
Figura 32: Semana Farroupilha.....	80
Figura 33: Semana Farroupilha.....	80
Figura 34: Semana Farroupilha.....	80
Figura 35: Almoço no Dia das Mães.....	82
Figura 36: Festividades no CTG Porteira da Saudade.....	83
Figura 37: Mapa do estado de Goiás.....	84
Figura 38: Fundadores de Mineiros.....	85
Figura 39: Atual sede da Fazenda de Joabelardo de Carvalho.....	90
Figura 40: Casa típica das fazendas tradicionais de Mineiros.....	91
Figura 41: Monumento de homenagem a D. Eric.....	93
Figura 42: Frigorífico Perdigão.....	97
Figura 43: Lavoura de soja no chapadão mineirense.....	97
Figura 44: Casas de produtores rurais sulistas em Mineiros.....	99
Figura 45: Churrasco do costelão na Festa da Semana Farroupilha em Mineiros.....	101
Figura 46: Mapa Igrejas Luteranas no Brasil em 1994, incluindo a unidade de Mineiros.....	102
Figura 47: Voçoroca Chitolina, em Mineiros, GO.....	106
Figura 48: Voçoroca Chitolina, em Mineiros, GO.....	107
Figura 49: Águas azuis próximo à nascente do Rio Araguaia.....	108
Figura 50: Informativo da Cooperativa	117

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

WWF	WORLD WILDLIFE FUND – FUNDO MUNDIAL DA NATUREZA
IBGE	INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA
CTG	CENTRO DE TRADIÇÕES GAÚCHAS
COMIVA	COOPERATIVA MISTA VALE DO ARAGUAIA
APGM	ASSOCIAÇÕES DOS PRODUTORES DE GRÃOS DE MINEIROS
MST	MOVIMENTO DOS SEM-TERRA
IIPND	SEGUNDO PLANO NACIONAL DE DESENVOLVIMENTO
PRODOESTE	PROGRAMA DE DESENVOLVIMENTO DO CENTRO-OESTE
POLOCENTRO.....	PROJETO DE DESENVOLVIMENTO DO CENTRO-OESTE
PAVIP	PAVILHÃO PAROQUAL
CREDIGOIAS.....	SISTEMA DE CREDITO COOPERATIVO DE GOIÁS
ITR.....	IMPOSTO TERRITORIAL RURAL

RESUMO

Esta dissertação tem como objeto de análise a imigração sulista que se manifesta em Mineiros, GO, a partir de um olhar revelador sobre a recriação de sua identidade. Sulistas provenientes de colônias de imigrantes europeus italianos e alemães adotaram, em Mineiros, a cultura do tradicionalismo gaúcho, que não cultuavam em seu espaço de origem, tornando-se “gaúchos” em terras goianas.

A análise busca a dinâmica do processo que motivou a recriação identitária em um processo de reterritorialização desenvolvido a partir da oposição ao estabelecido, gerando preconceitos e estigmas. Busca também a percepção de uma releitura sobre a cultura gaúcha, cultura essa eivada de novas tonalidades, na medida em que há uma identificação gaúcha e também a recriação de uma cultura gaúcha.

Na investigação feita para este estudo, procura-se responder, fundamentalmente, à seguinte questão: que razões motivaram o fenômeno sulista de tornar-se “gaúcho” em Mineiros?

Após uma contextualização da realidade rio-grandense identificando a cultura imigrante européia e a cultura gaúcha, investigam-se as razões da imigração para Goiás. Continuando, destacam-se as dificuldades do sulista quanto à adaptabilidade e os desafios de conviver com o estabelecido e de criar seu próprio espaço. Na busca pela auto-afirmação em um espaço cuja sociedade já se encontra organizada, os sulistas reorganizam-se para conseguir coesão grupal e, para isso, reelaboram a sua própria identidade.

Para atingir os objetivos propostos, adotou-se, como referencial teórico, o modelo de análise denominado Estabelecidos e *Outsiders*, de autoria de Norbert Elias, além de um estudo identitário acerca dos conceitos de identidade a partir de Hall, Castells, Hobsbawm, Albuquerque Junior, entre outros. Houve a necessidade, assim, do desenvolvimento de estudos sobre a formação de preconceitos, estigmas e disputas pelo poder.

A síntese da relação estabelecidos e *outsiders* conclui a análise, na qual se apresenta Mineiros antes e depois dos *outsiders* (sulistas), bem como a persistência da disputa no campo político, em que as razões da formulação da nova identidade dos sulistas servem como causa e efeito.

Palavras-chaves: Sulistas, estabelecidos, identidade, poder.

ABSTRACT

This dissertation has as object of analysis the southern immigration that happens in Mineiros-Go., from a revealing look about the recreation of its identity, becoming them “gauchos” in goianas lands. Southerners proceeding from colonies of Italian europeans and german immigrants, took in Mineiros the culture of the gaucho traditionalism, didn't adored in their origin space.

The analysis searches the dynamics of the process that motivated the identity recreation, in a process of re-territory developed from the opposition to the stablished generating prejudice and stigmas of both parts. As well as, realize the re-reading that they carried out about the gaucho culture, offering it new shades, because when they recreate their identity recognizing them as gauchos, they also recreated the gaucha culture.

The investigation searches to answer, mainly, one question: what reasons motivated the southern phenomenon to became them “gauchos” in Mineiros?

After a contextualization of the rio-grandense reality identifying the European immigrant and gaucha culture, they investigate the reasons of the immigration to Goiás. To continue, it points out the difficulties of the southern related to the adaptability and the challenge of living with the stablished one and create your own space. In search of self-assertation in a space that had an organized society the southerners reorganize themselves to achieve grupal cohesion re-organizing their own identity.

To achieve the proposed goals we took as theoretical reference the model of analysis of Norbert Elias: Stablisheds and Outsiders, besides of identity studies about the concepts of identity from Hall, Castells, Hobsbawm, Alburquerque Junior, among others. Became necessary develop studies about the formation of prejudice, stigmas and disputes of power.

The synthesis of the relation stablisheds and outsiders, conclude the analysis, showing Mineiros before and after the outsiders (southerners) and the persistence of the dispute in the politic field, where the reasons of formulating the southerners new identity serve as cause and effect.

Key words: southerners – stablished – identity - power

INTRODUÇÃO

Seus valores culturais oscilam entre o passado que deixou para trás, que está sendo reconstruído no prédio da memória, e o presente que o invade pelos olhos, ouvidos, boca, peles e nervos. Ele simula um novo território que é o cimento com que busca rejuntar os tijolos das experiências cotidianas do passado e do presente. “‘Erguendo paredes mágicas’, ele busca construir um novo lugar para ocupar no social, o que a “Antropologia Cultural chama de construção de uma nova identidade cultural”.

Durval Muniz de Albuquerque Junior

O fenômeno da diáspora¹ sulista tem sido tema de vários estudos acadêmicos nos últimos tempos. Frequentemente é apresentado dentro de um núcleo de pesquisa voltado para sua contribuição na expansão das fronteiras agrícolas, dedicando grande atenção à prosperidade material e sua transposição cultural, calcada nas implantações dos Centros de Tradições Gaúchas (CTGs).

O presente trabalho, porém, tem como motivação outro olhar sobre o fenômeno. Parte-se de uma comunidade de sulistas, predominantemente originários das regiões de imigração européia do Rio Grande do Sul, em que se constata a criação de uma nova identidade, ou ainda uma mudança de identidade. Isso porque esses sulistas passaram a adotar uma cultura baseada na tradição criada no Sul que pode ser entendida como o mito do gaúcho e o tradicionalismo.

Verifica-se o artificialismo² das tradições gaúchas seguidas pelos sulistas que se instalaram em Mineiros, porque, oriundos de cidades que se formaram de colônias de imigrantes europeus italianos e alemães, eles viveram fechados em suas comunidades

¹ “Diáspora não no sentido mais usual de migração provocada por perseguições políticas ou religiosas, mas pela ‘perseguição do capital’, muito distinta ao se tratar do camponês expulso da terra pela modernização ou pela concentração da propriedade e do empresário em busca de novas áreas agrícolas para investir ou de novas terras e crédito fácil com os quais especular” (HAESBAERT, 1997, p. 19).

² O uso do termo artificialismo refere-se ao fato de os sulistas que imigraram para Mineiros terem adorado um culto ao tradicionalismo gaúcho não vivenciado em sua terra, mas cultuado em outras regiões do Rio Grande do Sul, especialmente nas regiões do latifúndio dos pampas, onde predominou a economia pecuarista.

imaginadas, como continuadoras das tradições italianas e alemãs. Essa, pois, é razão por que se buscam as motivações que levaram à recuperação de uma cultura tradicionalista que não faz parte de uma história e vivência não cultuadas enquanto esses sulistas viviam no Rio Grande do Sul. Observa-se, também, como eles conceberam e recriaram as tradições gaúchas em terras tão distantes, fundando, inclusive, um novo CTG, sem a devida consciência do fato.

A nova realidade tradicionalista desenvolvida em Mineiros pelos sulistas é uma combinação de artificialismo e adaptabilidade, em que a recriação do “mito gaúcho” produziu novas representações, fruto da nova identidade instituída por essa gente em terras goianas. Identificando-se como gaúchos e criando um imaginário de si mesmos, que os uniu e lhes deu coesão e segurança, eles desenvolveram uma solidariedade grupal, que existia entre os estabelecidos, mas inexistente, até então, entre os que chegam.

A compreensão da criação dessa nova identidade desenvolve-se tendo como referencial teórico a análise das relações de poder entre grupos estabelecidos e grupos *outsiders* (recém-chegados), o qual é desenvolvido pelo sociólogo Norbert Elias.

Como será observado, o fenômeno da reterritorialização das tradições gaúchas no cerrado será feito a partir de uma nova significação.

Captar esse contexto da criação de uma nova identidade – as condições em que esse fenômeno aconteceu, os conflitos decorrentes do choque entre as visões de vida, de trabalho, do uso da terra e de valores em geral, entre os que chegam e o grupo já estabelecido, além dos mitos e estigmas criados a partir desta realidade – é a intenção desta análise.

Na primeira parte do trabalho, analisa-se o referencial teórico de Norbert Elias sobre relações sociais entre estabelecidos e *outsiders*, com destaque para as ações e estratégias dos dois grupos que se assemelham à realidade mineirense. Em seguida, verificam-se alguns elementos conceituais acerca da questão identitária, para a compreensão teórica de suas origens, características, formação e recriação, necessários para a compreensão do fenômeno sulista detectado em Mineiros. Para isso, usam-se, como referenciais teóricos para a análise identitária, autores como Stuart Hall, Manuel Castells, Tomas Tadeu Silva, e Hobsbawm .

Na segunda parte do trabalho, dedica-se à análise da diáspora sulista, evidenciando as razões, motivações e as dificuldades de adaptação em solo goiano relatadas. Destaca-se ainda o choque cultural entre as duas culturas (a sulista e a goiana) e os mútuos preconceitos e estigmas desenvolvidos pelos dois grupos. Com olhares etnocêntricos, ambos os grupos julgam-se mutuamente produzindo preconceitos e estigmas a partir das noções peculiares que cada grupo possui sobre concepção da realidade. Visando uma reterritorialização, o grupo sulista vai atrás de uma coesão grupal que não possuía ao chegar em Mineiros, mediante a adoção de uma identidade que lhe é atribuída pelos estabelecidos: gaúchos.

Para compreender a recriação identitária dos sulistas, tornou-se necessário retornar à história do Rio Grande do Sul e produzir um levantamento da construção de duas culturas desenvolvidas no estado: a cultura nas colônias de imigrantes europeus italianos e alemães e a cultura dos pampas que produziu o imaginário do “gaúcho”. Procura-se, assim, compreender uma certa estranheza, ao perceber-se que o sulista de Mineiros, oriundo das regiões das antigas colônias italianas e alemãs, “tornou-se” gaúcho em solo goiano. A reflexão baseia-se em bibliografia de história do Rio Grande do Sul e em indícios apresentados pelos próprios sulistas como canções, fotografias de acervo familiar, além de entrevistas.

Constata-se, ainda, nessa parte da análise a recriação do tradicionalismo gaúcho por meio da construção do Centro de Tradições Gaúchas (CTG), produzido a partir do olhar do sulista que só em Mineiros veio estudar e conhecer a cultura tradicionalista gaúcha. O resultado traduziu-se em uma releitura realizada por meio de adaptações e recriação dessa cultura, conferindo-lhe um sotaque italiano e alemão.

Na terceira parte do trabalho é realizada uma apresentação do mundo dos estabelecidos, a partir de um breve histórico analisa a realidade mineirense antes da chegada dos sulistas, no intuito de compreender a realidade e os valores que norteavam a vida de um contexto social que desde sua origem mantinha-se baseada na cultura produzida a partir da pecuária extensiva tradicional, tida aos olhos de quem chegou como “atrasada”. O foco da análise de Mineiros do estabelecidos é realizada graças a um diálogo entre vários autores sobre a temática “atraso” aferida a Mineiros *pré-outsiders* e adotada pelos sulistas como verdade.

Na seqüência da análise, retratam-se Mineiros *pós-outsiders*, diante das mudanças significativas no cenário rural, econômico, urbano e cultural. Para tanto, faz-se uso do acervo de fotografias de famílias sulistas, bem como de *sites* de órgãos públicos e comerciais da região.

Ao se empregar a titulação “Mineiros dos *Outsiders*”, retratam-se as transformações espaciais produzidas no processo de reterritorialização feita pelos sulistas, trazendo à tona tanto as construções e produções capitalistas materiais quanto os efeitos colaterais desse “progresso” como os problemas ambientais produzidos a partir da recriação desse espaço. Evidenciaram-se dados que comprovam as realidades levantadas junto a órgãos oficiais como IBAMA, IBGE, ONGs ambientais e literatura correspondente. Delineiam-se, daí, a ótica de progresso e modernidade defendida pelos sulistas e a ótica de destruição ecológica defendida pelos estabelecidos, ambientalistas e alguns acadêmicos, atribuindo-se tal responsabilidade aos sulistas.

Na quarta parte do trabalho, analisa-se o setor no qual o conflito estabelecido–*outsider* é realmente visível e aberto. Considerado o último refúgio de domínio dos estabelecidos, que é o campo político, retratam-se as dificuldades dos sulistas de adentrarem em órgãos de liderança, sejam públicos ou classistas, em que os preconceitos e estigmas fluem com grande visibilidade. A análise é feita por meio de reflexões teóricas baseadas em Elias e Albuquerque Junior, no tocante a estratégias de ações e resistências dos dois grupos. Destaca-se o papel do recurso identitário como mecanismo de união dos *outsiders*, para imposição de sua reterritorialização, e dos estabelecidos, para a manutenção fechada de algumas esferas sociais e políticas aos primeiros.

As fontes para o estudo são documentos teóricos, conseguidos para análise junto ao CTG, à prefeitura, a acervos particulares, bem como Atas do CTG, jornais locais e do Rio Grande do Sul, periódicos sulistas, do CTG, da Cooperativa e da Prefeitura Municipal. De grande importância para a análise foi o uso de material iconográfico, como fotografias das cidades, do acervo de famílias sulistas e mineirenses, imagens de revistas, livros e *sites* locais e gaúchos, letras de canções imigrantes, gaúchas e goianas. Além disso conta-se com vasta

pesquisa bibliográfica sobre os contextos históricos e de apoio teórico-metodológico, acrescentada de dados de investigação empírica, com o apoio da tradição oral, desenvolvido a partir de entrevistas realizadas e documentadas por gravações e questionários escritos, dentro das normas de ética exigida.

PARTE 1
A RESISTÊNCIA AO OUTRO, RECONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE E A
DELIMITAÇÃO DA DIFERENÇA

1.1 Estabelecidos e *outsiders* em Mineiros

Deve-se a Norbert Elias e a John Scotson o uso dos termos “estabelecidos” e “*outsiders*”, para tratar de uma sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade inglesa. Adotando esses termos e usando como referência a obra sociológica de Elias e Scotson, este trabalho pauta por uma análise semelhante, tomando emprestados os termos usados na obra *Os estabelecidos e os outsiders* (ELIAS & SCOTSON, 2000, p. 7):

As palavras *establishment* e *established* são utilizadas, em inglês, para designar um grupo de indivíduos que ocupam posições de prestígio e poder. Um *establishment* é um grupo que se autopercebe e que é reconhecido como uma “boa sociedade”, mais poderosa e melhor, uma identidade social construída a partir de uma combinação singular de tradição, autoridade e influência [...] o termo que completa a relação é *outsiders*, os não-membros da “boa comunidade”, os que estão fora dela. Trata-se de um conjunto heterogêneo e difuso de pessoas unidas por laços sociais menos intensos do que aqueles que unem os *establishment*.

Elias e Scotson desenvolveram um instrumento de análise social, fruto de três anos de pesquisa de campo em uma cidadezinha inglesa identificada com o nome fictício de Winston Parva. Possivelmente essa realidade os tenha despertado para um novo olhar sobre as relações de poder em uma sociedade, criando a partir de tal reflexão novos conceitos de análise para a compreensão social e as relações de poder. A importância da obra sociológica de Norbert Elias e Scotson consiste em apresentar um conteúdo universal na análise de relações de poder a partir de uma realidade observada e captada por Elias e Scotson com extrema sensibilidade sociológica.

A competição entre estabelecidos e *outsiders* ocorre a partir das reivindicações de poder destes últimos. Isso porque, enquanto os excluídos aceitam a exclusão, comportando-se como conformados pelo nível de inferioridade política conferida a eles pela sociedade estabelecida, os *outsiders* são por este grupo tolerado, e a tensão entre os grupos é de baixo nível. Mas quando o grupo *outsiders* aspira igualdade legal e social, se desenvolve, nos estabelecidos, uma reação

provocada pela ameaça de seus valores, de suas verdades e de seu orgulho pessoal como superiores que se sentem. Elias (2001, p. 136) cita alguns exemplos dessa situação:

Enquanto os negros permanecem escravos e os judeus, pequenos comerciantes, caixeiros-viajantes através do país, bizarramente vestidos e claramente identificados como membros do gueto, a tensão entre os grupos estabelecidos e *outsiders*, obviamente sempre presente, situa-se em nível relativamente baixo. Esse nível muda quando o grupo *outsiders* aspira a se elevar socialmente [...] a ordem das coisas que aparece para o grupo estabelecido como natural começa então a vacilar. Seu *status* social superior, que é constituído do sentimento que o indivíduo tem de seu próprio valor e do orgulho pessoal [...] é ameaçado pelo fato dos *outsiders*, na verdade desprezados, reivindicam não apenas igualdade social, mas também igualdade humana. [...] os estabelecidos sentem uma humilhação insuportável ter de entrar em competição com membros de um grupo *outsiders* desprezado.

Diante do conflito socialmente estabelecido, os dois grupos apegam-se a razões identitárias para justificar suas causas. “Forjam sua imagem do ‘nós’ sobre o modelo da minoria dos melhores e uma imagem do ‘eles’, a dos *outros* desprezados, sobre o modelo da minoria dos piores” (ELIAS, 2001, p. 138). Os estabelecidos criam para si uma auto-imagem de superiores no espaço, porque se estabeleceram ali antes e, acreditam, dotados de virtudes que faltam aos que chegam. Tal atitude lhes garante poder e monopólio sobre cargos importantes, situações que são garantidas pela coesão interna do grupo estabelecido e pelo controle comunitário, representado pela fofoca elogiosa de si e pela ameaça de fofocas depreciativas dos *outsiders*. Portanto, se o outro é o que considero depreciativo e denunciado, é porque não sou semelhante a ele.

A fofoca elogiosa que tende para a idealização, e como mexerico depreciativo, que tende para a degradação estereotipada, são fenômenos estreitamente ligados à crença no carisma do próprio grupo e na desonra do grupo alheio. (ELIAS, 2000, p. 133).

Os *outsiders*, ao buscarem prestígio social e político, se recusam a assumir a condição de inferioridade, desencadeando o mesmo sentimento em relação ao outro, desenvolvido pelos estabelecidos.

Assim, a coesão e a integração grupal tornam-se fontes de poder, pois garantem a exclusão e a estigmatização do outro, além de preservarem a identidade de superioridade do grupo

dominante no poder político e social. A mesma busca de coesão grupal é desejada pelo *outsider* para questionar a exclusão social e principalmente política.

Em muitas sociedades a estigmatização e a discriminação se manifestam de uma forma sutil, não claramente aparente e proposital. É como se a exclusão fosse encoberta por um véu, que se representa pela igualdade legal, econômica e cultural dos *outsiders*, dissimulando a exclusão no plano social e de poder. Essa situação ocorre quando os *outsiders* não se reconhecem como inferiores, ou cidadãos de segunda categoria, sentimento que é garantido pela vigência de leis de direito, mesmo que não se percebam os obstáculos colocados quanto ao poder social e político em um primeiro momento.

Elias e Scotson observaram em uma comunidade inglesa que problemas em pequena escala do desenvolvimento de uma comunidade e problemas em larga escala do desenvolvimento de um país são inseparáveis. Assim, a realidade por eles observada traduzia relações de poder analisáveis em outras escalas, entre Estados, por exemplo. Exemplos claros disso são a estigmatização do “outro” e a supervalorização do “Eu”, tão presentes entre povos, culturas, sociedade e Estados.

Elias percebe as formas como esse conflito tem-se resolvido no decorrer da história. São exemplos a assimilação ou a separação de territórios formando novos Estados, ou ainda de forma mais violenta a expulsão e a eliminação dos *outsiders*. Segundo esse autor, o processo de assimilação é longo, chegando a levar mais de três gerações para acontecer. E complementa dizendo que, quanto mais tênue o conflito, mais propício à assimilação dos *outsiders* pelos estabelecidos.

Em sua obra sociológica, Elias conseguiu mostrar como processos sociais em pequenas escalas podem elucidar sociedades humanas inteiras. Ele explica, por exemplo, como um grupo de pessoas consegue manipular e monopolizar as oportunidades de poder e utilizá-las para excluir, estigmatizar, discriminar outros grupos, mesmos que semelhantes a si. Trata-se de análise que, portanto, é capaz de explicar as relações entre classes, grupos étnicos, conflitos de gênero, pais e filhos, homossexuais e heterossexuais, colonos e imperialistas etc.

O modelo de uma figuração estabelecidos-*outsiders* que resulta da investigação de uma comunidade pequena, como a de Winston Parva, pode funcionar como uma espécie de “paradigma empírico”. Aplicando-o como gabarito a outras configurações mais complexas desse tipo, pode-se compreender melhor as características estruturais que elas têm em comum e as razões porque, em condições diferentes, elas funcionam e se desenvolvem segundo diferentes linhas. (ELIAS, 2000, p. 21)

Mediante a aplicação do modelo de análise social de Elias e Scotson, para compreender as relações de poder em Mineiros a partir da imigração sulista, identificam-se os mineienses como *establishment* (estabelecidos) e os imigrantes sulistas como *outsiders* (recém-chegados). Embora a situação de enfrentamento em Mineiros não se apresente tão extremista, como a situação apresentada no modelo de análise de Elias e Scotson, percebido em Winston Parva, o modelo pode inspirar a investigação que transcorrerá no decifrar do jogo de poder entre os dois grupos, revelando as dinâmicas e estratégias utilizadas por ambos.

As relações de poder tornam-se acirradas em um ambiente social quando a segurança sentida pelo grupo estabelecido é ameaçada por *outsiders* que também buscam seu espaço de reconhecimento e promoção social. Tal fato desencadeia uma solidariedade entre o grupo estabelecido, que na luta pela manutenção de seu *status* procura desenvolver mecanismos para manter o afastamento dos *outsiders*, sobretudo, da esfera política.

Da obra de Elias e Scotson, além dos conceitos básicos já citados (estabelecidos e *outsiders*), as estratégias de defesa dos dois grupos – que os autores justificam e explicam com um olhar sociológico –, se assemelham aos instrumentos de estigmatização como a fofoca, por exemplo, que na realidade mineirense aparece em forma de piadas pejorativas em relação ao outro. Elias define como “fofoca” o mexerico depreciativo do outro, que é inseparável da fofoca elogiosa de si mesmo. Portanto, como afirma Elias (2000, p. 133), “se o outro é o que considero depreciativo e denuncio, é porque não sou”.

Essa estratégia de hostilidade que usa o entretenimento da piada pejorativa do outro tornou-se um meio que mantém sempre vivo o conflito entre estabelecidos e *outsiders* em Mineiros.

Nas dinâmicas e estratégias utilizadas pelos *outsiders* para enfrentar o ambiente considerado hostil, percebem-se a reconstrução de sua identidade e a delimitação da diferença como elementos teóricos que revelam a realidade constatada.

Os sulistas, oriundos de regiões das antigas colônias italianas e alemãs do Rio Grande do Sul, que eram fechadas em si, em Mineiros, sentiram a necessidade de um elemento de unidade para conseguir coesão de grupo, elemento esse útil para enfrentar os estabelecidos e seus preconceitos. Disso resultou seu apego ao tradicionalismo gaúcho, não cultuado em suas comunidades, pois os sulistas preservavam a cultura européia de seus ancestrais italianos e alemães trazida para o Rio Grande do Sul. Elias (2000, p. 174) explica esse panorama de enfrentamento:

[...] os recém-chegados empenham-se em melhorar sua situação, enquanto os grupos estabelecidos esforçam-se por manter a que já têm. Os primeiros se ressentem e, muitas vezes, procuram elevar-se do *status* inferior que lhes é atribuído, enquanto os estabelecidos procuram preservar o *status* superior que os recém-chegados parecem ameaçar.

Para Elias, elementos como coesão e integração grupal tornam-se fontes de poder, pois garantem a exclusão e a estigmatização do outro, além de colaborarem para a preservação de sua identidade de superioridade. Já para o outro grupo torna-se meta, visto que, mantendo-se em coesão, consegue-se a ascensão política.

Em muitas sociedades a estigmatização e a discriminação se desenvolvem de uma forma sutil e não são admitidas pelos grupos. De sua parte, o fenômeno da exclusão não é assumida abertamente e fica encoberta por uma fumaça, representada pela igualdade legal, econômica e cultural dos *outsiders*, o que dissimula a exclusão no plano social e de poder. É esta, pois, a realidade que traduz a situação dos sulistas em Mineiros, o que é demonstrado em ocasiões em que os *outsiders* não se reconhecem como inferiores, ou cidadãos de segunda categoria, sentimento que lhes é garantido pela vigência de leis de direito, isso a despeito de não perceberem os obstáculos colocados nos âmbitos dos poderes social e político, em um primeiro momento.

Na visão do historiador Martiniano José Silva (2005, p. 197), o encontro dos estabelecidos com os *outsiders*, em Mineiros, foi, como ele diz,

[...] o encontro da ousadia e intrepidez sulina com a paisagem bucólica dos cerrados ou a sedentária e telúrica “goianidade” sudoestina, representado pelo goiano arredio e sempre introvertido aos primeiros contatos, portanto, austero e sagaz desde os “entretons” da fala [...].

A preservação e o apego à identidade dos estabelecidos, assim como a reconstrução da identidade dos *outsiders*, como elo de coesão e enfrentamento do outro, são processos básicos utilizados pelos dois grupos. A identidade coletiva e a coesão grupal tornam-se imprescindíveis para a auto-afirmação de ambos os grupos.

A identidade é uma construção imaginária que produz coesão social, permitindo a identificação da parte com o todo, do indivíduo frente a uma coletividade, e estabelece a diferença. A identificação é relacional, pois ela se constitui a partir da identificação de uma alteridade. Frente ao eu ou ao nós do pertencimento se coloca a estrangeiridade do outro. (PESAVENTO, 2005, p. 90)

Apesar de vindos do mesmo estado – o Rio Grande do Sul –, os sulistas não possuíam coesão grupal suficiente para auto-afirmarem-se diante do estabelecido, o que os obrigou a buscarem uma identidade comum, capaz de lhes conferir unidade.

1.2 A identidade e a diferença como constructo social

A identidade como criação humana garante ao sujeito social seu pertencimento a um grupo ou esfera social. Assim, vale referir Castells, que “entende [...] por identidade a fonte de significado e experiência de um povo”. E complementa sua explicação com as palavras de Craig Calhoun (CASTELLS, 2006, p. 22) :

Não temos conhecimento de um povo que não tenha nomes, idiomas ou culturas em que alguma forma de distinção entre o eu e o outro, nós e eles, não seja estabelecida... O autoconhecimento – invariavelmente uma construção, não importa o quanto possa parecer uma descoberta – nunca está totalmente dissociado da necessidade de ser conhecido, de modos específico, pelos outros.

Como constructo social, a identidade é, segundo ainda Castells (2006, p. 23),

construída a partir da matéria-prima fornecida pela história, geografia, biologia, instituições produtivas e reprodutivas, memória coletiva, fantasias pessoais, e aparatos de poder e revelações de cunho religioso, que são reorganizadas pelos indivíduos, grupos e sociedades criando seu significado em função de tendências sociais e projetos culturais enraizados em sua estrutura social.

Afora essa discussão, Castells distingue três tipos de identidade. Uma delas é a identidade legitimadora, imputada pelas instituições dominantes para cristalizar sua dominação e que dá origem a uma sociedade civil. A outra denomina-se identidade de resistência, e se realiza mediante formas de resistência coletiva diante da opressão, dando origem a comunidades como o fundamentalismo islâmico e grupos nacionalistas. A última, a identidade de projeto, é a que cria novas identidades capazes de redefinirem a posição de grupos que buscam auto-afirmação na sociedade, transformando a estrutura social e buscando uma vida diferente. São exemplos para este caso o movimento feminista e o ecológico.

A partir da classificação estabelecida por Castells, identifica-se a identidade dos estabelecidos como identidade legitimadora, pois é por meio dela que se garante a dominação social e política local. A busca de uma identidade via coesão, por parte dos sulistas, significa a auto-afirmação social e política, que caracteriza uma identidade de projeto.

Nas palavras de Silva (2000), identidades são, na verdade, comunidades imaginadas, que ligam pessoas por símbolos, mitos, histórias e necessidades. Apesar do hibridismo presente em todas elas e que denuncia sua artificialidade e desmente sua pureza, a identidade não é fixa, não é uma essência, não é estável, unificada, permanente, acabada, homogênea ou transcendental.

A identidade é, portanto, uma construção – instável, contraditória, fragmentada e inacabada – ligada às estruturas discursivas e narrativas, fruto de um sistema de representação, sempre em estreita conexão com o poder. A identidade é, portanto, definida historicamente, não

biologicamente. O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos. A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia, diz Hall (2000).

A existência da identidade implica a existência do “outro” que não é o que sou e, portanto, exige a existência da diferença. Identidade é aquilo que se é; a diferença é aquilo que o “outro” é. Logo, identidade e diferença são estreitamente dependentes, ainda que sejam frutos da linguagem, produzidas social e não naturalmente, explica Hall (2000).

Com um olhar psicanalítico, inspirado em Freud e Lacan, Hall (2006, p. 38-39) faz a seguinte afirmação a respeito de identidade:

A identidade é realmente algo formado, ao longo do tempo, através de processos inconscientes, e não algo inato, existente na consciência e no momento do nascimento. Existe sempre algo “imaginário” ou fantasioso sobre sua unidade, ela permanece sempre incompleta, está sempre em processo [...] a identidade surge não da plenitude da identidade que já está dentro de nós como indivíduos, mas de uma falta de inteireza que é preenchida a partir de nosso exterior, pelas formas através das quais nós imaginamos ser vistos por outros.

Ao mostrar como a identidade não é inata, Lacan³ afirma que o eu inteiro e unificado é algo que a criança aprende apenas gradualmente, parcialmente e com dificuldade, posto que não é natural, mas formada na relação com os outros em negociações psíquicas inconscientes.

A identidade não é uma realidade inata, pois é formada e moldada no decorrer do tempo, sendo, portanto, um discurso envolvendo poder e dominação. Trata-se de fenômeno que reflete as representações que as sociedades fazem de si mesmas, as quais são inculcadas por meio da linguagem e da simbologia como produtos da marcação da diferença e da exclusão e não como signos da unidade idêntica.

A identidade produz uma comunidade simbólica criada para explicar seu poder e conseguir um sentimento de cooperação e lealdade, que se baseia nas tradições do passado ou

³ Convém assinalar que, apesar da crítica à visão psicanalítica, considerada muito subjetiva, sua análise tem influenciado estudiosos do assunto.

na criação de tradições que não existiram. Como afirma Hobsbawm (2006), acreditar e cultivar essas tradições, é conveniente, visão que justifica a adoção do tradicionalismo gaúcho pelos sulistas em Mineiros.

Dessas concepções sobre identidade, desenvolvidas por Hall, Silva, Castells, Hobsbawm, e das reflexões sobre preconceitos e estigmas desenvolvidas, em Goiás, por Albuquerque Junior e Borges, e ainda com base no método sociológico de Norbert Elias, propõe-se desenvolver uma reflexão sobre a construção do gaúcho de Mineiros, em Goiás.

PARTE 2

A RETERRITORALIZAÇÃO DOS SULISTAS EM MINEIROS

2.1 A diáspora sulistas: razões e motivações da migração

É imprescindível compreender o processo que motivou a diáspora sulista para entender suas ações na recriação tanto do seu espaço físico quanto do seu espaço cultural, social e econômico em Mineiros, assim como da sua própria cultura como grupo *outsiders*.

Fruto de um raro êxodo nos dias de hoje – o “rural-rural” –, um contingente de pessoas originárias dos minifúndios sulistas seguiu para o norte do Brasil e até para países vizinhos. As razões para tal mobilização encontram-se, sobretudo, na pressão demográfica sofrida nesses minifúndios com famílias numerosas que habitavam essas pequenas propriedades, aliada à crise econômica que passou o Rio Grande do Sul nos anos de 1970 e 1980. Esse movimento migratório agravou-se tendo em vista a impossibilidade de buscar na cidade uma alternativa à crise rural, pois o setor industrial e o setor terciário também se encontravam em crise. Assim restou partir em busca de novas terras em outras regiões, como refere Müller (1998, p. 224):

Em meados da década de 80, havia um desalento dos gaúchos em relação à situação econômica do Estado: a produção agrícola atingira um patamar cuja superação parecia impossível, as safras oscilavam violentamente em função de fatores climáticos, a produtividade não avançava e os preços internacionais caíam. A produção industrial estava estagnada e, em virtude da conjuntura nacional, a possibilidade de atrair investimentos externos era remota. Para completar o quadro, o setor público, que nos anos anteriores injetara algum dinamismo, mergulhou na crise fiscal decorrente do desequilíbrio orçamentário e do esgotamento de sua capacidade de endividamento.

Na década de 1980, a crise da agropecuária gaúcha agravou-se ainda mais em decorrência de problemas climáticos. As secas de 1985 e 1986 provocaram quedas de produção em todas as culturas. Além da baixa produção em 1986, o Plano Cruzado congelou os preços, impedindo que o valor pago pelos produtos compensasse a baixa produtividade.

No período seguinte houve estímulo ao plantio com a política dos preços mínimos, mas a hiperinflação sobre os insumos e o descongelamento dos preços, em geral, descapitalizaram ainda mais os produtores. Seguiram-se as secas de 1987 e 1988, a despeito de a safra de 1988 e 1989 ter sido recorde, e os efeitos positivos para a economia do estado e dos agricultores que acumulavam dificuldades foram muito limitados (MÜLLER, 1998, p. 234).

Na verdade, em quase toda a década de 1980 os produtos agropecuários em geral obtiveram baixas cotações de preços, situação agravada pelo aumento dos custos de produção, que cresciam desde o primeiro choque do petróleo de 1973. Combustíveis, fertilizantes e defensivos ficaram muito caros. Além disso, houve uma diminuição dos subsídios governamentais, com alta dos juros e uma grande defasagem dos preços entre produtos e insumos, tudo isso refletindo sobre o sistema cooperativo e gerando a falência de grandes entidades cooperativas, o que agravou ainda mais a situação da agricultura.

Entre 1970 e 1985, a agropecuária gaúcha cresceu a uma taxa média anual de apenas 2,14%, menor que a nacional (5,86%). Vale lembrar que em 1970 o Rio Grande do Sul era responsável por 15,62% do PIB agropecuário nacional. Em 1985 participou com apenas 9,31% e em 1990 com 5,16% (MULLER, 1998). Saliente-se que nesse período todo o país passava por uma recessão.

Nos anos de 1970 a 1980, descapitalizadas, desestimuladas e sem áreas para expansão, as pequenas e médias propriedades, sobretudo, começam a exportar contingentes de braços que buscavam novas oportunidades onde a terra era mais barata e farta.

As terras limitadas, as pequenas propriedades e a pressão demográfica que leva o fracionamento da terra ao limite tornam inviável a absorção de novos contingentes populacionais que se formam com os casamentos. Isso porque o padrão de vida que os pais possuíam, quando os filhos eram pequenos, não podem ser repetidos pelas novas famílias no minifúndio, empobrecendo todos. Para não fracionar, portanto, ainda mais a terra, as famílias estimularam as novas gerações a partirem para regiões onde pudessem abrigar as novas gerações de produtores, o que é explicado desse modo por Müller (1998, p. 269):

Depois de esgotar a área cultivável do RS, e em busca de terras para plantar, os gaúchos haviam ajudado a ampliar a fronteira agrícola brasileira. Semeando soja e arroz e criando gado no centro-oeste e Amazônia. Após mais de um século acolhendo imigrantes, o Rio Grande do Sul se transforma em provedor [e] a partir de 1940 a participação do Estado na população brasileira passou a diminuir de 8,05% para 8,02% na década seguinte e de uma forma mais rápida a partir de então. Em 1980 era de 6,53%.

Segundo o IBGE, nos dias atuais a participação da população do Rio Grande do Sul na população brasileira é de aproximadamente 6%.



Figura 1

Propriedade da família Parmeggiani em Campinas do Sul, RS

Foto: Inês Parmeggiani, s.d.

Propriedade típica dos minifúndios sulistas, percebendo-se sua característica básica de policultura: agricultura variada, pecuária leiteira, suína etc. Nota-se um relativo conforto para a família, mas sem condições de abrigar as novas famílias que se formavam.

Vale lembrar que a crise econômica que sufocou os minifúndios criou um excedente de mão-de-obra rural sem ocupação e espaço, além de ter concorrido para concentrar ainda mais a terra no Rio Grande do Sul. Desse modo, os agricultores que não tinham condições de migrar,

via engajamento em projetos governamentais, e destituídos de um capital mínimo para migrar por conta própria, empenharam-se nas lutas pela terra dentro do próprio estado. Daí o fato de o Rio Grande do Sul ser o berço do Movimento dos Sem-Terra (MST), muito atuante hoje no Brasil.



Figura 2
Marcha do MST em São Gabriel, agosto de 2003.
Fonte: PILETTI, 2007, p. 183.

A realidade de crise, de concentração da terra, da falta de oportunidades geradas pelo contexto recessivo nacional e do próprio Rio Grande do Sul tornou-se tema comum das canções da música nativista gaúcha que evidenciam essa realidade. Veja-se a letra da canção intitulada “Herdeiro de uma pampa pobre”,⁴ de Vaine Darte, que ilustra essa realidade:

Que pampa é essa que eu recebo agora,
com a missão de cultivar raízes,
se dessa pampa que me fala a história,
não me deixaram nem sequer matizes?

passam às mãos da minha geração,
heranças feitas de fortunas rotas,

⁴ Disponível em: <www.paginadogaicho.com.br>. Acesso em: 15 jul. 2007.

campos desertos que não geram pão,
onde a ganância anda de rédeas soltas,

se for preciso, eu volto a ser caudilho,
por essa pampa que ficou pra trás,
porque eu não quero deixar pro meu filho,
a pampa pobre que herdei de meu pai,

herdei um campo onde o patrão é rei,
tendo poderes sobre o pão e as águas,
onde esquecido vive o peão sem leis,
de pés descalços cabresteando mágoas,

o que hoje eu herdo da minha grei chirua,
é um desafio que a minha idade afronta,
pois me deixaram com a guaiaca nua,
para pagar uma porção de contas,

se for preciso, eu volto a ser caudilho,
por essa pampa que ficou pra trás,
porque eu não quero deixar pro meu filho,
a pampa pobre que herdei de meu pai.

As razões um dia mobilizadas por antepassados alemães e italianos, rumo a um mundo desconhecido e em busca de terras e oportunidades, abandonando o solo europeu, principalmente no século XIX, se repetiram com os descendentes desses imigrantes, na segunda metade do século XX. Sem espaço para expansão dentro do Rio Grande do Sul, eles partiram em caminhada rumo ao Norte, atrás da tão cobiçada terra, para si e seus descendentes.

Neste estudo o foco é a migração sulista a partir dos anos de 1970, cujo movimento já ocorria, ainda que lentamente, desde a década de 1930, ocasionada principalmente pela pressão demográfica dos minifúndios (Figura 03). Nos anos de 1970 em diante, o movimento se intensificou, por conta de outros fatores além da questão fundiária.

A fuga foi de um ambiente de crise, do esgotamento da expansão da propriedade. Com experiência de trabalho na terra e acima de tudo com conhecimento técnico, o Rio Grande do Sul era até então o estado que, até os anos de 1970, encontrava-se mais mecanizado na agricultura e era pioneiro na produção de soja. Os sulistas, esperançosos com a fartura de terras baratas no Centro-Oeste, chegaram no sudoeste goiano para tentar no cerrado inóspito a

realização de um sonho difícil de realizar em sua terra natal: conquistar a terra, um bem maior, garantia de trabalho e futuro para si e seus filhos. Como afirma um dos entrevistados para este estudo (Entrevistado 1),⁵ que chegou em Mineiros em 1983, “a gente ficava entusiasmado com tanta terra e tão barata. Com a venda de um hectare no Sul dava pra comprar cinquenta hectares em Mineiros!”

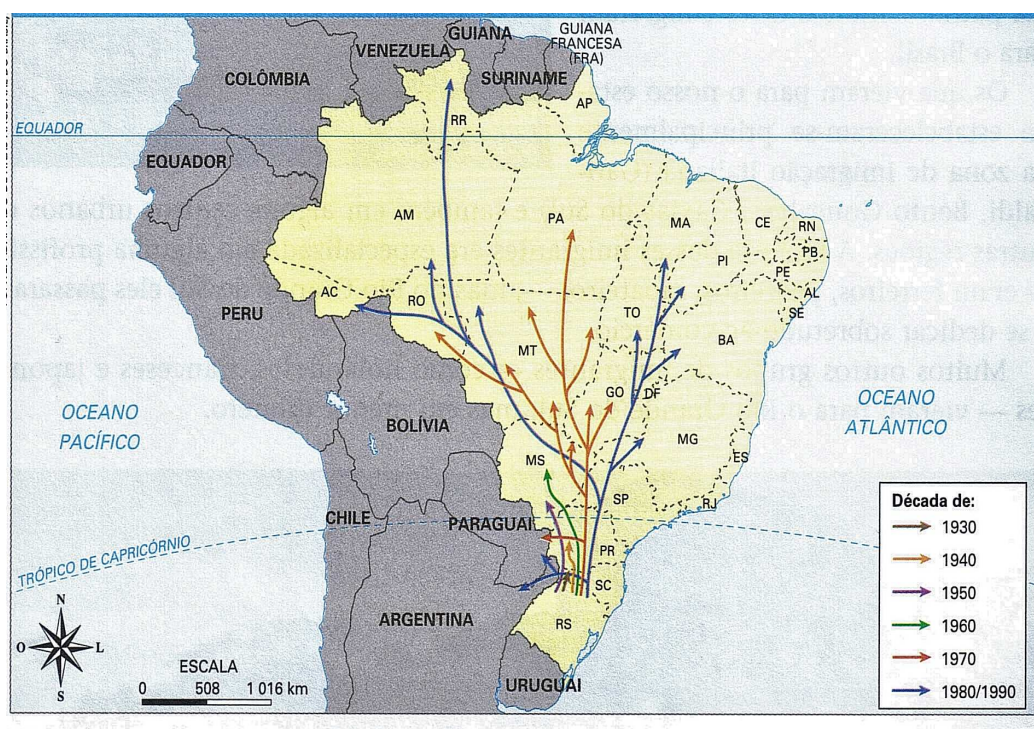


Figura 3
Mapa da trajetória interna da imigração sulista.
Fonte: PILETTI, 2007, p.114

A presença sulista em Goiás e as razões da migração foram percebidas dessa forma por Capel (2007, p. 59):

Grandes e pequenos proprietários, trabalhadores assalariados e suas famílias, têm sido empurrados devido o esgotamento da fronteira agrícola no sul, além do aumento dos custos da produção devido à necessidade, cada vez maior, de aplicação de capital

⁵ Sulista, produtor rural. Entrevista concedida em 18 de janeiro de 2008.

intensivo em áreas já ocupadas e devidamente exploradas em termos econômicos. Aliado a esse aspecto, o interior do Brasil, notadamente, as áreas de grande potencial econômico, a região centro-oeste, por exemplo, têm seduzido levas de migrantes advindos do Sul, entusiasmados com o baixo preço da terra (se comparados às do Sul), e com as possibilidades de estabelecimento de núcleos agropecuários respaldados pela ação estatal.

No início desse movimento, a grande maioria dos sulistas passou a residir diretamente nas lavouras e o trabalho era difícil, predominantemente familiar, transferindo para o interior de Goiás a ideologia de trabalho intensivo como caminho para a prosperidade. Com a cultura de muito trabalho e esforço, produziam quase tudo do que precisavam em casa e compravam o mínimo possível, com a mesma mentalidade que possuíam no minifúndio sulista de aproveitar o máximo que a terra pode oferecer, prática que demonstra a mentalidade de acumular para crescer.

As habitações eram improvisadas e alguns se mantiveram por longos meses residindo sob casas de lona, até plantarem e, então, poderem melhorar as instalações. Algumas, construídas de forma muito simples e até precárias, se tornaram moradias por anos consecutivos, como pode ser visto nas seguintes fotos (Figuras 4, 5 e 6), orgulhosamente oferecidas por alguns sulistas.



Figura 4. Primeira habitação na fazenda de PS, 1974.



Figura 5

Figura 6

Instalações dos primeiros anos da família Parmeggiani, em Mineiros, 1985.

Fonte: Inês Parmeggiani, 1985.



Figura 7

Figura 8

Fonte: Família Piccinini, 1990.

Os tempos eram propícios, o regime militar, então vigente, estimulava, por meio de vários programas de financiamento, a expansão para o interior do país. A versão do governo

militar da Marcha para o Oeste,⁶ iniciada por Vargas, ocorreu em programas como o PRODOESTE – Programa Desenvolvimento do Centro-Oeste –, que investia em infra-estrutura para escoamento da produção, favorecia o crédito rural e oferecia incentivos fiscais, um estímulo à migração rumo ao Centro-Oeste.

O projeto governamental que favorecia a expansão da fronteira agrícola rumo ao Centro-Oeste e Norte não visava resolver os problemas sociais das regiões de minifúndios sulistas. Pretendia, sim, expandir a dinâmica capitalista para a periferia do território, desenvolvendo uma agricultura moderna que oferecesse *commodities* para exportação e automaticamente conseguir superávit na balança comercial. Com isso, compensavam-se as importações, especialmente depois da crise do petróleo de 1973 e do agravamento da dívida externa brasileira.

Soma-se a isso o interesse do capital multinacional em introduzir os pacotes tecnológicos da Revolução Verde⁷ para o Brasil, atrelando a nova dinâmica do espaço agrário ao processo de acumulação capitalista internacional e urbano-industrial. O PRODOESTE e o POLOCENTRO (Programa de Desenvolvimento dos Cerrados), criados em 1975, no governo de Ernesto Geisel, como prática da política do Segundo Plano Nacional de Desenvolvimento Econômico (II PND), serviram de ponto de partida para a gigantesca expansão do agronegócio do Centro-Oeste.

⁶ A Marcha para o Oeste definiu-se como um das faces da política econômica de Vargas, como pode ser comprovado pelo seu discurso citado em Silva (2001, p. 26): “Torna-se imperioso localizar, no centro geográfico do País, poderosas forças capazes de irradiar e garantir a nossa expansão futura. Do alto dos nossos chapadões infindáveis, onde estarão, amanhã, grandes celeiros do país, deverá descer a onda civilizadora para as planícies do oeste e do nordeste”.

⁷ “Processo de aumento da produtividade de cereais básicos [...] desenvolvido a partir dos anos 50, com financiamento de instituições de pesquisa norte-americana em área experimentados da América Latina e Ásia. Foi idealizado para permitir o aumento da produção, sem que fosse necessária a mudança da estrutura da propriedade por meio de reforma agrária [...], o que exigia intensa aplicação de fertilizantes e defensivos, utilização de irrigação, etc., o que demandava recursos de que os países subdesenvolvidos não dispunham” (SANDRONI, 2002, p.531).

[...] o II PND [...] propunha-se a transformar o Brasil em uma potência emergente [...]. As relações com o exterior seriam revolucionadas, fundamentalmente com a intensificação das exportações. Estas deveriam crescer a uma taxa de 20% ao ano [...] As exportações teriam como principais fontes de impulso a agricultura (soja) e a pecuária. Para isso, previa-se um crescimento agrícola de 7% ao ano, graças à modernização do setor e, sobretudo, à expansão da fronteira agrícola. (SANDRONI, 2002, p. 470)

Os planos de apoio e expansão tinham como alvo os projetos de colonização oficiais e a expansão da agricultura. Apesar de Mineiros ser fruto de uma imigração sulista espontânea, essa cidade foi beneficiada pelos programas governamentais e, por meio do Banco do Brasil, essa imigração conseguiu apoio financeiro e as vantagens oferecidas à implantação da moderna agricultura. Vale lembrar que os financiamentos eram atrelados aos pacotes tecnológicos que envolviam máquinas, insumos fertilizantes entre outros produtos destinados à expansão da grande lavoura de exportação.

Tinha o POLOCENTRO. Quem conseguia aquele financiamento se dava bem, porque era muito dinheiro para infra-estrutura. Dava para construir galpões, moradias, comprar máquinas, com juros muito baixos, quase a fundo perdido, com muitos anos para pagar.⁸

Diante de um cenário propício com terra barata, embora rude e ácida, os sulistas enfrentaram o desafio de torná-las férteis e produtivas. “Não havia nada que, para quem nasceu na terra e conhecia sua lida, não a conseguisse domar”, afirma um agricultor (Entrevistado nº 1).

No contexto de incentivo governamental à expansão das fronteiras agrícola para o interior, houve a preferência do próprio governo para que essa tarefa fosse feita por colonos sulistas. Opção justificada pela cultura de trabalho intensivo nos minifúndios desenvolvidos por essa gente de origem européia e de mentalidade capitalista formada, isso agregado ao seu conhecimento de mecanização das lavouras e ao costume de trabalho árduo nos minifúndios sulistas. Assim, poderia ser mais rápida e eficiente a expansão do projeto de produção de *commodities* no Centro-Oeste. Justificativa que é contestada pela reflexão de Albuquerque

⁸ Depoimento do entrevistado no. 05, que chegou em 1984 a Mineiros.

Júnior (2007), ao defender a existência do “preconceito contra a origem geográfica” atribuída, por exemplo, aos nordestinos considerados “preguiçosos”, o que privilegiou os sulistas imigrantes europeus, dados os atributos de mais esforçados e trabalhadores.

Como já afirmado anteriormente, os sulistas migrantes para Mineiros eram, na sua maioria, pessoas vindas das regiões de imigração italiana e alemã do interior do Rio Grande do Sul. Apesar da semelhança étnica, o processo de implantação dos colonos sulistas em Mineiros diferenciou-se da colonização dos sulistas que desbravaram o Mato Grosso, em projetos de colonização organizados pelo governo militar. Os que foram para Mineiros o fizeram por conta própria, por meio de uma colonização que pode ser chamada de espontânea.

O sucesso dos primeiros em conseguir terra farta e barata e as boas colheitas nas primeiras safras animaram outros a fazerem o mesmo. O lugar era considerado muito distante, segundo relatos dos pioneiros, e sua partida, dolorosa e muito chorada, como se nunca mais fosse possível rever os que ficaram para trás. “A gente tinha medo, porque primeiro tinha que plantar arroz, e arroz é muito duvidoso...arriscado... o lugar era longe ...dava medo, mas a gente tinha muita esperança”, disse um sulista (Entrevistado n.1),⁹ que chegou em Mineiros em 1983. E a esposa dele (Entrevistado n° 2) complementa: “Chorei muito, dava vontade de voltar, aqui era tudo diferente do jeito que agente vivia lá no Sul”.¹⁰

Hoje a música nativista gaúcha incorporou a realidade da diáspora sulista e canta esse momento, a exemplo da composição de Nerito Sarturi, intitulada “Pito”,¹¹ uma das canções mais cantadas nos CTGs fora do Rio Grande do Sul.

Olha, Guri ! Repara o que estás fazendo,
Depois que fores é difícil de voltar;
Passei-te um pito e continuas remoendo,
Teu sonho moço deste rancho abandonar.

⁹ Depoimento concedido no dia 18 de janeiro de 2008.

¹⁰ Idem.

¹¹ Disponível em: <www.musicagaucha.com.br>. Acesso em: 18 jul. 2007.

Olha, Guri ! Lá no povo é diferente,
E, certamente, faltará o que tens aqui;
Eu só te peço: Não esqueça de tua gente,
De vez em quando, manda uma carta, guri.

Se vais embora, por favor não te detenhas,
Sigas em frente e não olhes para trás;
Assim não vais ver a lágrima insistente,
Que molha o rosto do teu velho, meu rapaz

[..]

Olha, Guri! Leva uns cobres de reserva,
Pega uma erva pra cevar teu chimarão;
E leva um charque, que é pra ver se tu conservas,
Uma pontinha de amor por este chão.

Terras inóspitas, gente estranha, de um olhar curioso e desconfiado, um futuro incerto. Essa realidade cria no sulista uma insegurança muito grande, apesar de toda a esperança do sucesso material. A vida nova diante do desconhecido era uma incógnita, como declara mais um entrevistado (nº 8):

No começo, principalmente no primeiro ano, a gente sentiu muita dificuldade em se adaptar, tinha vontade de voltar, ficava muito na fazenda, era difícil participar do meio social, [...] a sociabilidade era muito difícil [...] foi um choque, a gente fica todo tempo comparando e lembrando como era lá no sul, como se quisesse mudar tudo aqui, como se o certo era como era lá. Depois a gente aprende que tem que se adaptar. [...] A gente sofre para se adaptar aos costumes e até ao clima. Chegamos em agosto, já vinha traumatizada pela seca de lá. Até o organismo sentiu, a pele escamava, os lábios rachavam, e eu pensava: “aqui tem que chover!”. Eu vim conhecer em dezembro e chovia muito.¹²

Um sentimento muito comum revelado por muitos sulistas e que lhes proporcionava ânimo e coragem de enfrentar o desafio de instalar-se em terras desconhecidas era o desejo de acumular capital suficiente para voltar para Sul e comprar um pedaço de terra por lá. Era como se a estadia em terras goianas fosse uma situação provisória, como revelam as declarações: “nós

¹² Sulista, produtora rural. Entrevistada em 20 de janeiro de 2008.

pensávamos em ficar aqui uns cinco anos, juntar dinheiro, fazer um pé-de-meia e voltar para o Sul. Com dinheiro a gente consegue terra por lá” (Entrevistada nº 2). Mas o sentimento de voltar foi se apagando com a construção das fazendas, das casas, com os filhos sendo criados em terras goianas. E acima de tudo com a superação de insegurança diante do desconhecido.

Uma das formas de se sentir em casa foi juntar-se aos outros sulistas que conheceram, na sua maioria, ao chegarem em Mineiros. Não havia muita intimidade. A realidade comum era o fato de terem vindo do Rio Grande do Sul e essa realidade foi o que se tornou grande elo de unidade desse grupo. O Rio Grande do Sul foi a grande referência a unir esses colonos, de origem italiana e alemã, embora entre eles também houvesse holandeses. Diante do olhar desconfiado e arredo do estabelecido, foi necessário unir-se em torno do único elo que havia em comum e que proporcionava um sentimento de segurança e conforto. A busca da coesão do grupo foi uma necessidade para esses *outsiders*.

A grande diferença da colonização de Mineiros e do sudoeste goiano em relação à onda de colonização que se manifestava nos anos de 1970 e 1980, realizadas especialmente em direção ao Mato Grosso pelos sulistas, diz respeito ao fato de aquelas colonizações terem sido planejadas via projetos governamentais. Nelas, toda nova realidade local foi recriada por colonos que, com orientação, apoio técnico, econômico e político do governo e geralmente de cooperativas de colonização especialmente criadas para esse fim – como a Cooperativa 31 de Março, de Tenente Portela, e a Coopercana (Cooperativa Mista Canarana Ltda.) – deram origem a várias cidades, dentre elas Canarana, Água Boa, Querência, e muitas outras.

Nesses locais literalmente criados pelos sulistas, não havia situações de enfrentamento com os estabelecidos, diante de uma eventual realidade social organizada e criada. Na sua maioria, não existia uma sociedade com história e tradição própria para ser enfrentada.

Diferentemente dos projetos de colonização do Mato Grosso, em Mineiros existia uma sociedade organizada, com identidade, cultura, história e tradições. Ali o recém-chegado não era o sujeito da história, nem dela fazia parte, ainda.

A pista dada aos *outsiders* para a busca de uma identidade que os uniria e lhes proporcionaria coesão de grupo para encontrar espaço na sociedade local foi oferecida pelos próprios estabelecidos, que consideravam todos os sulistas que chegavam como “gaúchos”.

2.2 Os sulistas em Mineiros e a necessidade da reconstrução da identidade

O fortalecimento de identidades locais pode ser visto na forte reação defensiva daqueles membros dos grupos étnicos dominantes que se sentem ameaçados pela presença de outras culturas, conforme argumenta Hall (2006, p. 85).

Com um olhar sociológico observa-se que o encontro dos *outsiders* sulistas com os estabelecidos goianos trouxe um confronto velado, em que ambos passam a ver o outro como opositor. Muito desse confronto pode ser justificado pelas palavras de Elias (2000), que em sua pesquisa sobre a migração ocorrida em uma pequena cidade no interior da Inglaterra, na década de 1950, analisa uma situação parecida com o estudo em questão. Para esse autor,

[o estabelecido que] teve tempo de criar, a partir da corrente predominante de sua tradição nacional, uma vida comunitária bastante estável, uma tradição provinciana própria. [Ele] viu-se diante do fato de que chegava, em seu seio, pessoas estas que, até certo ponto, tinham idéias maneiras e crenças diferentes das que eram costumeiras e valorizadas em seu círculo [...]. [Assim,] os recém-chegados foram vistos como uma ameaça a essa ordem, não porque tivessem qualquer intenção de perturbá-los, mas porque seu comportamento levava os velhos residentes a achar que qualquer contato estreito com eles rebaixaria seu próprio *status* [...]. [Em] ordens sociais de mobilidade é comum que as pessoas sejam extremamente sensíveis em relação a tudo o que possa ameaçar sua posição. É comum que elas desenvolvam angústias ligadas ao *status*. (ELIAS, 2000, p. 167)

As tensões entre recém-chegados e os estabelecidos parece adquirir contornos reais quando

os recém-chegados empenham-se em melhorar sua situação, enquanto os grupos estabelecidos esforçam-se por manter a que já têm. Os primeiros se ressentem e, muitas vezes, procuram elevar-se do *status* inferior que lhe é atribuído, enquanto os estabelecidos procuram preservar o *status* superior que os recém-chegados parecem ameaçar. (ELIAS, 2000, p. 174)

Apesar de não admitido publicamente, o enfrentamento entre estabelecidos e *outsiders* tornou-se visível pela prática constante de contar e criar piadas e histórias depreciativas do

“outro”, especialmente os goianos em relação aos gaúchos, como confirma o senhor baiano radicado em Mineiros:

Depois que os gaúchos chegaram aliviou a carga sobre os nordestinos. Antes só tinha piada de baiano [...]. O preconceito aparece de várias formas: na linguagem, nos olhares, na piada, no boato. É comum ouvir: “isso é coisa de gaúcho” – afirmação usada de forma depreciativa. Ou ainda : “Goiano não vai mudar nunca, é atrasado!”.¹³

Este fato leva a constatar que se trata de um enfrentamento que se assemelha ao que Elias (2000) define como “fofoca”. Segundo o autor, estruturalmente o mexerico depreciativo do outro é inseparável da fofoca elogiosa de si mesmo. Portanto, se o outro é o que considero depreciativo e denuncio, é porque não sou. “A fofoca elogiosa tende para a idealização, como o mexerico depreciativo tende para a degradação estereotipada; são fenômenos estreitamente ligados à crença no carisma do próprio grupo e na desonra do agrupo alheio”, explica Elias (2000, p. 133).

As piadas que parecem entretenimento, na verdade, constituíram um fluxo de coesão dentro da comunidade dos estabelecidos, na medida em que depreciam o *outsider* sulista. Com o tempo, essa prática começou a ser copiada pelos próprios sulistas em relação ao goiano.

A rejeição ao *outsider* apareceu de forma sutil em momentos como o relatado por uma produtora rural (Entrevistada n. 08), que ao dirigir-se ao Banco do Brasil em 1985 para fazer seu cadastro foi recebida pelo gerente com a seguinte observação: “Não basta os gaúchos virem trabalhar aqui; agora vêm as gaúchas também!”

Outra constatação que será aprofundada posteriormente refere-se às atitudes de fechamento de todos os espaços de liderança para os recém-chegados.

Os sulistas, por sua vez, chegaram humildes e desconfiados, mas ao começarem a prosperar economicamente passaram a desenvolver um sentimento de “superioridade” em

¹³ Martiniano J. Silva, advogado e escritor. Entrevista concedida em 10 de janeiro de 2008.

relação ao goiano mineirense, diante da conclusão de que a terra local não era aproveitada por falta de capacidade dos antigos donos. Sua chegada era um espécie de “missão civilizadora” em terras boas, mas que necessitou que eles, os sulistas, viessem para trazer tecnologia e trabalho com produtividade. Eles seriam os redutores do progresso e da prosperidade. Para Elias (2000, p. 175), segundo essa visão, tanto os estabelecidos como os recém-chegados

[...] são indivíduos criados com uma rigidez particular de visão e de conduta; muitas vezes, foram criados acreditando que todo o mundo tem ou deveria ter, essencialmente, os mesmos sentimentos e comportamentos que eles. É muito provável que não tenham sido preparados para os problemas que surgem quando os recém-chegados se encontram com velhos moradores de sentimentos e condutas diferentes, que reagem de maneira negativa a seus estilos de comportamento.

Definidos como gaúchos pelos mineienses, os sulistas não eram exatamente como o imaginário do gaúcho que o Rio Grande do Sul exportou: morenos, enormes bigodes, usando bombachas e chapéu. Eles não falavam “tchê” nem “barbaridade”, nem “bah!”, mas falavam com sotaque puxado para o italiano e alemão, não pronunciavam os “rrs” e tinham um vocabulário muito esquisito: bergamota (mexerica), bicha (fila), carpim (meia masculina), fazenda (tecido), granja (fazenda), pechada (acidente de carro), terneiro (bezerro) devereda (de repente), nono (avô) e tantas outras. Termos que sempre serviram de matéria-prima para piadas.

Seus nomes e sobrenomes eram estranhos e alguns difíceis de pronunciar como Schoanberg, Weis, Wust, Piccinini, Schuster, Graebin, Funchetto, Zarth, Passinato, Michelini, Chinazzo, Sandri, Caraffini, Garaffa, Trentin, Fries, Polhlmann, Palharini, Parmeggiani, Berghman, Breitembach, Ferrari, Jalowitzki, Michels, Hack, Grandeaux, Steinmtez, Pelizon, Isoton, Ebbings, Koehler, Bolgenhagem, Wurster, Dalla Vecchia, Guareschi, Piacentini, Ioris, Linck, Specht, Finckler, Kuchnir, Nicolodi, Schreiner, Andreassi, Lauxen, Longhi, Potrich, Del Pizzol, Herrmann, Greke, Cadore, Montellie Galvagni, Hack, Giongo, Bertoldi, além de muitos outros.

Chegam de cidades como Colorado, Carazinho, Não-Me-Toque, Palmeira das Missões, e tantas outras. Segundo informou um dos sulistas (Entrevistado n. 5),¹⁴ somente do município de Colorados eram mais de 70%.

Esses sulistas são filhos de uma geração em que muitos aprenderam o idioma português apenas quando foram matriculados em escola, pois as famílias cultivavam em casa o idioma de seus ancestrais imigrantes europeus.

Eram trabalhadores do campo, pessoas simples, que na grande maioria não estudaram além da 4^a. série do ensino fundamental. Essa realidade foi fruto da vida rural no Rio Grande do Sul, que dificultou a continuidade dos estudos na cidade pelos filhos dessas famílias de agricultores, em geral minifundiários e com poucos recursos para custear seus estudos, por isso necessitando, ainda, dos braços dos filhos no trabalho da terra.

Na verdade, para os estabelecidos que os observavam, esses sulistas eram engraçados e muitas vezes motivo de chacota. Eram considerados loucos e ambiciosos pela forma com que conduziam o desbravamento dos chapadões de cerrado, de sol a sol, com trabalho intensivo e exaustivo. No início, eram definidos, pelos estabelecidos, como “burros”, por trabalharem em chapadões, terras consideradas, até então, como ruins. Mas a razão para tal percepção da terra vem da atividade predominante na região: a pecuária extensiva e a agricultura, em pequena escala, apenas para subsistência, sem uso de tecnologia.

No olhar do pecuarista goiano, sinônimos de terra boa eram as furnas onde havia água o ano todo para o rebanho. Alguns estabelecidos,¹⁵ em depoimentos, se autodenominavam espertos, por conseguirem vender as terras “inférteis” dos chapadões para o povo que chegava ganancioso por terra.

¹⁴ Entrevista concedida em 14 de janeiro de 2008.

¹⁵ Depoimentos concedidos à autora deste estudo, em 2 de julho de 2002, na cidade de Mineiros, ocasião em que os depoentes solicitaram que não fossem identificados.

Conta-se, com frequência, que, quando chegava mais um gaúcho atrás de terra, os corretores goianos chegavam a afirmar: “chegou mais um tolo, para nós empurrarmos os chapadões”. Houve lotes de chapadões que foram comprados em troca do pagamento de impostos atrasados. Era essa a consciência de improdutividade que existia na região acerca das terras dos Chapadões. Essa história é contada com tom de revanche por quase todos os que chegaram e prosperaram nos chapadões.

Como afirma Silva (1985, p. 66), “nem toda a legítima desconfiança sudoestina, que tem raízes em Minas Gerais, esbarraria a intrepidez sulista na aquisição dessas terras até há pouco consideradas imprestáveis”.

O interesse dos sulistas pelos chapadões deve-se à sua topografia plana, apta à mecanização, e aos preços baixos dessa terra desvalorizada pelos estabelecidos, que afirmavam: “chapadão só serve pra criar cupim e tamanduá-bandeira”. Observa-se em inventários antigos que a terra das furnas era herdada pelos filhos, porque se imaginava que eles iriam ficar na terra e constituir família. Necessitavam, portanto, da “melhor” terra, enquanto os chapadões eram herdados pelas filhas.

Na verdade, um processo de mútua estigmatização foi desenvolvido, fruto da imagem que cada um fez de si e do outro. Para os sulistas, por exemplo, que se autodenominam trabalhadores esforçados e merecedores de aproveitar aquela terra até então sem proveito, desenvolveu-se a concepção de que são trabalhadores melhores, do que os antigos detentores da terra, o que pode ser comprovado pelo fato de passarem a importar mão-de-obra do Rio Grande do Sul ou de Santa Catarina, tão logo comprassem as terras e organizassem sua propriedade.

Dessa forma, a mão-de-obra goiana era discriminada, não apta ao trabalho intensivo e exaustivo que a moderna agricultura exige em momentos de pico como no plantio e na colheita, com dias e noites de trabalho ininterrupto. A mão-de-obra nessas fazendas, apesar de ser mais bem remunerada que em outras regiões, realiza longas jornadas de trabalho, de modo que a afirmação “goiano não gosta de trabalhar!” ainda é recorrente entre os sulistas.

O preconceito sobre a mão-de-obra goiana tornou-se um paradigma para os sulistas. Até para o cargo de caseiro (ecônomo) do CTG Porteira da Saudade houve a busca da mão-de-obra sulista, como revela uma de suas atas (do dia 15 de agosto de 1989): “o Senhor patrão comunicou que o novo ecônomo¹⁶ assumirá dia 27 de agosto de 1989 e que foi até o Rio Grande do Sul, para contratar um casal para trabalhar no CTG”.

A importação de mão-de-obra sulista alimenta, desde o início da imigração até hoje, uma linha de ônibus que liga Mineiros a Carazinho (região central da imigração), realizada pela empresa sulista Lopes-Tur, com chegadas e saídas duas vezes por semana. Veja-se a opinião de uma sulista:¹⁷

Ainda bem que existe a Lopes! Já imaginou a gente que tem que ir uma vez no ano pra ver os parentes, e ter que fazer baldeação no caminho e ficar trocando de ônibus [...]! E os parente da gente, como iam vir nos visitar? Tá certo que demora muito. É dois dias de estrada, mas podia ser pior.

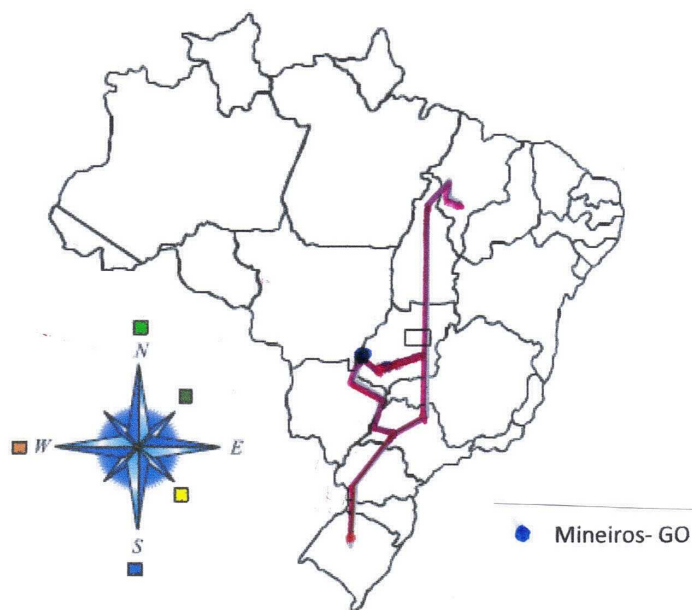


Figura 9
Mapa da linha de ônibus mantida pela imigração sulista (e especialmente pelo preconceito do sulista com a mão-de-obra local, importando do sul a mão-de-obra, considerada mais capaz).¹⁸

¹⁶ Membro de uma família que reside no CTG e zela pelo seu espaço físico.

¹⁷ Depoimento fornecido no dia 20 de julho de 2007 (Entrevistada n° 13).

¹⁸ Disponível em: < www.lopestur.com.br>. Acesso em: 15 mar. 2008.

Essa empresa, como pode ser observado no mapa em seu *site*, tem seus negócios ligados à imigração sulista e à sua importação de mão-de-obra, pois, como afirma um trabalhador¹⁹ que viaja com frequência com a empresa: “patrão não anda de ônibus, só de caminhonetes”. No mapa (Figura 09) observa-se um dos caminhos percorridos pela migração sulista, cujo trajeto é realizado pela referida empresa, ligando a cidade de Carazinho, RS, a Balsas, MA.

A referida empresa ainda mantém em seus escritórios um comércio de produtos sulistas, a despeito de se dispor de similares no mercado de Mineiros. É como se ela fosse um atestado de que realmente tais produtos vêm do sul, como erva-mate, vinhos, vinagres, salames, doces, conservas, cuias e bombas para chimarrão e até vassouras artesanais.

O trabalho intensivo característico dos sulistas criou também um intensivo aumento de capital, fazendo com que, rapidamente, eles sejam distinguidos pela riqueza. Nota-se tal situação tendo em vista as diferenças das moradias, dos carros, do padrão de vida, e não só pela cultura.

Refere-se a um processo de prosperidade que surpreendeu até os próprios *outsiders*, como relata uma senhora sulista:²⁰

O máximo que eu sonhava na minha vida era sair da roça e morar na cidade. Quando que eu ia imaginar que ia aprender dirigir, ter um carro dos melhores, morar na casa que construí, ir na praia todos os anos e ainda conhecer os Estados Unidos, Canadá e a Europa. Nunca pensei que isso fosse possível pra gente que tinha estudado pouco. Por isso nem sonhava com tanto.

Essa realidade de prosperidade pode ser comprovada pelas fotografias dos primeiros e difíceis tempos em Mineiros, que algumas famílias se orgulham em exibir, comparando com a vida de conforto que exibem na atualidade.

¹⁹ Depoimento fornecido no dia 18 de julho de 2007 (Entrevistado n° 24).

²⁰ Depoimento concedido no dia 20 de janeiro de 2008 (Entrevistada n° 13).



Figura 10

A primeira moradia da família Piccinini em 1990, na fazenda. A atual moradia, na cidade de Mineiros.

Foto: Família Piccinini.

Fonte: Família Piccinini.



Figura 11

Observa-se que há, sem dúvida, por trás dos mútuos estigmas criados um conflito ideológico acerca de como cada grupo define “trabalho”. Percebe-se que a noção de trabalho a partir de uma concepção capitalista, como elemento de produção, reprodução e acumulação de capital, era muito forte e maduro na mentalidade sulista. Já no ambiente goiano mineirense, com uma economia agropecuária tradicional, essa concepção ainda era pouco desenvolvida.

O encontro de dois mundos, com concepções de vida e trabalho muito diferentes, assim foi descrito pelo jornalista Francisco Viana (apud HAESBAERT, 1997, p. 23):

A invasão de sulistas tirou Goiás da *Civilização do curral* e o arremessou, sem escalas intermediárias, para a sociedade de consumo. O encontro desses dois mundos, que parecem tão isolados um do outro, quanto a água do óleo, fez emergir todos os seus dolorosos paradoxos. (Grifos no original.)

No texto de Borges (2005, p. 139), encontra-se uma descrição das relações de trabalho no campo em Goiás, realidade também de Mineiros:

As relações de trabalho no campo que predominaram até os anos 60, com baixo grau de assalariamento e controle altamente centrado no latifúndio, amalgamavam-se com uma base técnica primitiva de produção rural que deu ensejo a várias interpretações equivocadas sobre o caráter “atrasado” ou “feudal” da agricultura.

Para complementar a concepção de equívoco sobre a realidade de atraso em Goiás, cite-se Chaul (2001), segundo o qual essa visão de atraso goiano foi desenvolvida por viajantes que concebiam um olhar voltado para seus próprios princípios de desenvolvimento e modernidade. Isso, contudo, originou um estigma que passou a conceituar e exportar tal visão sobre a situação de Goiás:

A visão européia orientada pelas idéias de progresso e modernidade ofuscou a visão dos viajantes e impediu que eles vislumbrassem o ritmo da sociedade goiana do período pós-mineração que, apesar do aparente marasmo, desenvolvia sua agropecuária e imprimia seu desenvolvimento de acordo com suas necessidades e as dimensões de tempo e espaço.[...] a sociedade local não era indolente, ociosa e muito menos decadente. Apenas orientava-se por outros níveis de preocupação e buscava satisfazer necessidades vitais à sua maneira. (CHAUL, 2001, p. 239-240)

Vale lembrar que o trabalho exigido nessas novas fazendas sulistas era muito diferente do trabalho a que eram acostumados nas fazendas tradicionais de pecuária extensiva e agricultura de subsistência. E esses antigos trabalhadores dessa terra não foram preparados para essa transição. Basta lembrar sua inexperiência com a nova tecnologia rural.

O estigma de indolência do trabalhador goiano foi bem-aceito pelos sulistas, na comparação que estes fizeram da sua visão de trabalho com o trabalho típico da região. Mas a mútua incompreensão sobre o ritmo de trabalho e sobre o conceito do que é ser “trabalhador” e principalmente sobre a medida certa do trabalho levou os estabelecidos também a desenvolverem os seus conceitos acerca do trabalhador sulista. Assim, para os residentes antigos, os que chegaram eram uma gente ambiciosa, capitalista e que faz de tudo para ganhar dinheiro, inclusive destruir todo o cerrado. Ou ainda traçaram uma definição de gente pobre que veio enriquecer com suas coisas, destruindo suas terras.

Sobre o estigma do gaúcho pobre que enriqueceu em Mineiros, deve-se considerar que as famílias que compraram terras o faziam com toda a poupança que a família conseguiu acumular para exportar seu excedente populacional ou pela venda de suas terras no Sul por um

valor maior, podendo em Goiás comprar uma quantidade maior por um preço menor. Em muitos casos os sulistas conseguiram formar uma poupança e não se desfazer das terras no Sul, deixando-as aos cuidados de pais ou parentes, num espírito claro de segurança diante de um futuro incerto na aventura de explorar o cerrado. Com o sucesso da aventura, posteriormente essas terras foram vendidas. Em outros casos manteve-se a terra até a morte dos pais, que haviam permanecido nos minifúndios sulistas.

Outra situação ocorreu nos minifúndios sulistas descapitalizados, por conta da impossibilidade de poder acumular um mínimo de patrimônio e, conseqüentemente, adquirir um pedaço de terra. Esses minifúndios vieram a se tornar-se fornecedores de mão-de-obra, liberando braços para o trabalho nas terras dos que conseguiram adquiri-la. Essa situação foi gerada pelo preconceito do sulista com a mão-de-obra goiana.

Os “peões” sulistas, empregados nas modernas fazendas dos sulistas proprietários, tiveram a oportunidade de ganhar salários que não conseguiriam no Rio Grande do Sul, além de fugir de um trabalho rudimentar em seus pequenos lotes, pois não puderam se capitalizar para modernizar suas lavouras. Ou ainda, são frutos da política de concentração da terra que mecanizou o Rio Grande do Sul e liberou braços. Apesar de assalariados ou recebendo porcentagens de produção, viam-se essa condição como uma situação transitória. Sua meta era trabalhar muito, poupar, acumular e, finalmente, também ter seu pedaço de chão. E muitos conseguiram.

Os grupos recém-chegados carregavam muitas semelhanças entre si como, por exemplo, a vontade de prosperar e o ímpeto empreendedor, mas não demonstravam estar coesos. Isso se justifica pelo fato de serem oriundos de regiões rurais que, pela própria dispersão no espaço geográfico, não permitia intimidade suficiente para dar unidade ao grupo. Na sua maioria, eram oriundos de colônias de descendentes de italianos e alemães que no sul formavam comunidades fechadas entre si, tendo, por exemplo, nas religiões católica e luterana seus grandes diferenciais

de identidade. “Lá até no cemitério eram separados: de um lado enterravam os católicos e de outro os evangélicos”, afirma um *outsider* sulista.²¹

A insegurança diante de terras e gente desconhecida levou esses sulistas a desenvolver uma coesão grupal como mecanismo de integração e até de resistência contra o desconhecido, contra o novo e até para suportar a saudade. Mas que elo os uniria? Que elemento poderia ser comum a todos eles?

Ao olhar para trás, encontraram a resposta: o fato comum de terem deixado algo para trás. Sua irmandade vinha do lugar maior de onde saíram – o Rio Grande do Sul. Este deveria ser o elo, pois, como observa Elias (2000, p.210), “a promoção da auto-estima coletiva fortalece a integração de um grupo, melhorando suas chances de sobrevivência e enfrentamento do ambiente hostil”.

Assim, o Rio Grande do Sul torna-se o “espaço de referência identitária” (HAESBAERT, 1997, p. 232) desse grupo de imigrantes sulistas vindos das antigas colônias de italianos e alemães. Isso também foi constatado por Haesbaert (1997, p. 232), entre os sulistas na Bahia: “essa ligação com o Sul e com o gauchismo aparece com mais força, como se o aumento da distância e o confronto com outros grupos culturais fortalecessem uma identidade, estratégia capaz de, em parte, eliminar a própria distância”. E, desse modo, foi aberto um caminho para a domesticação de um ambiente diferente, que foi olhado, conhecido e medido com um olhar sulista, tentando recriar um Rio Grande do Sul em solo goiano, e não uma adaptação em um ambiente de alteridade.

O tradicionalismo gaúcho e a denominação generalista dada a eles pelo goiano – “gaúchos” –, foram, portanto, aceitos por esses *outsiders* sulistas que no Sul eram denominados “gringos” pelos gaúchos. Esses “gringos” conheceram e aprenderam o tradicionalismo gaúcho em terras goianas, pois na maioria das cidades de onde vieram não existiam, ainda, Centros de

²¹ Depoimento do Entrevistado nº 5, referindo-se ao cemitério de Colorado, cidade de onde afirma terem vindo cerca de 70% dos sulistas de Mineiros.

Tradições Gaúchas (CTG). Dessa forma, o CTG tornou-se a materialização dessa identidade recriada pelos sulistas e transformada na unidade que lhes proporcionou coesão como grupo.

A intenção da criação do CTG Porteira da Saudade pode ser observada na ata de do dia 29 de agosto de 1986, data de inauguração dessa sociedade:

O senhor patrão comentou que o objetivo da fundação deste CTG era de fundar uma sociedade que cultuasse o folclore e as tradições gaúchas em suas mais autênticas expressões, aliando ao local um clube onde a família mineirense, *mais particularmente a família oriunda do sul*, pudesse ter um local de entretenimento sadio, junto com seus familiares e amigos. (Sem grifos no original.)

Em torno da idéia de construir um CTG, eles uniram-se e com freqüência promoviam “um churrasco de confraternização entre todos os gaúchos moradores de Mineiros” (Ata do CTG Porteira da Saudade de 10 de setembro de 1986).

Esse processo acontece a partir de uma releitura que os sulistas fizeram do tradicionalismo gaúcho, segundo sua visão e experiência. E, desse modo, tornam-se, como definido pelos estabelecidos, gaúchos. Era só apreender em terras goianas o tradicionalismo de lá, dos pampas gaúchos. “Te falo bem a verdade, eu não sabia nada do Tradicionalismo Gaúcho”, afirma um sulista (Entrevistado n. 5)²² que por muitos anos apresentou um programa dominical de músicas gauchescas na Rádio El Dourado de Mineiros. “Até hoje eu não entendo nada de CTG”, afirmou uma “patroa”²³ do CTG, ao ser convidada a dar entrevista. Já outro entrevistado (n. 9),²⁴ que foi patrão²⁵ do CTG, afirma:

²² Entrevista concedida em 14 de janeiro de 2008.

²³ Patroa = esposa do patrão (presidente) do CTG, entrevistada em 20 de julho de 2007.

²⁴ Ex-patrão do CTG, entrevistado em 14 de janeiro de 2008.

²⁵ Patrão: refere-se ao cargo máximo da hierarquia da diretoria de um CTG, assim como sua esposa recebe o título de patroa, seguidos dos seguintes cargos: primeiro-capataz, segundo-capataz, primeiro sota-capataz, segundo sota-

Os primeiros gaúchos que chegaram não tinham a cultura do movimento tradicionalista, mas tinham a cultura da sua região de cultura alemã e italiana [...] foi aqui que eles aprenderam a cultura gaúcha [...] a maioria nunca tinha usado uma bombacha e nem sabiam dançar as músicas gauchescas [...] os pais aprenderam o tradicionalismo com os filhos que entraram nas internadas artísticas com professores de dança que eram contratados no Rio Grande do Sul para ensiná-los, porque passaram a participar dos concursos com outros CTGs [...]. Os concursos de prenda, por exemplo, elas recebiam uma cartilha que tinham que estudar e fazer provas sobre a história e os costumes tradicionalista gaúcho.

A mesma realidade é constatada por uma outra entrevistada (de nº 8),²⁶ participante ativa das diretorias do CTG, em vários cargos ocupados: “A maioria dos sulistas passou a ser tradicionalistas aqui [...]. O CTG não era bem-visto pelos italianos e alemães; era coisa de gente desocupada”. Lembra-se que o gaúcho, para esses grupos de imigrantes europeus, era gente não-branca, que eles chamavam de brasileiros, em visão nitidamente preconceituosa. Visão que em Mineiros seria repassada para o goiano.

Vivendo no meio rural, no sul, as respectivas Igrejas Luterana e Católica eram os pontos de encontro dessas pessoas. “A gente chegava uma hora antes da missa pra conversar e ficava depois também”, afirma um sulista.²⁷ A Igreja era o grande centro de coesão desses grupos em suas comunidades. Centro esse que, em Mineiros, não serviu de elo de união, já que esses sulistas pertenciam a duas religiões diferentes.

Necessitava-se, portanto, encontrar outro elemento de coesão para os *outsiders*.

Vale lembrar que um dos meios para o conhecimento de como ser gaúcho é um informativo editado pelo CTG Porteira da Saudade de Mineiros, denominado *O Quero-Quero* (Figuras 12, 13 e 14), no qual se encontram colunas de vocabulário gauchesco, histórias, contos

capataz, primeiro agregado das pilchas, segundo agregado das pilchas, seguido do conselho de vaqueanos. Fonte: *Quero-Quero*: Boletim Informativo do CTG Porteira da Saudade, ano II, n. 4, fev. 2004.

²⁶ Depoimento concedido no dia 20 de janeiro de 2008.

²⁷ Entrevistada nº 3, em depoimento concedido no dia 25 de julho de 2007.

gauchescos, “causos”, receitas de culinária e informações sobre o tradicionalismo gaúcho. Tudo muito bem pesquisado e estudado para passar aos leitores um conteúdo rico sobre o modo como o gaúcho fala, come, conta, comemora, veste, entre outras informações pertinentes ao tradicionalismo gaúcho

BOLETIM INFORMATIVO - CTG “Porteira da Saudade” Pág. 04

VOCABULÁRIO GAUCHESCO

(Dicionário de Regionalismo do RG Sul - Rui e Zeno Cardoso Nunes - Martins Livreiro Editor (MLE) 3ª edição).

AMADRINHADOR: ajudante do domador; cavaleiro que reponta o potro que está sendo domado; pessoa que advoga uma causa de outra.

AMANSAR DE BAIXO: tirar todas as cócegas do animal que vai ser domado, antes de monta-lo.

BRUACA: espécie de mala de couro cru, com alças laterais, apropriadas para ser conduzida em lombo de animal; mulher sem pudor, desleixada; pessoa brincalhona.

CHARQUE: carne de gado bovina, salgada e seca, em mantas. Nos estados do norte, tem as seguintes denominações: No Pará, carne seca; na Bahia, carne de sertão; em Pernambuco, carne do Ceará; em Sergipe e norte da Bahia, jabá. Historicamente, foi a alta taxação de impostos do Império sobre o charque, uma das causas da Revolução Farroupilha.

LONQUEAR: preparar o couro, em geral limpando-o e raspando-lhe o pêlo, a fim de utilizá-lo para a feitura de tentos, tranças, costuras e retovos. Diz-se também, de ganhar no jogo, todo o dinheiro de alguém; surrar, esbordoar, espancar...

MANEADOR: tira de couro cru bem sovado, de dois dedos de largura por seis braças de comprimento que o campeiro usa embaixo dos pelegos, para servir de corda durante as viagens.

RETOVO: envólucro, cobertura de couro que é costurada sobre alguns objetos campeiros, como cabos de facas, relho, boleadeiras, etc....
“O retovo são conselhos e norma de proceder
Que tu precisas saber e conhecer bem a fundo” (Amaro Juvenal em “Antônio Chimango”)

POESIA

LENÇO FARROUPILHA

Aureliano de Figueiredo Pinto

<p>Bravo tope de guerrilha Que mais de um século alcança Desde que ondeou nas coxilhas. Relíquia e modesta herança Do bisavô farroupilha.</p> <p>Conservo-o...e trato de honrar A tradição do legado Nas noites do meu rincão. Entre os livros e o passado, Tenho este lenço ao meu lado, Do lado do coração.</p> <p>Este luxo do Rio Grande O ideou Netto, o general. Depois do encontro campal Das milícias veteranas, Com armas republicanas E o claro sol do Seival.</p> <p>No campo central ostentas Vinte nomes, vinte datas, Vinte batalhas com glória. Velário ao palco de um drama! Janela de panorama Sobre o horizonte da história.</p> <p>E o capitão, que mais tarde Trouxe um prêmio de bravura Junto de Netto galhardo, Sagrou-se entre os vanguardeiros Nesse roldão de lanceiros Rolando sobre o Rio Pardo.</p>	<p>E no Triunfo...e em Ponche Verde... Por fim, já um contra quatro! Os valentes contra os guapos neste rincão do Brasil!</p> <p>-Legais, já eram dez mil! E apenas três mil farrapos...</p> <p>E o lenço republicano Flutuava em cargas triunfantes. Nas retiradas estóricas. Entre estandartes e emblemas Pulsou nas febres supremas Das rebeldias heróicas.</p> <p>Panóplia de sacrifícios; Pobre troféu de batalha Que ao tempo aos poucos se esvai. Desbotado aos sóis e a chuva E o longo pranto da viúva Com o filho no Paraguai.</p> <p>Velha seda! Em tons de olvido Guardas dourados de aurora, Murchos verdes de flexilha Na tricolor gasta e exangue; E os "colorados" do sangue Da geração farroupilha.</p> <p>És como um grito no tempo! Rugindo perto e longínquo Porque o porvir te compreende, E honra a epopéia e a legenda Dos bravos de Trinta e Cinco!</p>
--	---



**SERRALHERIA
CORBÉLIA**

Portas, Janelas, Grades, Estruturas Metálicas, Tanques Redondos
e Ovais com Carretas, Telas p/ Alambrados e Calhas em Geral.

(64) 661- 1749

Rua 10, s/nº Qd. 05 Lt. 15 - Loteamento Polivalente - Mineiros-GO

Figura 12 Periódico *O Quero-Quero*.
Boletim informativo do CTG Porteira da Saudade de Mineiro (ano I, n. 3, jan. 2004, p. 4).

PATRONAGEM 2003/2005

Patrão:

HOMERO E. POHLMANN

1º. Capataz:

LÚCIO A PALHARINI

2º. Capataz:

PAULO R. NARDINO

1º. Sota-capataz:

IVAN PARMEGGIANI

2º. Sota-capataz:

ADEMIR P. BERGHAHN

1º. Agreg. das pilchas:

PEDRO DA LUZ DINIZ

2º. Agreg. das pilchas:

ANTONIO A. BREITEMBACH

CONSELHO DE VAQUEANOS

PEDRINHO SANDRI

VITOR FERRARI

PAULO TAVELLA

DOMINGOS PASSINATO

ARNO R. JALOWITZKI

DELSON CARAFINI

JOSÉ M. MICHELS

EVARISTO TRENTIN

CONSELHO SUPERIOR

FLÁVIO R. TRENTIN

ARNO E. HACK

MILTON FRIES

LAUDINO JOÃO FERRARI

NELVO FRIES

VITAL PASSINATO

SÉTIMO PASSINATO

NELCI SCHUSTER

ÉLIO O. CÂNDIDO

End.: Rua da Serraria, s/n
Caixa Postal: 191- 75.830-000
Mineiros - Goiás
Telefone: (64) 661-9293/1599
CNPJ: 01.466.515/0001-44

IDENTIDADE - SUBJETIVIDADE

IDENTIDADE vem do latim "IDENTITATE" e significa "qualidade daquilo que é idêntico. Paridade absoluta. Conjunto de caracteres próprios de uma pessoa, tais como nome, profissão, sexo, impressões digitais, defeitos físicos, etc., o qual é considerado quando ela precisa ser reconhecida. Consciência que uma pessoa tem de si mesma. Reconhecimento de que um indivíduo é o próprio". Característica que identifica, traços que marcam uma determinada pessoa ou coisa; marca; significam traços de um conjunto de manifestações de pessoa fenótipo ou grupos de pessoas com relação a determinado tipo de comportamento social, grupal ou de status....Aparência. Já **IDENTIFICAR** significa "fomar o caráter de; adquirir a índole ou a natureza de; identificar-se com o meio em que se vive".

Pois, aqui no Rio Grande do Sul, com muita frequência coloca-se em alto e bom som de que os habitantes deste estado têm uma **IDENTIDADE DE GAÚCHO**, a qual, na grande maioria das vezes é motivo de orgulho e autoprojeção por este mundo afora....

Há uma identificação, portanto. Alguns, até, "batem no peito"...

Talvez nem tenham uma preocupação maior de saber o significado exato e a pretensa profundidade deste "sentimento terrunho". Seria um conjunto de atributos que vão desde principalmente a maneira de vestir-se, fidalguia, hospitalidade, respeito, amizade, companheirismo, respeito à família e até um tipo de linguajar forte, alto e regionalizado, com sotaque e que tem no "tê", ao invés do "ti" este usado mais nas zonas urbanas, grandes centros e na capital uma expressão muito "**FORTE**" e não "**FORTI**", além do tradicional "**Tchê**".....

São traços de uma linguagem regional que identifica um determinado tipo de população

inserida no meio em que vive; que adquiriu a índole ou a natureza do comportamento nativo da pampa, do "el gaúcho" platino.

O gaúcho não é um tipo étnico racial, fruto de cruzamento eventual de portugueses e espanhóis com índios do Cone Sul da América. O que definia, define e caracteriza o gaúcho, no passado e, também agora é sua atividade, o seu modo de viver, sua economia, seu comportamento, seus usos e costumes, sua cultura, enfim.

Portanto, temos características marcantes. Identidade, sim! Alguns críticos aguçados do centro do país, chegam a ironizar e dizer que "os gaúchos devem se tornar brasileiros"... Até mesmo a ONU (Organização das Nações Unidas) estuda o movimento tradicionalista gaúcho, tentando entendê-lo melhor. Sou-lhe sincero, companheiro, não preciso necessariamente ficar inventando todos os dias; porém, preciso sim, ser criativo a cada dia. Devo preservar minhas tradições, os usos e costumes dos meus antepassados para que tenhamos um referencial futuro. Ter orgulho de meus familiares; a tradição de família. E graças a isto que sou mais feliz. muito pior do que isto, é viver a realidade fria, capitalista deste mundo globalizado, "ensimesmado" sendo apenas um contestador, ou mais grave ainda, tentar estilizar modernamente "para ficar mais bonito ou interessante, chamando a atenção e querendo sucesso a qualquer preço" descaracterizando as tradições.

Os pais de hoje que não souberem contar aos seus filhos um mínimo da fibra nativa comprovada em nossas epopéias passadas, em contraposição aos falsos valores de tibieza e frouxidão atuais é porque já estão castrados no civismo e na consciência de gaúchos; Na **identidade de Gaúchos!**

Celso da Silva Mello, Tradicionalista, membro do GECC, médico em Ijuí (RS)

Figura 13 Texto de abertura.
Preocupação na formação e fortalecimento da identidade gaúcha entre os sulistas de Mineiros.



O QUERO QUERO

BOLETIM INFORMATIVO DO



CTG

"Porteira da Saudade"

MINEIROS - GOIÁS



Ano II

Nº 04

Fevereiro 2004

PATRONAGEM 2003/2005

Patrão:

HOMERO E. POHLMANN

1º. Capataz:

LÚCIO A PALHARINI

2º. Capataz:

PAULO R. NARDINO

1º. Sota-capataz:

IVAN PARMEGGIANI

2º. Sota-capataz:

ADEMIR P. BERGHAHN

1º. Agreg. das pilchas:

PEDRO DA LUZ DINIZ

2º. Agreg. das pilchas:

ANTONIO A. BREITEMBACH

CONSELHO DE VAQUEANOS

PEDRINHO SANDRI
VITOR FERRARI
PAULO TAVELLA
DOMINGOS PASSINATO
ARNO R. JALOWITZKI
DELSON CARAFINI
JOSÉ M. MICHELS
EVARISTO TRENTIN

CONSELHO SUPERIOR

FLÁVIO R. TRENTIN
ARNO E HACK
MILTON FRIES
LAUDINO JOÃO FERRARI
NELVO FRIES
VITAL PASSINATO
SÉTIMO PASSINATO
NELCI SCHUSTER
ÉLIO O CÂNDIDO

ADMINISTRADOR (capataz geral)

CARLOS A. S. COSTA

End.: Rua da Serraria, s/n
Caixa Postal: 191- 75.830-000
Telefone: 0(xx)64-661-9293/1599
CNPJ: 01.466.515/0001-44

O PALHAÇO E A BOMBACHA

Quem não foi ao circo quando criança?
Quem não gosta de ir ainda ao circo, mesmo, agora quando

"grande"? Todos ainda somos um pouco crianças.....

E o circo logo lembra o que? O Palhaço!

A tradição do circo no meio infantil é inerente ao comportamento e à vida das crianças: a pureza e a simplicidade das crianças, a ingenuidade das crianças. A curiosidade das crianças.... Faz parte!

O circo visa criar momentos de muita alegria, descontração e "muita palhaçada", feitas no mais puro profissionalismo e competência daquelas pessoas que tem o dom e a magia desta arte!

Quando se vai ao circo, espera-se ver coisas novas dentro de uma tradição circense secular. Novidade que nos chamem e prendam a atenção, que nos façam rir.

Feiras pelo homem trabalhador, essencialmente pelo homem, que tem o poder de criar coisas, fazer malabarismos, peripécias, magias, domesticar animais, etc....

Com um único e principal objetivo: ALEGRIA! FELICIDADE! Tornar as pessoas unidas e felizes por um momento! Especial e principalmente, as crianças.

Não por acaso que o palhaço usa roupas largas....calças largas... é mais prático!

Facilita e dinamiza a mobilidade durante estes momentos de arte no picadeiro: é funcional.

Há uma pessoa dentro desta roupa que tem o poder e a magia acima do normal! Acima da média!

Que prende a atenção de centenas, talvez, milhares de pessoas num determinado momento.

Portanto, uma pessoa com quociente intelectual diferenciado: superior.

Certamente não poderia se "um qualquer".... Tem de ter competência para sê-lo!

Esta calça poderia e deveria até ser uma bombacha, sim!

Melhor, que fosse!!! Porque aí, ele o artista teria inerente ao seu espetacular trabalho e sua brilhante arte, uma vestimenta que caracterizaria um povo guerreiro.

Um povo que fez e faz história...um povo que lutou e luta por ideais de humanidade, liberdade e igualdade: justiça social, respeito e pela família tradicional.

A identidade de um povo. A marca e o valor de um povo! Que ama e cultua as suas raízes, tradições e folclore. O poder criativo e a identidade de um povo que lembra um estado que é brasileiro por opção -, uma federação deste imenso Brasil que amamos, que se chama Rio Grande do Sul!

Portanto, senhores tradicionalistas, "gaúchos e gaúchas de todas as querências" por este mundo afora, quando disserem por aí "Que o menor circo do mundo é a bombacha, por que cabe somente "um palhaço", não fiquem tristes, não se acanhem nem se sintam inferiores!

Digam que isto é um orgulho porque representa um ser superior com muita inteligência, habilidade, poder e magia. Porque como diz nosso parceiro do GECC, Paulo Sérgio Rollof, "o ciúme é causa de muita intriga, desavença e frustração".

É aparentemente muito fácil tentar desmerecer as qualidades da cultura dos outros, utilizando-se de adjetivos ou substantivos que nem se sabe o real significado.

Isto é falta de cultura!

Tangenciamento, diria a psiquiatria... Algumas pessoas que fazem parte do movimento tradicionalista gaúcho e que podem contribuir para que se crie este (pré) conceito, são uma minoria.

Certamente, aquela comparação (pré)conceituosa, pretensamente pejorativa, de um movimento social popular, sério, responsável, agregador, foi criada por pessoas que devem ser ou ter frustrados os seus ideais de existência e convivência.

Crisis pessoais mal resolvidas, que fazem com que suas dimensões de ser terrestre sejam relegadas a simples presença física, como mais um número na escala infinita deste mundo....

E viva o gauchismo!

E viva a bombacha!

E viva o circo!

E viva o palhaço!

Celso da Silva Mello

O autor deste artigo, publicado no jornal ECO DA TRADIÇÃO, do Movimento Tradicionalista Gaúcho do Rio Grande do Sul, é médico, tradicionalista e integra o Grupo de Estudos da Cultura Gaúcha de Ijuí.

Figura 14. Exemplar do Informativo *Quero-Quero*, do CTG Porteira da Saudade.

O artigo da página inicial do informativo do CTG, ilustrado na Figura 14, intitulado “O Palhaço e a Bombacha”, foi usado para confrontar uma das piadas mais comuns sobre os *outsiders* contadas pelos estabelecidos mineirenses:

- Você sabe qual o menor circo do mundo?
- Não!
- É a bombacha, porque só cabe um gaúcho [palhaço] dentro!

No texto do referido informativo, como pode ser observado, há uma glorificação tanto do circo como da bombacha, na tentativa de neutralizar a ridicularização do gaúcho proposta pela piada, o que pode ser comprovado pela expressão “um povo que lutou e luta pelos ideais da humanidade, liberdade e igualdade: justiça social, respeito e pela família tradicional” e, ao referir-se à comparação do gaúcho com o palhaço, “é um orgulho, porque representa um ser superior, com muita inteligência, habilidade, poder e magia”.

Outra expressão curiosa citada no informativo é a seguinte: “o poder criativo, a identidade de um povo, que lembra um estado que *é brasileiro por opção*” (sem grifos no original). Essa afirmação, como se deduz, sugere a possibilidade de o Rio Grande do Sul não pertencer ao Brasil, possibilidade essa que perdurou/perdura por muitos momentos na história no Brasil e do Rio Grande do Sul. Mais uma vez se encontram ligações culturais do gaúcho além das fronteiras oficiais.

Outro fato que comprova a adoção de uma cultura alheia à realidade do sulista de Mineiros é a origem do texto usado como defesa do sulista, diante da piada, de autoria de um tradicionalista gaúcho e publicado primeiramente em um jornal tradicionalista do Rio Grande do Sul, o jornal *Eco da Tradição*. Esse dado comprova o intenso estudo dos sulistas de Mineiros para conhecerem o tradicionalismo gaúcho.

É interessante observar no informativo da figura 12, o aprendizado de um vocabulário tipicamente dos pampas de pecuária, sem uso prático na realidade desses sulistas mineirenses.

Parece ter sido a escolha, dos que chegaram, promover uma “adaptação quando foi necessário conservar velhos costumes em condições novas ou usar velhos modelos para novos fins” (HOBBSAWM, 2006, p.13). Nessa perspectiva, os sulistas buscaram e assumiram a identidade de gaúcho, unindo, assim, descendentes de italianos e alemães, sob a bandeira do Tradicionalismo Gaúcho, criando a tão necessária coesão de grupo. “Nós precisávamos ter um lugar para se encontrar, para se divertir. Aí lembramos de fundar um CTG”, afirma um dos pioneiros.²⁸

Observa-se que o CTG ocupou o espaço dos salões paroquiais das comunidades onde viviam os sulistas, no Rio Grande do Sul, e onde se encontravam. Até mesmo houve adaptações feitas no CTG, com canchas (quadras) de bocha e bolão que recordam aquele espaço.

O que fortalece os estabelecidos é sua história e passado comuns. Os recém-chegados não possuíam tal realidade, eram fragmentados e vinham de ambientes rurais. O tradicionalismo traduzido pelo CTG poderia artificialmente criar um pretense passado comum também aos recém-chegados. A criação do CTG torna-se-ia o principal elo de resistência e auto-afirmação desses *outsiders*.

Na análise de Haesbaert (1997, p. 232), “essa ligação com o Sul e com o gauchismo aparece com mais força, como se o aumento da distância e o confronto com outros grupos culturais fortalecesse uma identidade, estratégia capaz de, em parte, eliminar a própria distância”.

2.3 O imaginário social gaúcho e a ilha imigrante no sul

A estranheza com o fato de os sulistas de Mineiros terem adotado o tradicionalismo gaúcho como elemento de coesão grupal vem da constatação de ser essa cultura uma realidade

²⁸ Entrevistado n° 1, em depoimento concedido no dia 18 de janeiro de 2008.

econômica, política e cultural diferente dos redutos de onde vieram os imigrantes de Mineiros. Pertence, portanto, a outro Rio Grande do Sul, que não o das colônias de descendentes de italianos e alemães do interior. E mesmo dentro de um mesmo Rio Grande do Sul possuíam estilos distintos de vida e de produção.



Figura 15

Gaúcho típico do Sul.

Representa o estereótipo criado pelo imaginário popular do habitante do Rio Grande do Sul, na tez, roupas, hábitos e alimentação e exportado como sinônimo de gaúcho, morador de “todo” o Rio Grande do Sul.²⁹

²⁹ Disponível em: <www.paginasdogaúcho.com.br>. Acesso em: 10 jun. 2008.

A cultura tradicionalista gaúcha materializada nos CTGs tem como sustentação a figura mitológica do “gaúcho”. Elaborada culturalmente através do tempo, identifica o homem dos pampas, das regiões platinas, dos latifúndios pecuaristas, peões sem terra, homens da fronteira, região de constantes litígios.

Os gaúchos brasileiros têm uma formação histórica comum à dos demais gaúchos platinos. Surgem da transfiguração étnica das populações mestiças de varões espanhóis e lusitanos com mulheres Guaranis. Especializam-se na exploração do gado, alçado e selvagem que se multiplicava prodigiosamente nas pradarias naturais das duas margens do Rio da Prata. (RIBEIRO, 1995, p. 410)

Trata-se de panorama que torna o gaúcho muito mais próximo de seu homônimo platino – uruguaio, argentino e até paraguaio – do que próximo dos redutos imigrantes europeus italianos e alemães no Rio Grande do Sul.

Essas características podem ser percebidas na linguagem castelhanada do gaúcho (como o “tchê”, o uso do verbo na segunda pessoa do singular: cantaste, vieste), nas indumentárias da pecuária (bombachas, boleadeira, botas com esporas), que uniformizaram os tradicionalistas (as pilchas). Também na idolatria pelo cavalo, da vida em ambiente livre e com características espanholas (roupa típica, como a da prenda), na tez, próxima do guarani, nos “causos” contados e na presença de elementos além-fronteiras do Rio Grande do Sul, cantados em suas músicas nativistas da região dos pampas, a exemplo da canção de Paulo de Freitas Curbelo e José Curbelo, intitulada “Querências Amigas”:³⁰

Em Rivera e Livramento
Pajadores lado a lado
Teu país e meu estado
Se unem no sentimento
Por saber que és atento
às coisas da natureza
Me responda com clareza
Do fundo do coração
O que viste em meu rincão
Que te mostrou mais beleza?

³⁰ Disponível em: <www.paginadogaicho.com.br>. Acesso em: 20 jul. 2008.

Su Querencia és tan hermosa
Un derroche de beleza
Aquí la naturaleza
Fué pródiga y generosa
las misiones és gloriosa
história curcificada
Su memória ensagrentada
le muestra el tiempo inmutable
como señal imborrable
A su tierra colorada.

Pago de bons pajadores
Tua querência é sensata
Da costa do Rio da Prata
Aos campos verdes e flores
Seus prédios e suas cores
Encantam por todos lados
Rio dos pássaros pintados
Capital Montevidéo
É linda, parece um céu
De monumentos plantados.

Mencionando monumentos
Es justo que uno le integre
Símbolo de Porto Alegre
Y de criollos sentimientos
Del bronce eterno los tientos
El tiempo fué trenzador
Caringi el gran escultor
Y el modelo Paixão Côrtes
Darán honra a los aportes
Que hizo el gaucho El Lazador.

El gaucho ou entrevero
La carreta e outros mais
Recuerdos de ancestrais
Bons heróicos pioneiros
Restando a nós, troveiros,
Saudá-los neste momento
Já que a paz sopra bom vento
Pro gaúcho ser folclórico
Lembro monumento histórico
Colônia do Sacramento.

Monumento natural
El bosque petrificado
En el centro del estado
De siglos guarda un caudal
Y para um trago cordial
A la vera del camino
Halla todo peregrino
Que pase por esta tierra
Amistad gaucha en la sierra

De la uva e del buen vino.

Com vinho quero brindar
às duas terras amigas
Heróicos Bento y Artigas
Respaldan nuestro cantar
Respiramos mesmo ar
Somos todos vencedores
Y con los mismos fervores
Eternamente encendidos
Que os povos sejam unidos
Como são os pajadores

As citações de lugares, heróis e momentos históricos comuns entre os povos do pampa, seja do Rio Grande, do Uruguai, da Argentina ou do Paraguai, com um sentimento de irmandade, são bastante comuns nessas canções gauchescas.

Assim Ribeiro (1995, p. 413) descreve esses povos do pampa:

Esses eram os gaúchos originais, uniformizados culturalmente pela atividade pastoril, bem como pela unidade de língua, costumes e usos comuns. Tais como o chimarrão, o tabaco, a rede de dormir, a vestimenta como chilipa e poncho, as boleadeiras, e laço de caça e rodeio, esporas e freios, facas de carnear

Para Piletti (2007, p. 112):

A cultura espanhola, combinada com os costumes dos portugueses, que avançaram “a ferro e fogo” para o sul, teve como resultado o gaúcho, uma cultura própria.[...] O gaúcho, segundo historiadores da fronteira, “é mais espanhol que português”. Em Santa Vitória do Palmar, alguns termos e formas de expressão deixam isso muito claro [...] o pássaro joão-de-barro é *ornero*, pardal é *corrião*. E não se diz “não o viste, mas *não lo viste*. [...] na fronteira com o Uruguai [...] ferro elétrico é *plancha* [...]. (Grifos no original.)

Originário das missões e dos pampas fronteiriços (pradarias do sul), a figura do gaúcho foi até o século XIX marginalizada, associada à gente sem terra e sem lei. A origem da imagem positiva do gaúcho só surge com a Revolução Farroupilha. As razões para tal mudança são citadas por Gonzaga (1996, p.119):

1- A burguesia rural necessitava de justificativas, a princípio somente no plano de sua convivência com os peões/soldados, e por isso celebrou virtudes comuns a todos, tornando asséptica a exploração latifundiária.

2- Com o correr do tempo o termo gaúcho, isento de conteúdos desprezíveis, passaria a ser adotado como tipo representativo, por causa de sua aparente indefinição social – nem estancieiro, nem trabalhador – e pela relativa polissemia que o signo-conceito ia obtendo.

No final do século XIX a economia do Rio Grande do Sul passou por grandes transformações, em que as fronteiras foram consolidadas e a economia pecuária prosperou muito. Essa economia era centrada nos latifúndios formados a partir das estâncias que inicialmente caçavam o gado solto. Trata-se de tarefa em que os “gaúchos foram aproveitados como peões, depois do aquerenciamento³¹ do gado nas estâncias, aquerencia também o gaúcho como campeiro e como combatente do seu patrão” (RIBEIRO,1996, p. 416), ligados por laços de lideranças carismáticas e caudilhescas.

Com a modernização capitalista veio o cercamento das estâncias, com novas raças de gado e modernização nos transportes. No início do século XX já reinava a paz nos pampas, depois de séculos de disputadas nessas regiões de fronteiras por estancieiros, jesuítas e Estados. Nessas terras, agora de paz e prosperidade, resultado da modernização da atividade, começou um processo de expulsão desses braços rurais: o peão gaúcho.

Foi naquele instante – defende Sérgio Gonzaga – que o trabalhador rural assumiu uma concepção idílica do passado, cultuando uma nostalgia de um mundo tradicional anterior à ruptura modernizadora, como explica:

A restauração de um hipotético paraíso perdido se daria exclusivamente na esfera da língua oral e, depois, escrita. Criou-se um saudosismo benigno [...] Nos decênios seguintes a fantasia de uma comunidade humana ideal, localizada no passado remoto, ganharia importância. (GONZAGA, 1996, p. 120)

³¹ Aquerenciamento refere-se ao ato da sedentarização, de habituar-se a um determinado lugar. Com o tempo o local onde se mora passou a ser chamado de querência, com um sentido afetivo correspondendo ao sentido de pátria.

Com tal ideologia, surgiram em meados do século XX os Centros de Tradições Gaúchas (CTG) com o culto do heroísmo gaúcho:

Com forte apelo junto às camadas pequeno-burguesas e pobres das populações urbanas [...] que têm origem na zona rural [...] o CTG aparece como uma ritualização do idealizado tempo pretérito. Encena-se uma vida social imaginária, teatraliza-se a existência passada, entendida como época de ouro. Para esses grupos, geralmente sufocados pela crescente divisão do trabalho e incapazes de compreender as opressivas relações de produção de um universo capitalista mais refinado, o passado se revestia de profunda inteligibilidade em seus mecanismos. O patrão eleito de maneira democrática convive com os peões. Todos advogam – gaúchos à fantasia – uma identidade concebida no culto teatralizado dos valores da raça: coragem, disposição guerreira, audácia, galanteria, etc. E compensavam assim a brutalidade do sistema que lhes extraiu a própria imagem do espelho. (GONZAGA, 1996, p. 120)

A evolução histórica da trajetória do gaúcho também foi acompanhada por uma evolução semântica do termo: de vagabundo, errante ou gaudério, tornou-se, com o tempo, um termo gentílico. “As transformações semânticas eram apenas o reflexo da reviravolta social, nem sempre fácil de precisar”, argumenta Gonzaga (1996, p. 118).

O CTG, que evoluiu das Agremiações Tradicionalistas criadas desde 1898, teve em 1947 sua fundação a partir do Departamento de Tradições Gaúchas do Grêmio estudantil do Colégio Estadual Julio de Castilhos, que organizou a primeira Ronda Gaúcha. Hoje é denominada Semana Farroupilha e se realiza no período de 13 a 20 de setembro, sendo essa última data a comemoração da Revolução Farroupilha e dia do gaúcho no Rio Grande do Sul.

Os CTGs foram frutos de jovens estudantes que se dirigiam do mundo rural para estudar na capital, filhos de estancieiros ou filhos de famílias de pequenos proprietários rurais. A influência da vida rural nesse movimento tradicionalista de reviver o passado na cidade é revelada, por exemplo, na organização administrativa dos CTGs, nos quais os cargos comumente denominados presidente, vice, secretário foram substituídos por patrão, patroa, capataz, agregado, posteiro entre outros. Os conselhos consultivos ou deliberativos são denominados vaqueanos e os departamentos, invernadas, dando feições rurais a um movimento urbano, mas que teve grande aceitação como cultuador de um passado ficcionado como glorioso pelas cidades ligadas à pecuária.

Na data de sua criação, o estranho foi um CTG ter sido criado em uma cidade de imigração alemã. Trata-se do CTG Fogo de Chão, localizado em Taquara, em 1948. A justificativa para isso pode estar no momento histórico internacional que se vivia naquele momento, em que a Segunda Guerra Mundial era ainda muito recente. A justificativa da criação do CTG em Taquara não era a identidade histórica ou cultural, mas o medo da perseguição em um momento em que o Brasil havia se colocado contra a Alemanha. Assim, um CTG daria ao grupo constituído uma proximidade com os gaúchos e o afastaria da associação com a Alemanha, naquele momento inimiga do Brasil.

A constatação da estranheza por parte dos tradicionalistas é justificada porque, enquanto se processava na fronteira essa trajetória do peão gaúcho, os imigrantes europeus formaram uma ilha no centro do Rio Grande do Sul. A partir de 1824, inicialmente houve a chegada de alemães, que se instalaram nos vales dos rios Caí e Sinos, na parte inferior da encosta do planalto Norte-Rio-Grandense. Depois os italianos, que entre 1875 e 1914 entraram em número de cerca de 80 mil pessoas e foram encaminhados para a região serrana.

Juntos, embora fechados em suas comunidades, italianos e alemães constituíram um ilha no centro do Rio Grande do Sul (Figura 16).

A vinda desses imigrantes faz parte de uma política imperial para povoar e ocupar efetivamente as terras do sul, ativando a produção agrícola para equilibrar a economia sulista, naquele momento baseada exclusivamente na pecuária, com o uso de novas técnicas. Além disso, havia a política “branqueadora da raça”,³² como pretendiam os imperadores do Brasil do século XIX, especialmente D. Pedro II, com o temor à “haitização” do Brasil.

Outra razão que justifica a imigração européia para o Brasil foi a expansão do sistema capitalista industrial europeu. Ao chegar ao mundo rural, esse fenômeno realizou o cercamento dos campos e liberou da terra um grande contingente humano, que, pelas suas raízes e origens,

³² “Para a elite latino-americana do último quartel do século XIX, a única estrada para o progresso consistia na substituição pura e simples da mão-de-obra local pela imigração maciça; [...] que um longo processo de “embranquiamento” pudesse reduzir substancialmente as deficiências raciais. A visão do progresso via imigração vinculava-se ao preconceito e pessimismo raciais” (STEIN & STEIN, 1976, p. 139).

sonhavam com sua terra própria e encontraram na proposta de mudar-se para América a chance de realizar seu sonho.



Figura 16

Mapa das áreas de imigração no Rio Grande do Sul.

Constata-se a ilha de imigração italiana e alemã no centro rio-grandense.

Fonte: PILETTI, 2007, p. 108.

Ao chegarem no Rio Grande do Sul, receberam lotes que variavam de 5 a 60 ha, em média 35 ha, dependendo da fertilidade, do acesso aos mercados e da disponibilidade de água, com tamanho propício para o uso de exploração familiar. Nesses lotes reconstruíram a vida nos moldes europeus, tentando seguir na América usos, costumes, língua e religiosidade aliados a uma ideologia de muito trabalho .

Cada grupo pode organizar, autonomamente, sua própria vida, instalar suas escolas e igrejas, constituir suas autoridades, formando as primeiras gerações ainda no espírito e

segundo tradições dos pais e avós imigrantes. Vivendo ilhados, o próprio domínio da língua portuguesa só seria alcançado muito mais tarde, como meio de comunicação com os brasileiros e outros povos imigrantes também. (RIBEIRO, 1995, p. 434)

Os pioneiros enfrentaram a vida dura de criar tudo do nada, diante de matas selvagens, índios hostis, sem estradas ou qualquer infra-estrutura, mas “aqui eram proprietários, é verdade que de terras virgens e de quase nenhum valor, mas terras férteis que eles confiavam valorizar pelo próprio esforço” (RIBEIRO, 1995, p 410).



Figura 17

Família Chinazzo.

Italianos que chegaram ao Brasil em 1891, desembarcaram em Curitiba e logo em seguida migraram para a região serrana do Rio Grande do Sul (Foto cedida por Maria Chinazzo).

O sofrimento e a esperança eram declamados em poesia popular, como a citada letra da música a seguir, composta por imigrantes sobre a viagem à América e sobre a vida nas terras

brasileiras, cantada em sua língua de origem, o italiano (PILETTI, 2007, p.105). Ela também é citada em um fascículo lançado pelo Ministério da Cultura e Instituto Histórico e Artístico Nacional, por ocasião dos 120 anos da imigração italiana do Rio Grande do Sul em 1995:

Da l'Italia noi siamo partiti	Da Itália nós partimos
Siamo partiti col nostro onore	Partimos com a nossa honra
Trentasei giorni di machina e vapore	Trinta e seis dias de trem e vapor
E in mérica noi siamo arrivá	E na América chegamos
A la merica noi siamo arrivati	Na América nós chegamos
No abbiám trovato nè paglia nè feno	Não encontramos nem palha , nem feno
Abbiám dormito sul nudo terreno	Dormimos no solo nu
Comme lê bestie abbiám riposà	Como os animais repousamos
La Merica l'èlunga e l'è larga	Mas a América é longa e é larga.
L'è formata di monti e di piani	É formada de montes e planícies
E com l'ndustria dei nostri italiani	E com o talento de nossos italianos
Abbiám formato paesi e città	Fundamos vilas e cidades
Merica, merica, merica	Mérica mérica, Mérica
Cosa sara la sta merica?	O que será esta Mérica?
Merica, Merica, Merica	Mérica Mérica, Mérica?
Um bel mazzolino di fior.	É um belo ramalhete de flores.

Com o tempo a prosperidade chegou, cidades foram surgindo, assim como um mercado interno e uma diversidade da economia já eram realidades. As antigas vilas tornaram-se centros de artesanato, que evoluíram para fabril e chegaram a tornar-se centros industriais como Caxias, Novo Hamburgo, São Leopoldo, Garibaldi, e muitas outras. No campo a vida continuou baseada no minifúndio, trabalho familiar e uma diversidade de produção que proporcionou uma auto-suficiência alimentar e gerou excedentes para trocar no mercado interno por produtos manufaturados, especialmente.

Mas nesses minifúndios, quando as primeiras colônias começaram a ficar pequenas, para divisão entre os filhos, os imigrantes avançaram sobre as terras devolutas do estado, mais para o centro e o norte. Porém, encontraram um limite: o latifúndio pastoril. A partir daí migraram para o oeste de Santa Catarina por volta de 1930, na década de 1940 já alcançam o oeste do Paraná,

nos anos 1970 e 1980, para o Centro-Oeste, Região Norte, Nordeste e até para além das fronteiras brasileiras (Figura 18).

Mapa das migrações sulistas (PILETTI, 2007, p.114):



Figura 18

Mapa das migrações gaúchas no século XX.

Fonte: PILETTI, 2007, p. 114.

Quando há a referência sobre a manutenção da cultura da mãe-pátria nas colônias dos imigrantes, deve-se lembrar do hibridismo característico de toda cultura que, mesmo na crença de preservar a cultura da terra de onde vieram, aqui, em maior ou menor grau, entram em contato com outras culturas. Ao menos pequena dose de influência sempre haverá.

Apesar do isolamento, sabiam bem que aqui teriam de viver, tanto mudaram seu país de origem e tanto haviam mudado eles próprios [...] os novos contingentes recém-chegados serviam para contrastar o seu sotaque e a sua ignorância do mundo cultural longínquo de que se desgarraram suas famílias. (RIBEIRO, 1995, p. 436)

O esclarecimento sobre a origem do gaúcho e do CTG, e das comunidades imigrantes, apesar de não ser o tema central desta reflexão, busca sustentar a postura de estranheza quando, em terras goianas, povos descendentes das colônias italianas e alemãs, que viveram ilhados em suas próprias heranças européias, aqui adquirem a identidade gaúcha. Objetiva, também, compreender os matizes culturais do tradicionalismo pela cultura que o adotou.

Torna-se necessário compreender o processo que levou à criação da nova identidade desse imigrante, que em Mineiros se descobriram “gaúchos”.

Os sulistas lançaram, assim, mão do imaginário gaúcho, como um arranjo na busca da criação dessa identidade que os uniria, como afirma Arruda (1990, p.133):

O imaginário [...] corresponde a uma elaboração significativa reduplicada. Isto é, aos significados míticos atribui-se nova significação. Nesses termos, o mito seria a concepção central e unitária [...] . O imaginário resultaria tanto de uma sofisticação da vertente representativa, mas afastada da imediatividade prática, quando de certa historicidade da leitura do pensamento mítico, fruto da agregação de novos significados em diferentes momentos.

Quanto a essa realidade de criação de uma tradição, mesmo inspirada em uma que já existia, Hobsbawm (2006, p.10) afirma: “Elas são reações a situações bastante novas que ou assumem a forma de referência a situações anteriores, ou estabelecem seu próprio passado através da repetição quase que obrigatória”.

Nesse caso a invenção da tradição, como define Hobsbawm, baseou-se num olhar para trás. Na verdade inspirou-se em outra tradição também inventada, que é o mito do gaúcho, muito cultuada no Rio Grande do Sul, exceto nas regiões de imigração, justamente de onde vieram os imigrantes de Mineiros.

Buscou-se a coesão para construir espaço próprio em uma sociedade que já tinha sua história, identidade, tradição, estilo de vida e normas próprias das quais se orgulham. Nessas circunstâncias abrir caminho para o poder local era um desafio para os sulistas, pois a sociedade apresentou-se muito fechada e a política ainda bastante marcada pelos donos do poder local.

O grande contraste entre os recém-chegados e os estabelecidos, além dos hábitos e costumes, era a coesão social dos últimos:

Era graças a seu maior potencial de coesão, assim como à ativação deste pelo controle social, que os antigos residentes conseguem reservar para as pessoas de seu tipo os cargos importantes das organizações locais [...]. Assim a exclusão e a estimulação dos recém-chegados pelos grupos estabelecidos eram armas poderosas para que os últimos preservassem sua identidade e afirmassem sua superioridade, mantendo os outros em seu lugar. (ELIAS, 2000, p.22)

É óbvio que a primeira meta desses trabalhadores da terra e sonhadores eram as grandes riquezas que dela poderiam tirar, ou seja, a prosperidade material. Sabe-se, também, que o próximo passo seriam a auto-afirmação social e a participação política. Para isso teriam de se impor a um ambiente social e político fechado aos estranhos.

A cultura de trabalho, de poupança e de aproveitamento de todas as oportunidades, aos olhos dos recém-chegados que vinham dos minifúndios sulistas, era muito forte, pois vinham de lugares pequenos com poucas oportunidades. Os goianos, que “desperdiçaram” essas terras, eram gente de “pouco trabalho” e “acomodados”, com uma vida simples, sem muita prosperidade, gente sem ambição, como define um sulista ouvido.³³

Na mentalidade sulista, trabalho é condição de riqueza e não aproveitar as oportunidades de prosperar é o mesmo que ter prejuízo. Não apenas não ganhar, pois o não-construído, mas oportunizado, é computado como perda. Com essa mentalidade o sulista não compreende as atitudes dos estabelecidos quando recusam um trabalho, como relata indignada uma senhora sulista:³⁴“as empregadas (domésticas) quando pedem emprego dizem que têm filho para criar e não têm marido, precisam muito do trabalho, mas quando a gente reclama do serviço, na hora pedem as contas [demissão]. E na lavoura é a mesma coisa, eles só querem o emprego: não o trabalho”.

³³ Entrevistado nº 12, em depoimento concedido no dia 25 de julho de 2007.

³⁴ Entrevistado nº 4, em depoimento concedido no dia 20 de julho de 2007.

Para o sulista, a prosperidade do lugar dependia deles para acontecer, e só aconteceria com a imposição dessa forma de ver as oportunidades e aproveitá-las.

Portanto, a visão diferenciada do que cada um define como trabalho causa mais um choque de mentalidades sobre o valor do trabalho, pois para o sulista “o mito capitalista da ascensão social pelo trabalho, onde a capacidade de criar riqueza através do trabalho é concebida como uma virtude socializada, sem distinção de classes, que abre acesso ao capital e ao capitalismo a todo homem que trabalha” (MARTINS, apud HAESBAERT, 1997, p. 177), choca-se com a visão de trabalho do pecuarista por natureza extensiva da região que não concebe culturalmente a necessidade do trabalho intensivo, como prega, acredita e exige o sulista.

Ao olhar dos sulistas, dessa vez, “burros” são os goianos que valorizam as furnas, terras dobradas, e deixam desocupados os valiosos chapadões que, apesar da acidez, seriam corrigidos facilmente, sendo excelentes terras para grandes produções.

Era certo, portanto, que aquelas terras “improdutivas” e só utilizadas como pastagens do criatório nativo ou no uso extrativista suprimindo necessidades de sítiantes e de proprietários rurais com material de construção, cerca, estábulos, lenha doméstica e outras poucas serventias (em quase nada modificava o ambiente) [...] tornar-se-iam grandes produtores de soja, arroz, milho, feijão, sorgo, café e outras culturas, mudando, assim, a própria mentalidade regional. (SILVA, 2005, p. 210)

Na realidade, a própria imprensa, diante do avanço do agronegócio em Goiás, ajudou a criar o mito do sulista empreendedor por natureza. Situação que só levou em conta os sulistas que deram certo e, faça-se justiça, foram a maioria. As exceções à regra são encontradas na história dessa imigração, em que alguns não se adaptaram e fracassaram. Há casos dos que prosperaram em tempos de “vacas gordas” de crédito fácil e subsídios e não investiram racionalmente, levando-os à falência. São casos que questionam a vocação sulista ao progresso ou à sua “missão civilizadora” tão divulgada por eles.

Com a prosperidade conseguida logo com a chegada, apesar do grande trabalho e enormes dificuldades, eles logo se elegeram como responsáveis por tirar Mineiros do atraso.

Consideram-se os redentores da prosperidade e dos avanços. Conseqüentemente, os estabelecidos que detêm o poder passaram a ser considerados símbolos de atraso.

2.4 A reconstrução da tradição gaúcha em Mineiros

Inspirados no Tradicionalismo gaúcho, os sulistas descendentes de imigrantes italianos e alemães recriaram o ambiente do CTG a partir do que perceberam ser o tradicionalismo gaúcho. Aqui aprenderam a usar pilchas (roupas do tradicionalismo gaúcho): bombachas, guaiacas, vestidos de prenda luxuosamente ornados, diferentemente do tradicional vestido de chita das prendas gaúchas, botas, chapéu de barbicacho, usados, é claro, apenas nas festividades e comemorações.



Figura 19

Grupo de Dança do CTG Porteira da Saudade de Mineiros

Fonte: Foto cedida por Inês Parmeggiane.

Na verdade, de todos os hábitos gauchescos, o chimarrão foi, talvez, o único hábito que realmente fazia parte de seus costumes, já que o chimarrão caiu no gosto desse imigrante, desde a colonização do Rio Grande do Sul, o que se justifica pelo clima subtropical com invernos muito frios. Vale lembrar que toda cultura é híbrida, e apesar da cultura tradicionalista gaúcha ser nascida e desenvolvida nos pampas sulistas, região da fronteira com os países platinos e por isso não ser uma realidade de culto dessas comunidades imigrantes, alguns poucos hábitos, sejam de uso ou de técnicas, foram assimilados, embora em muito menor grau do que a permanência de suas raízes, trazidas pelos seus ancestrais europeus.

O artificialismo do tradicionalismo dos sulistas de Mineiros pode ser observado no Estatuto interno do CTG Porteira da Saudade, em seu artigo 4º, letra G, que estabelece, entre muitas obrigações da entidade:

defender e conservar por todos os meios os monumentos do passado, mangueirões de pedras, casarão, sobrado, cemitérios abandonados, portas de ferraria marcadas a ferro e fogo, taperas, palanques, porteiras, enfim tudo o que represente a memória tradicionalista.

Considerando-se que os elementos citados, para serem preservados, encontram-se na realidade do Rio Grande do Sul, como eles recém-chegados e em Goiás poderiam preservá-los? Percebe-se aí uma transposição da legislação do CTG gaúcho sem um devido conhecimento do assunto.

Por essa razão, devem ter dado um toque original aos CTGs. Mesmo assim, mantêm certos símbolos na decoração, como rodas de carroça, a bandeira do Rio Grande do Sul, as armas, as cores do Rio Grande do Sul – verde, vermelho e amarelo. A própria bandeira criada para o CTG Porteira da Saudade é um desenho de porteira aberta sobreposta sobre à bandeira do Rio Grande do Sul (Figura 36).

Percebe-se a recriação, por exemplo, nos jogos e no lazer. As práticas rotineiras do CTG gaúcho original – os torneios de truco, os rodeios de laço e doma – realizadas nas festas chamadas Campeiras (Figuras 21e 22), em Mineiros, restringem-se aos torneios de bolão (origem alemã), torneios de bocha de quadra (origem italiana) e torneios de futebol.



Figura 20

Centro de Tradições Gaúchas Porteira da Saudade.

Observem-se as cores do Rio Grande do Sul nos muros frontais do CTG.

Fonte: SANDRA SANDRI, 2008.

Em *site* especializado,³⁵ encontram-se as atividades ordinárias desenvolvidas nos CTGs gaúchos (Figuras 21 e 22):

As provas de laço dupla, laço guri, laço piá, laço veterano, laço vaqueano, laço patrão, laço capataz, laço prenda, laço diretor campeiro, laço seleção peão e laço pai e filho; pealo de paleta, pealo de bolcado e pealo de sobre lombo; gineteada, rédea relógio piá, guri e peão; e vaca parada piazinho e piazito.

Uma entrevistada (nº. 8), grande incentivadora da manutenção do CTG Porteira da Saudade de Mineiros, explica a inabilidade do sulista de Mineiros com a atividade campeira:

O perfil do sulista de Mineiros é de quem não tinha tradição na pecuária, daí não terem a menor intimidade e habilidade com o cavalo [...]. Até hoje, se quisermos fazer uma

³⁵ Disponível em: <www.gravataf.rs.gov.br/noticias> Acesso em: 20 de julho de 2007.

cavalgada, temos que pedir cavalos emprestados para os goianos [...]. Não temos elementos culturais para constituir um tradicionalismo fiel ao do gaúcho da fronteira.[...]. Nosso CTG é mais social e artístico, não temos o lado campeiro.



Figura 21
Torneio de tiro de laço.- CTG no RS na Semana Farroupilha. ³⁶



Figura 22
Torneio típicos. CTGs do RS na Semana Farroupilha. ³⁷

³⁶ Disponível em: <www.gravatai.rs.gov/noticias/fotos> Acesso em: 15/07/2007



Figura 23
Torneio Farrroupilha.- CTG Porteira da Saudade – Mineiros-GO
Semana Farrroupilha, 2007.³⁸



Figura 24
Torneio Farrroupilha- CTG Porteira da Saudade- Mineiros-GO
Semana Farrroupilha, 2008.³⁹

³⁷ Disponível em: < www.gravatai.rs.gov.br/noticias/fotos/ID7849_> Acesso em: 21 jul. 2008.

³⁸ Disponível em:<www.contato10.com.br> Acesso em: 15 jul. 2008.

³⁹ Disponível em: <www.contato10.com.br> Acesso em: 30 set. 2008.



Figura 25
Placa comemorativa da inauguração do CTG Porteira da Saudade de Mineiros.
Observe-se na placa a autodenominação "colônia gaúcha".
Fonte: CTG

A adaptação cultural pode ser observada nas quadras de jogo de bocha construída ao ar livre (Figura 26), mediante uma cena típica de uma comunidade italiana no sul. Já no CTG Porteira da Saudade de Mineiros (Figura 27), as quadras de bocha encontram-se em espaço interno, situação estranha para um CTG original no Rio Grande do Sul.



Figura 26
Quadra típica de Jogo de bocha no RS
Fonte: PILETTI, 2007, p. 99



Figura 27
Quadra de bocha
Espaço interno (CTG Porteira da Saudade, Mineiros).
Fonte: ELTON SANDRI, 2008.

...



Figura 28

Quadra de bolão no interior do CTG Porteira da Saudade

Fonte: ELTON SANDRI, 2008.

Outro destaque de recreação refere-se aos bailes tradicionais dos CTGs. No Rio Grande do Sul, os bailes tradicionais denominam-se fandangos. São bailes com músicas e danças típicas nativistas e gauchescas. No CTG Porteira da Saudade, de Mineiros, esses bailes são raros, e a principal razão para isso é que esses bailes não atraem muitos participantes, pois nem os sulistas sabem dançar as músicas características de um fandango, como o vanerão,^{40 28} a chimarrita⁴¹ ou o maçanico.⁴² Na sua maioria, os bailes realizados no CTG mineirense são eventos mais tradicionais da cultura da imigração alemã do que da cultura gaúcha, como por exemplo os clássicos bailes do Chopp, e do Kerp.⁴³

⁴⁰ Vanerão: dança típica do folclore gaúcho.

⁴¹ Chimarrita: dança típica do folclore gaúcho, dança, etnografia (*Dicionário Eletrônico Houaiss*,.).

⁴² Idem, p.

⁴³ *Kerp*: dança, música; regionalismo: Rio Grande do Sul. Baile popular nas zonas de colonização alemã (*Dicionário Eletrônico Houaiss*, .).

O Baile do Kerp chegou a contar com a participação de grupos folclóricos alemães sulistas, a exemplo do Centro Cultural 25 de julho de Ujuí, RS, que apresentou danças tipicamente alemãs e sempre ao som de bandinhas alemãs vindas também daquele estado.

No caso do Baile do Chopp, sua abertura, até há alguns anos, era feito com desfile de sulistas trajados com pilchas, não-gaúchas, mas alemãs. Hoje é o maior evento do CTG Porteira da Saudade, porque lhe foi atribuído um tom mais popular, com uma variedade de música que vai das bandinhas alemãs às músicas populares. Trata-se de adaptação que agrada a sulistas e goianos.



Figura 29

Baile do Chopp.-CTG Porteira da Saudade, em Mineiros (10 de nov. de 2007).

Sulistas trajados com roupas típicas alemãs.⁴⁴

⁴⁴ Disponível em: www.topmineiros.com.br . Acesso em: 15/01/2008.

A reterritorialização e assimilação da cultura gaúcha tão longe de sua pátria e de pouca vivência, assim como a influência da cultura nativa, propiciaram que o CTG Porteira da Saudade mesclas culturas e se tornasse menos tradicionalista (termo que se refere à cultura gaúcha original). Isso, sem dúvida, decorre do artificialismo dessa cultura gaúcha, com menos tradições a conservar.

Portanto, a cultura gaúcha que, aparentemente, sobrevive além-pagos, torna-se metamorfoseada, primeiro pela reinterpretação do sulista, que não a praticava em sua terra de origem, por serem descendentes de italianos e alemães, depois pela influência do estabelecido, a exemplo de alguns eventos inéditos para um CTG. Veja-se o já clássico Jantar Goiano (Figura 30), com cardápio e danças goianas, como a catira, ou os campeonatos, de bocha ou de futebol, ou ainda, os jantares italianos.



Figura 30 Jantar Goiano.
15 de março de 2008. CTG Porteira da Saudade.⁴⁶

⁴⁵ Disponível em: <www.topmineiros> Acesso em: 1º de julho de 2008.

⁴⁶ Disponível em: <www.topmineiros> Acesso em: 1º de julho de 2008.

As Festividades da Semana Farroupilha (Figuras 31, 32, 33, 34) também possuem características diferentes das tradicionais do Rio Grande do Sul, pois, de 13 a 20 de setembro, eles comemoram, com rodas de chimarrão, apresentações artísticas, mas o que predomina são os torneios de bocha, bolão e futebol, diferentemente do Rio Grande do Sul, promovem mais danças, concursos de músicas, declamações, entre outros. O cardápio, apesar de apresentar pratos da culinária gaúcha nesses dias de festividades, como carreteiro e churrascos, oferece também macarronadas, feijoadas e pratos goianos.



Figura 31

Figura 32



Figura 33

Figura 34

Semana Farroupilha.

CTG Porteira da Saudade, Mineiros, 2007.⁴⁷

⁴⁷ Disponível em: < www.topmineiros.com.br>. Acesso em: 10 jul. 2008.

A festa junina é outro evento comemorado pelo CTG, mas, como aparece nas atas do CTG, reverencia o patrono do Rio Grande do Sul, São Pedro.

A música gaúcha, aprendida e cantada nas festividades, tem temática nativista gaúcha, mas com sotaque italiano e alemão, acrescido das músicas tradicionais das colônias imigrantes.

O CTG Porteira da Saudade, que foi em mais de vinte anos o ponto de encontro e elemento de coesão do grupo sulista estabelecido em Mineiros, atualmente passa por momento de estagnação, com poucos freqüentadores, apresentando dificuldades para se manter. Ao serem perguntados sobre as atuais dificuldades do CTG, alguns associados afirmam que ele foi criado porque os imigrantes chegaram e não tinham onde se reunir, mas depois que se tornaram prósperas, as famílias passaram a construir em suas casas as suas próprias áreas de festas e o CTG ficou de lado como ponto de encontro. Outros já afirmam que é só uma fase, em decorrência da crise agrícola de 2005–2006, e que logo será revitalizado.

O CTG Porteira da Saudade já teve mais de 160 famílias associadas e hoje conta com cerca de 60. Seus atuais dirigentes lembram que um grande número de seus idealizadores já morreu ou foi embora, mas afirma que a crise é devida à grande concorrência na cidade de muitos outros clubes que surgiram e oferecem lazer barato, embora com menos qualidade.

Todavia, crê-se que o artificialismo de uma cultura transplantada por quem não a cultivava em suas terras possivelmente seja a grande causa do atual enfraquecimento do CTG Porteira da Saudade. Os fundadores do CTG aprenderam teoricamente a história desse Rio Grande do Sul gaúcho por meio de seus filhos, que arduamente estudaram o tradicionalismo gaúcho para participarem de concursos de canto, dança, trovas e história do Rio Grande do Sul, dentro dos CTGs e entre os CTGs.

Essa geração não deu continuidade ao trabalho de seus pais quando, adultos, abandonam as atividades no CTG e não substituíram seus pais na liderança da entidade. Provavelmente

porque a cultura gaúcha nunca fez parte de seu cotidiano da história de sua família. Era, portanto, uma realidade teórica, não só desses jovens, mas também de seus pais, que construíram essa instituição.

Tal realidade pode ser comprovada pelo depoimento de uma sulista (Entrevistada n°. 2),⁴⁸ que chegou em Mineiros em 1983 e foi muito atuante na construção do CTG, “o CTG não me empolga mais, não tá na veia da gente!”.

Mas, ao que parece, o CTG já cumpriu sua função social, que era de proporcionar aos *outsiders* inseguros um referencial identitário, em um momento de chegada e conquista de um espaço que já tinha dono, tradição e história.



Figura 35
Almoço do Dia das Mães.⁴⁹
CTG Porteira da Saudade Mineiros

⁴⁸ Entrevista concedida em 18 de janeiro de 2008.

⁴⁹ Disponível em: <www.topmineiros.com.br>. Acesso em: 12 jul. 2008.



Figura 36⁵⁰

Festividade no CTG Porteira da Saudade , Mineiros (2008).

⁵⁰ Disponível em: <www.topmineiros.com.br>. Acesso em: 12 jul. 2008.

PARTE 3 MINEIROS DOS “ ESTABELECIDOS e *OUTSIDERS*”

3.1. Mineiros dos “Estabelecidos”

O município de Mineiros está situado em uma das maiores altitudes brasileiras, na Serra dos Caiapós, na zona do Alto Araguaia, ostentando um dos maiores divisores de água da América do Sul e onde brotam mais de duas mil nascentes d'água, que formam vários rios, dentre eles o Rio Araguaia, Rio Verde, Formoso e Jacuba, com 33 belíssimas cachoeiras catalogadas. Rios de beleza irretocável drenam a “última pátria do cerrado”, que abriga em seu município o Parque Nacional das Emas, Patrimônio Natural da Humanidade pela Unesco.



Figura 37

Mapa do estado de Goiás.

Município de Mineiros em vermelho.⁵¹

Mineiros foi fundado por um grupo de mineiros vindos de Araxá, MG, que se instalaram na região por volta de 1872. As famílias ocuparam as proximidades do Córrego Moita Redonda.

⁵¹ Disponível em: < www.wikipédia.org >. Acesso em: 15/07/2008.

Em 1873, já formavam um povoamento disperso constituído de criadores de gado, que passou a denominar-se “Mineiros”. Em 1891 o povoado tornou-se distrito de Jataí, virou vila e município em 1905, sendo instalado ali o regime denominado Intendência, que perdurou até 1930, período caracterizado pela política dos “coronéis”. No período de 1930 até 1946, foi administrado por interventores. Após ser elevada à condição de povoado e depois vila, em 31 de outubro de 1939 ocorreu a emancipação, tornando-se, oficialmente, o município de Mineiros, data do aniversário da cidade. De 1946 até hoje é administrado por prefeitos eleitos.

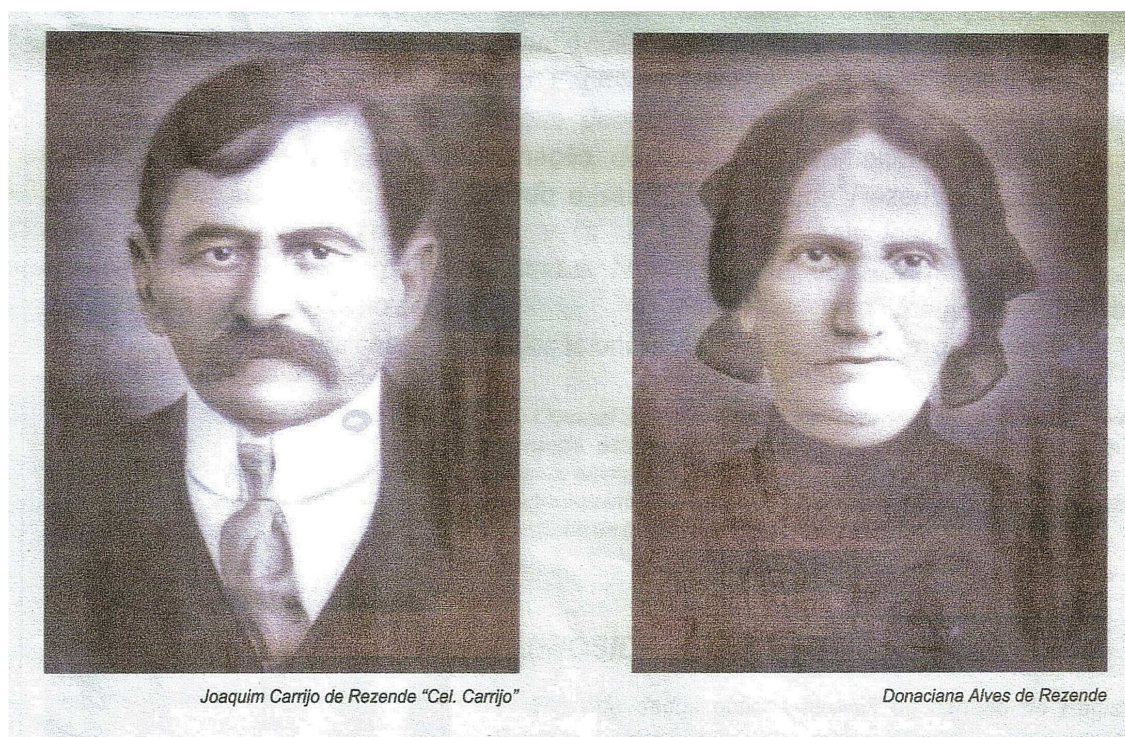


Figura 38

Fundadores de Mineiros

Fonte: Encarte comemorativo aos 64 anos de Mineiros, produzido pela Prefeitura de Mineiros, 2003.

Demograficamente, Mineiros passou por três períodos marcantes. O primeiro vai de 1873 a 1905, com a chegada dos imigrantes de Minas Gerais. O segundo, de 1905 a 1970, período em

que marca a chegada de nordestinos, mais especificamente os baianos. O terceiro, a partir de 1970, é identificado com a chegada dos imigrantes sulistas.

A origem de Mineiros, como o próprio nome lembra, relaciona-se à chegada, em Goiás, de “desbravadores” ou “neobandeirantes” (SILVA, 2005, p.161), oriundos de Minas Gerais, especialmente de Araxá, próximo ao Triângulo Mineiro, ainda no século XIX, por volta de 1872, marco da chegada dos irmãos Carrijo de Rezende. Coronel Joaquim Carrijo de Rezende é considerado o fundador de Mineiros. Vieram em busca de ouro e diamantes, bem como de terras devolutas propícias à criação de gado. “Como a notícia de que poucos eram os índios e que os campos eram limpos, próprios para a criação de gado, houve grande interesse em se apossar de terras no sudoeste goiano, até então desabitadas (FRANÇA & LIMA, 2004, p. 7).

Na descrição histórica do padre D. Josias Dias da Costa, pesquisador de Mineiros:⁵²

Os mineiros quando deixaram para trás as Minas Gerais tinham – e continuam tendo – um propósito muito bem delimitado: o de acumular bens. [...] Pode-se dizer que a “ética da acumulação” é o que moldava o comportamento dos mineiros que povoaram essas terras. Mas esses desbravadores, diferentemente dos aventureiros, não faziam da acumulação o fim último das suas ações. A acumulação de bens, conseguida a duras penas, tinha como objetivo ter “muita fartura”. Essa fartura, que os mineiros buscaram ter em suas vidas para poder desfrutar, resultou na apropriação e no registro de terras oferecidas pela Província de Goiás; na criação de gado de modo extensivo; na bastante variada atividade agrícola, ainda que para a subsistência, uma vez que não havia mercado consumidor próximo e muito menos os meios de transporte para esses longínquos mercados.

Formam-se, a partir daí, as grandes propriedades nas mãos das famílias mineiras que migraram para a região. A extensa propriedade é justificada pela “criação extensiva do gado no cerrado que exigia grandes extensões de terra, uma média de um alqueire para criar uma rês e nos terrenos arenosos dois alqueires por rês” (LIMA, 2004, p.10).

As vastas fazendas de criação de gado desenvolveram-se em moldes tradicionais, com pecuária extensiva, de baixa produtividade e agricultura de subsistência, assim permanecendo até por volta de 1970. Ainda que a partir de 1940 o sudoeste goiano tenha passado por um

⁵² Disponível em: www.mineiros.gov.br.> Acesso em: 28 jul. 2008.

incremento da agricultura, Mineiros, por sua vez, manteve a pecuária como o carro-chefe da economia e a atividade agrícola como uma atividade complementar exercida pelos pequenos produtores, agregados ou meeiros, como explica Silva (2005, p. 186-187):

A estagnação econômica característica do velho “ciclo do boi” e fundada em favores geográficos, políticos e, inclusive culturais, atrasou consideravelmente o desenvolvimento social e econômico da região. Note-se que, por mais de cem anos, manteve “cerca de oitenta mil Km² destas terras no chamado ‘desenvolvimento muito modesto’”. [Assim] as atividades agrícolas têm apenas expressão local, reduzindo-se a uma pequena produção de milho, cana, café, arroz de espigão, feijão, fumo e algodão [em que] impera a criação de gado, aproveitando passivamente o quadro natural dos cerrados e campestre.

Como pode ser observada, a condição de permanência da pecuária como o carro-chefe da vida mineirense criou conceitos semelhantes aos criados para o estado todo, sendo freqüentemente associado a termos como “estagnação”, “atraso” ou “decadência”. Mas, diferentemente da visão de atraso e estagnação aferida à pecuária por Silva (2005), Chaul (2001, p. 240-241) defende que a pecuária cumpriu um papel importante para Goiás, especialmente após o esgotamento das minas:

De antiga existência a pecuária foi capaz de superar as carências econômicas de Goiás [...], rompendo com as barreiras impostas pela comunicação, uma vez que o gado se autotransportava. A pecuária pôde abrir as fronteiras de Goiás ao posterior florescimento da agricultura do cerrado goiano, em níveis de exportação para o território nacional [...]. Goiás não era nem decadente, nem atrasado, apenas caminhava de acordo com suas possibilidades, no ritmo estabelecido pelo lugar que ocupava no conjunto da sociedade brasileira.

Assim, em Mineiros, a vida socioeconômica e política se organizou atrelada à pecuária extensiva, quadro que permaneceu quase intacto por cerca de cem anos, com baixos índices de produtividade. Isso por causa do baixo valor alimentar das pastagens, da dificuldade de importação do sal e insumos para o gado, bem como de seus altos preços, além da deficiência nos transportes. Lembre-se que o rebanho era conduzido por terra até o mercado, percorrendo longas distâncias até o sudeste, especialmente até o Triângulo Mineiro, o que agravava a qualidade do rebanho vendido e aumentava as perdas na negociação. Segundo Borges (2000, p.115), no transporte das boiadas por terra e nas transações comerciais do gado, a pecuária de

corde goiano perdia entre 30% e 40% de seu valor real. Além disso, ainda via as perdas de arrecadação fiscal, pelo transporte do boi a pé, com a ausência de frigoríficos no Estado.

Apesar das dificuldades, o rebanho do sudoeste goiano, onde se insere Mineiros, era o melhor do Estado. E a possibilidade de diversificação da economia, investindo em produção agrícola em larga escala para exportação, por exemplo, era muito pequena, pelas mesmas dificuldades de transportes e mercado interno que enfrentava a pecuária. Mas com um agravante ainda maior: a perecibilidade dos produtos da agricultura.

A falta de mercado local e a deficiência de meios de transporte para escoar a produção para outros estados representavam problemas cruciais para o desenvolvimento da atividade agrícola regional. O carro de bois e as tropas eram meios de transporte até então disponíveis em Goiás, ambos com capacidade de carga limitada por volume, inviabilizando assim as exportações de produtos agrícolas. [...] Além de transitar nas estradas apenas na estação seca, o custo do transporte por carro de bois era demasiadamente alto, pela pouca capacidade de carga, pela demora da viagem e pelas despesas de alimentação do pessoal e dos animais. Segundo fonte oficial, muitas vezes, a produção agrícola excedente não pagava nem mesmo seu próprio transporte e era preferível deixá-la apodrecer na roça. (BORGES, 2005, p. 95)

Com grandes limitações geográficas, de mercado e de transportes, a diversificação econômica de Mineiros, assim como em outras regiões do estado, não aconteceu. Manteve-se no que aparentemente se justificou por uma “vocação pastoril” (BORGES, 2005, p.113) do estado e de Mineiros em especial, demonstrando uma realidade que permanece intacta até os anos de 1970. Assim, a pecuária e a posse da terra garantiram poder social, econômico e político, em Mineiros, pelas famílias detentoras dessas credenciais.

Sobre a “vocação pastoril”, Borges (2005, p. 113-114) afirma:

Esta idéia de “vocação pastoril” de Goiás interessava, particularmente, aos grandes fazendeiros que controlavam o poder local e monopolizavam a posse e a propriedade da terra. A pecuária extensiva era a forma utilizada para a ocupação e o domínio de grandes áreas. Assim, o criatório garantia aos latifúndios o controle privado da terra ao menor custo possível. [...] Admitir esse predomínio da atividade pastoril na economia goiana apenas como fatalidade natural e histórica é desconhecer a lógica da organização da produção agrária regional e as relações intersetoriais que a envolviam. Além disso, devem ser consideradas as dificuldades de transportes que dificultavam o escoamento da produção agrícola e o caráter da especialização da produção agropecuária. [...] As condições naturais e a estrutura agrária tradicional favoreciam o desenvolvimento da

pecuária como “carro-chefe” da economia regional. Mesmo com baixos índices de produtividade e os baixos preços do boi [...], os baixos investimentos e as relações de trabalho não-capitalistas reduziam os custos de produção nas fazendas e garantiam uma renda relativamente alto no setor, o que viabilizava o processo produtivo e mantinha a pecuária como atividade mercantil inserida na dinâmica da economia de mercado.

A partir de 1930, surgiu um discurso populista na política Vargasista, mediante a idéia de “conquista do oeste”, divulgando que a modernização chegaria até o sertão goiano, juntamente com reformas fundiárias e trabalhistas. Na prática a realidade mineirense não alterou em nada, já que o projeto expansionista visava garantir produtos baratos para a burguesia industrial do sudeste. Note-se, Mineiros já oferecia o gado de corte a preços baixos, cumprindo sua função na divisão regional do trabalho. Quanto à estrutura fundiária nem foi tocada, pois a modernização proposta era idealizada dentro dos moldes latifundiários, ou seja, uma modernização conservadora. Também inalterada continuou a situação dos trabalhadores do campo, pois nem de perto passou a legislação trabalhista implantada na cidade. E o campo continuou com as mesmas relações de trabalho exploratório dos latifundiários sobre seus peões ou agregados, como refere Borges (2005, p. 136):

O poder emergente do movimento de 30 em Goiás, apesar de expressar uma ideologia “modernizante” e progressista, na realidade tinha como base de sustentação o setor agrário tradicional. O sudoeste goiano, base econômica e política do referido movimento e do poder dele constituído, estava longe de tornar-se uma economia agrária moderna [...]. A modernização da economia agrária tornar-se-ia realidade somente depois dos anos 60.

A promessa de modernização, diversificação e expansão da fronteira agrícola prometida por Vargas somente ocorreu a partir da implantação de projetos do Regime Militar, sedento por produtos de exportações para conseguir divisas com vistas ao pagamento da dívida externa e a matérias-primas para a indústria, o que impulsionou a expansão capitalista no campo. Para isso concorreram incentivos fiscais, subsídios, financiamentos para a aquisição de toda uma parafernália tecnológica implantada da introdução de novas frentes agrícolas com alta produtividade.

Em Mineiros a transição da sociedade e da economia calcada na pecuária tradicional para uma agropecuária moderna e altamente mecanizada e produtiva ocorreu curiosamente não pela

transformação das estruturas tradicionais existentes, mas com a chegada de um novo “bandeirante”, agora sulista. No ano de 1984, Silva já apontava os primeiros impactos provocados pela imigração sulista:

Aquela velha agricultura da subsistência, empírica, com seu papel secundário na economia regional, quase desapareceu [...]. Também [desapareceu] o velho manejo do gado solto, espalhado nos enormes descampados, especialmente nos tempos das queimadas das grandes pastagens naturais, que oferece pouca mão-de-obra, mas de baixo valor nutritivo [...] [A] influência de imigrantes do sul é tão acentuada que [...] já transformou o próprio visual topográfico regional. (p. 64)

As transformações foram também detectadas pelo padre beneditino D. Josias Dias da Costa, pesquisador e estudioso de Mineiros:

Mineiros entrava a partir daí no modo-de-produção tipicamente capitalista, que substituiu o modo-de-produção familiar em que os proprietários arrendavam as terras aos camponeses, conhecidos como agregados, que pagavam a renda da terra com uma porcentagem, geralmente 50%, do que produziam. No novo modo de produção a mão-de-obra assalariada substituiu os camponeses que se tornaram assalariados ou tiveram que amargar a dura existência de uma vida na periferia da cidade ou de migrante em outros estados do Brasil.⁵³



Figura 39
Casa típica das fazendas tradicionais de Mineiros⁵⁴

⁵³ Disponível em: <www.mineiros.gov.br> Acesso em: 25/07/2008.

⁵⁴ Disponível em: <www.contato10.com.br-2008> Acesso em: 15 jan. 2008.

Ainda sobre os traços marcantes da sociedade mineirense, D. Josias Dias da Costa destaca uma característica marcante dos estabelecidos – sua casa.

Também, se pode ver na estrutura de cada casa construída por esses empreendedores mineiros a ostentação de uma grande cozinha com uma enorme mesa ao centro, na qual são servidas fartas refeições, acompanhadas dos mais variados petiscos de sua despensa.⁵⁵



Figura 40
Atual sede da Fazenda de Joabelardo de Carvalho
Modelo típico das fazendas tradicionais de Mineiros.
Fonte: ELTON SANDRI, 2008.

Nesse sentido vale destacar a afirmação do jornalista Francisco Viana (apud HAESBAERT, 1997, p. 23):

A invasão de sulistas tirou Goiás da *Civilização do curral* e o arremessou, sem escalas intermediárias, para a sociedade de consumo. O encontro desses dois mundos, que parecem tão isolados um do outro, quanto a água do óleo, fez emergir todos os seus dolorosos paradoxos. (Grifos no original.)

⁵⁵ Idem.

A denominação “civilização do curral” alude a uma interpretação mais uma vez de atraso, que certamente pode ser questionada nas palavras de Chaul (2001, p. 240), em análise de Goiás no início do século XX:

Quanto ao tema de decadência, cabe observar que o termo, decantado pelos viajantes, não encontrava correspondência na sociedade local, distante ainda dos moldes de produção capitalista, que os europeus ansiavam ver no sertão de Goiás. A sociedade local não era indolente, ociosa, e muito menos decadente. Apenas orientava-se por outros níveis de preocupação e buscava satisfazer necessidades vitais à sua maneira.

Sob novas condições e com novos elementos humanos, um processo de transformação da realidade social, cultural e econômica de Mineiros se processou a partir de 1970.

3.2 MINEIROS DOS *OUTSIDERS*

3.2.1 Da pecuária tradicional ao agronegócio

A presença do imigrante sulista criou uma nova realidade, pois a partir de sua instalação mudanças profundas aconteceram no cenário mineirense. Não somente na implementação de atividades de produção capitalistas modernas como a diversificação da produção, introdução de tecnologia agrícola, mas também na grande acumulação capitalista que se observa em Mineiros.

Novas atividades econômicas são agregadas à expansão agrícola, como o comércio de máquinas, insumos, ferramentas, peças, armazenamento e comercialização de grãos, entre outros. Surgiu, também, uma diversificação de atividades profissionais na sociedade, como técnicos agrícolas, engenheiros agrícolas, contadores, advogados, corretores de grãos e agrimensores, por exemplo, que chegaram para dar suporte ao agronegócio.

O reconhecimento da necessidade de diversificar a economia mineirense, abrindo caminhos para novas frentes de produção e busca de tecnologia, já era uma preocupação de um padre beneditino norte-americano. D. Eric atuava em Mineiros havia muitos anos e se dizia

inconformado com a baixa produtividade da região, como se pode ver: "Como que uma terra pode não ser produtiva se o capim que cresce nela chega até dois metros de altura e chove mais que 1.800 mm por ano?".



Figura 41
Monumento em homenagem a Don Eric.⁵⁶

Com base nisso, levantou a hipótese de que o problema poderia estar no grau de acidez do solo. E depois de algumas análises feitas nos Estados Unidos e no Instituto Agrônomo de Campinas (IAC), de São Paulo, obteve a confirmação de sua suspeita, descobrindo-se que a terra necessitava de adubo tipo NPK. Com esse resultado em mãos, Dom Eric conseguiu junto à

⁵⁶ Disponível em: < www.mineiros.go.gov.br>. Acesso em: 15 jul. 2008.

Secretaria Estadual de Agricultura os elementos básicos para uma pequena produção de arroz. E assim, já em 1968, ele pôde provar aos perplexos fazendeiros da região que os chapadões poderiam ser excelentes espaços para a produção agrícola.⁵⁷

Dom Eric foi um grande estimulador da diversificação das atividades econômicas de Mineiros. Ele plantou as primeiras sementes de soja Santa Rosa, trazidas do Rio Grande do Sul. Como contam na cidade, depois da missa ele distribuía aos fazendeiros algumas sementes de soja para que eles testassem. Estimulava também o plantio de arroz, amendoim, entre outros produtos.

Don Eric acreditava na necessidade da diversificação da economia de Mineiros e no potencial do cerrado, embora não conseguisse adeptos locais para acompanhá-lo no pioneirismo de fazer diferente no cerrado. Foi o idealizador e fundador da Cooperativa Mista Vale do Araguaia (COMIVA) e, com a chegada dos sulistas, tornou-se um grande apoio para esses pioneiros.

Apesar de grande estimulador da diversificação das atividades econômicas em Mineiros, D. Eric era também um grande defensor do cerrado, pois ele acreditava ser possível um desenvolvimento sustentável na região. Criou, desse modo, a Fundação Parque das Emas, para proteger esse parque ecológico.

A chegada e o impacto dos *outsiders* sulistas, em Mineiros, são assim registrados por Silva (2005, p. 197):

O impacto inicial foi o histórico encontro de segmentos étnicos dotados de características psicossociais distintas e conhecimentos técnicos incrivelmente desiguais, ou seja, o da lavoura mecanizada, de origem européia, de clima temperado e modo de produção existente no sul [...] com a “economia do gado” ou os “agricultores de subsistência”, a roça itinerante, a derrubada, a coivara, que antecede o plantio, plantadas por explorados agregados, meeiros, empreiteiros, diaristas ou “negros cativos” das grandes e velhas fazendas. Do trator de esteira, com o aradinho de tração animal. Da pomposa plantadeira vermelha, com a matraquinha manual. Ou de goianos e gaúchos [...].

⁵⁷ Disponível em: <www.geocities.com/eric>. Acesso em: 15 jul. 2008.

Sobre a contribuição do sulista para a realidade econômica de Mineiros, Silva (1984, p. 75), de uma forma crítica, afirmou:

O gaúcho em peculiar trouxe experiências cultural-técnicas que o nativo ainda não tinha: agressividade comercial, o dom empresarial, a perícia técnica do plantio e o conhecimento do tipo e potencialidade produtiva dessas terras que só serviam a produzir pequi, cajuzinho do campo, mangaba, croada, boca-boca, maminha-cadela, jatobá, araçá, araticum, marmelada, coco indaiá, araçá, pitanga, pitomba, que foram desaparecendo como vítimas do desequilíbrio ecológico causado pela cupidez de um processo político desordenado de desmatar os cerrados.

Nessa caminhada, três elementos andam juntos e fazem parte do mesmo processo: os sulistas, a prosperidade capitalista mineirense e a expansão da cultura da soja.

Segundo o IBGE (apud SILVA, 2005, p.196), em 1974, plantaram-se em Mineiros 92 hectares de soja. No ano seguinte, já se registravam 100 hectares plantadas de soja. E essa situação não cessou. Pelo contrário, avançou, alcançando índices vertiginosos, tanto em produtividade quanto em área plantada, como se observa nos quadros a seguir:

PRODUÇÃO

Produtos	1979	1980	1981	1982	1983
ARROZ	26.475	26.349	20.580	22.550	18.000
SOJA	11.904	22.000	33.174	48.728	67.601

Fonte IBGE (apud SILVA, 1984, p. 80)

ÁREA (em hectares)

PRODUTOS	1979	1980	1981	1982	1983
ARROZ	26.455	26.349	24.300	20.500	18.000
SOJA	6.200	11.000	16.262	23.204	30.451

Fonte IBGE (apud SILVA, 1984, p. 80)

Em 2005, segundo dados do IBGE, a produção do agronegócio chegou aos seguintes números:

PRODUTO	ÁREA PLANTADA
SOJA	140.000 hectares
MILHO	22.000 hectares
ALGODÃO	7.315 hectares
SORGO	20.000 hectares

Fonte: IBGE, Censo 2005.

Diante da crise do setor nas safras 2005–2006, alguns dados apresentaram quedas de áreas de produção e produtividade. Na produção de soja e sorgo, por exemplo, de terceiro maior produtor do estado, Mineiros caiu para quarto, embora sua produção de milho e algodão tivesse crescido. Era o quarto produtor do estado em milho e o segundo produtor em algodão. Mesmo com as quedas de algumas produções, sua produção continuou muito alta, justificando a diversificação que a agropecuária moderna provocou em Mineiros com a implantação de frigoríficos, como Marfrig e Perdigão, e uma variedade de outras empresas que se instalaram para dar suporte aos frigoríficos.

PRODUTO	ÁREA PLANTADA
SOJA	118.000 hectares
MILHO	45.500 hectares
ALGODÃO	13.974 hectares
SORGO	12.000 hectares

Fonte : IBGE, dados de 2007

Em três décadas, aproximadamente, entre outros fatores, com a chegada dos sulistas, houve uma transição da agropecuária tradicional de baixa produtividade, para uma agropecuária de ponta, que transformou a realidade econômica e social de Mineiros, tornando-se pólo de produção do agronegócio para exportação com alto nível tecnológico.



Figura 42
Frigorífico Perdigão.
Instalado em Mineiros em decorrência da alta produtividade de grãos utilizados na produção de perus e *chester*



Figura 43

Figura 43
Chapadões do cerrado transformados em lavouras de soja.⁵⁸

Apesar da cultura da soja ser sempre lembrada como a propulsora da expansão tecnológica no campo, a expansão ocorreu em todos os setores do agronegócio. Na pecuária, por exemplo, a introdução de novas técnicas foi muito bem assimilada, por muitos fazendeiros das antigas unidades de produção tradicional de pecuária, que hoje apresentam um nível considerável de produção e qualidade, sendo referências no setor leiteiro e de gado de corte. Além disso, tornaram-se grandes produtores de outros produtos como algodão, milho, sorgo e recentemente a cana.

3.2.2 E a cidade está diferente

As mudanças espaciais tornam-se visíveis não somente nas áreas em que o cerrado cede lugar para as plantações e pastagens, mas também no setor urbano. Os sulistas são vaidosos com suas casas, procurando sempre apresentar melhorias, realizando pinturas novas, investindo em jardins e principalmente em conforto. A prosperidade fez surgir novos bairros, com casas de

⁵⁸ Disponível em: <www.mineiros.gov.br. > Acesso em: 1º jan. 2008.

arquitetura moderna e suntuosas. Muitas vezes parece haver uma competição entre esses produtores pela construção da casa maior e mais vistosa.

Novos conceitos de arquitetura, em relação aos locais, aparecem com os *outsiders* e suas casas. Apesar de serem contratados profissionais para projetos modernos, é sempre possível, em algum detalhe, encontrar características das casas sulistas. Elas estão nos alpendres amplos para a roda de chimarrão, nas grandes cozinhas com a mesma intenção ou nos jardins típicos dessas casas, que, apesar de conter plantas tropicais, compradas nas floriculturas locais, apresentam hortênsias, azaléias, primaveras, gerânios, copos-de-leite e canteiros ao fundo da casa, com plantas medicinais sulistas usadas cotidianamente, como funcho, guaco, losna, hortelã, manjerona, entre outras. E obviamente a churrasqueira em estilo gaúcho é presença certa. Mesmo com casas projetadas por arquitetos e, portanto, diferentes das que os sulistas habitavam no sul – mais simples e geralmente construídas com madeira –, uma rua de um reduto da cidade habitada por sulistas em Mineiros pode ser facilmente confundida com um bairro sulista de outra cidade, onde a imigração sulista se instalou, pela semelhança dessas construções.

Na foto a seguir, vêem-se algumas casas do grupo sulista (Figura 38), com em seu caráter de arquitetura suntuosa, diferentes, como se afirmou, da sua realidade no sul, construídas de madeira, com fachadas muito parecidas e bastante simples.





Figura 44

Casas de produtores sulistas.

A suntuosidade das casas sulistas revela o poder econômico alcançado pelo agronegócio.

Fonte: SANDRA SANDRI, 2008.

A concentração das casas dos sulistas em uma parte circunscrita da cidade, ainda que aí haja alguns moradores goianos, alimenta o paradigma da existência de uma segregação espacial provocada pelos sulistas.

3.2.3 “Churrasco com pequi”: a síntese cultural em Mineiros a partir do *outsiders*

Uma troca cultural interessante acontece na linguagem dessas culturas que se encontram. É comum ouvir gaúchos falarem: “Não dou conta”, “trem”, “banhar” ou ainda “meu dedo zangou”. Do mesmo modo, já se vêem goianos chamando seus meninos de “guri”.

A forma sutil com que o enfrentamento entre estabelecidos e *outsiders* ocorre em Mineiros propiciou uma assimilação de alguns hábitos por ambas as partes, principalmente, quanto aos hábitos alimentares.

São comuns o pão de queijo, o biscoito de polvilho, a pimenta, o cafezinho, a mandioca adoçada com churrasco e até pequi nas mesas dos sulistas. Assim como também a forma gaúcha de preparar o churrasco e a presença da *cuca* e *grostolis*⁵⁹ nas padarias locais.

O tradicional “biscoito carrijo”, que é uma das mais famosas quitandas mineirenses já fazendo parte do receituário goiano na obra *A cozinha Goiana*, do escritor Bariani Ortêncio [...], vai lentamente desaparecendo. Goianos já usam a “chimia”, que o gaúcho já faz até de manga [...] ou a “cuca” [...], o pão caseiro, de farinha de milho. A polenta, o churrasco que é diferente do goiano no tempero e no modo de servir. (SILVA, 1984, p. 67)

Nos supermercados encontram-se muitos produtos que são consumidos predominantemente por sulistas, como erva-mate, chimia,⁶⁰ farinha de milho para polenta, fermento para pães caseiros e, em épocas de safra, pinhão e caqui-chocolate. Nas lojas, até o fogão à lenha sulista esmaltado e portátil, usado no Rio Grande do Sul para aquecer o ambiente e para cozinhar, está presente, sendo muito usado nas fazendas dos sulistas, muito mais por nostalgia do que por necessidade. Há, também, máquinas elétricas para sovar pães caseiros, ainda preparados em casa pelas famílias sulistas, até as mais abastadas. É uma questão cultural fazer, em casa ou nas fazendas, pães, bolachas, salames, conservas, entre outros. O gosto pela culinária sulista de influência italiana e alemã é demonstrado pelo maior evento feito hoje pelo CTG, o tradicional Café Colonial. De grande aceitação por toda a comunidade, oferece uma grande variedade de chás, cafés e pratos, com diferentes tipos de pães,ucas, biscoitos, bolachas, chimias, queijos, salames, mortilhas, tortas e bolos doces e salgados.

Observa-se também uma alteração na programação e no cardápio das festas goianas e sulistas. As antigas festas goianas de Igreja, nas quais era leiloado um bandejão e o grupo que o comprasse ou arrematasse se reunia em uma casa para deliciá-lo, foram transformadas em uma festa com ingresso e almoço com churrasco, ocasiões em que se realizam os leilões de donativos feitos à Igreja ou instituição religiosa. Terminado o almoço, as famílias vão para suas casas. Bem

⁵⁹ *Grostoli*: biscoito doce e frito.

⁶⁰ Chimia: espécie de geléia feita de polpa de frutas e açúcar para passar no pão.

diferente das festas sulistas, em que se comprava o espeto de carne inteiro, para a família saborear, e à tarde se dava o ponto forte da festa, com matinê dançante.



Figura 45

Semana Farroupilha 2007.

Festa Costelão. CTG Porteira da Saudade, de Mineiros.

É uma das festas mais populares realizadas pelo CTG, com maior participação da comunidade não-sulista.⁶¹

3.2.4 As novas configurações religiosas: luteranismo e alterações no catolicismo

Cidade tradicionalmente católica, Mineiros conta hoje com várias Igrejas, a maioria pentecostais⁶² e sem origem sulista, localizadas predominantemente nas periferias. A Igreja

⁶¹ Disponível em: < www.contato.10.com.br>. Acesso em: 10 jan. 2008.

⁶² Igrejas Pentecostais: acreditam nos dons do Espírito Santo, como glossolalia (falar línguas diferentes), cura, profecia e sabedoria. São Igrejas Pentecostais: Assembléia de Deus, Congregação Cristã, Evangelho Quadrangular, Brasil para Cristo, Universal do Reino de Deus, Deus é Amor, Renascer em Cristo.

Luterana,⁶³ por sua vez, foi implantada por sulistas de descendência alemã, e apesar de ter sido fundada em 1981, com quatorze famílias, até hoje congrega exclusivamente uma comunidade de descendência alemã, não conseguindo captar adeptos da população local. Esse número até diminuiu, pois alguns dos fundadores se mudaram de Mineiros.



Figura 46

Mapa das Igrejas Luteranas no Brasil

Desde 1994, a Igreja Luterana, de Mineiros, já constava no *Anuário Evangélico*.

Fonte: HAESBAERT, 19997, p. 253.

No ano de 1982 a comunidade luterana adquiriu uma área de terra para a construção da Igreja. Em 1984 já havia iniciado a construção e nos anos seguintes foram feitas melhorias e

⁶³ Fundada na Alemanha por Lutero, primeira Igreja protestante no século XVI (*Manual de Redação da Folha de São Paulo*, 2006).

ampliações. Sobre as razões da estagnação do crescimento da comunidade evangélica luterana em Mineiros, os fundadores justificam que as terras foram encarecendo, o que não favoreceu a vinda de outros evangélicos do sul. A comunidade construiu, também, uma casa para servir de residência do Pastor da Paróquia. A sede da Paróquia do Araguaia, com isso, passou de Santa Rita do Araguaia para Mineiros, em 1988.

A Comunidade Evangélica Luterana realiza, anualmente, uma festa visando confraternização e também a própria manutenção da igreja.

A Igreja Católica obteve uma ampliação significativa com a construção de novas igrejas e pavilhões com a dedicação dos novos integrantes sulistas, especialmente italianos.

Entre os *outsiders*, cerca de 70% eram católicos e os demais protestantes e quase todos chegaram casados. Essa maioria provocou mudanças significativas na própria Igreja Católica, como a antiga devoção a São Sebastião. Todos os anos, os devotos entregavam um bezerro em homenagem ao Santo. Hoje essa prática está esquecida, embora a festa do padroeiro da cidade, São Sebastião, continue acontecendo e com a participação ativa dos sulistas (SILVA, 2005, p. 200),

Uma das novidades introduzidas pelos sulistas na Igreja Católica Nossa Senhora Aparecida, de que faz parte um grande número de dizimistas também sulistas, foi a criação do Clube de Mães, comum nas paróquias do interior do Rio Grande do Sul. Trata-se de um clube das mulheres da paróquia que se reúnem para tomar chimarrão, bordar e crocheter, além de realizarem eventos como chás beneficentes.

A participação sulista foi muito ativa na melhoria, ampliação e construções de obras da Igreja Católica. Citem-se a construção do PAVIP, um grande pavilhão de eventos, e do Retiro Emaus, com alojamento para quinhentas pessoas. A dedicação e o empenho do sulista na construção de obras comunitárias são justificados nas seguintes palavras:⁶⁴ “a vontade que a

⁶⁴ Entrevistada n°. 4, sulista, em depoimento concedido no dia 18 de janeiro de 2008.

gente tinha de trabalhar pela comunidade era uma vontade de fazer aqui como era lá no sul”. Esse espírito nostálgico, expresso, foi captado por Haesbaert (1997, p. 232), que assim o explica:

A nostalgia de um sul que é ainda mais mistificado, diante das condições precárias das regiões para onde os sulistas se dirigem, encontra-se sempre presente, principalmente por parte das mulheres que, em geral mais atreladas [...] ao espaço doméstico e/ou privado, alimentam uma visão muito estigmatizada em relação ao espaço público local, que pouco vivenciam

Como pode ser percebido com base na referida declaração, o espírito empreendedor dos sulistas, desenvolvido em Mineiros, ao introduzirem novas configurações econômicas, será utilizado também para recriar um ambiente semelhante ao que eram acostumados no Rio Grande do Sul, domesticando o ambiente local na tentativa de aproximá-lo do sulista.

3.2.4 As novas configurações espaciais rurais em Mineiros

As transformações espaciais rurais também foram profundas. A situação fundiária de Mineiros foi completamente transformada. As grandes propriedades das famílias tradicionais da região com gigantescas proporções de terras que chegavam a ter 75 ou 80 mil hectares, em estado quase natural, sofreram um fracionamento com a chegada dos sulistas sedentos por terra.

[...] as propriedades acima de 1.000 hectares, numa proporção de 50% a 75%, há anos atrás, são divididas em consequência da incessante procura e até da pressa sulina querendo adquiri-las ou arrendá-las [...]. Disso emerge maior preocupação nativa visando demarcar e beneficiar as terras [...], se acentua a pressão e se acirram as agressões contra os recursos naturais. [...] se inaugura o processo de diminuição das terras devolutas e de todas aquelas de solos considerados improdutivos, tendo como fundamento o manifesto aumento da população [...] não existe a preocupação [...] segundo o qual os recursos naturais e a capacidade dos ecossistemas são limitados. (SILVA, 2005, p. 204-2005)

É interessante observar que alguns fazendeiros mineienses souberam fazer proveito da tecnologia e do conhecimento introduzido pelos sulistas e modernizaram suas fazendas, adquirindo um espírito empreendedor, como constatou Silva (2005, p. 205-206):

Com a euforia desse intenso impacto social e ecológico, pelo menos 25% dos fazendeiros goianos aderem ao chamado “progresso tecnológico da agricultura” [...]

fazendo uso das próprias terras e dos mesmos pacotes tecnológicos utilizados pelos povos do Sul.

Mas a maioria dos fazendeiros locais, diante do novo cenário, buscou outros caminhos, como Silva (2005, p. 205-206) continua explicando:

[...] mas existem os que preferem arrendar as terras para o mesmo fim, acreditando que as áreas agricultáveis à soja proporcionam rendas bem menores se nelas se cria e se cultiva o gado. [...] outros fazendeiros vendem as terras e se enroscam nos juros de agiotagem, enquanto outros, iludidos pelo lucro fácil, investem em [...] operações financeiras [...], manobra mercantil que já empobreceu muitos antigos ricos da região.

Ao que se percebe, no Rio Grande do Sul, enquanto o avanço do capitalismo foi concentrando a terra e espremendo os minifúndios, em Mineiros a expansão capitalista fragmentou as grandes propriedades existentes em propriedades bem menores.

3.2.5.1 O progresso e seus efeitos colaterais

A importância de se analisar os efeitos colaterais da prosperidade capitalista tecnológica introduzida em Mineiros, pelo sulista, reside no fato de ser esses efeitos colaterais um dos pretextos para o enfrentamento e hostilidades. Os efeitos existem, são preocupantes e, por isso, são usados pelos estabelecidos para desmerecer a ação dos sulistas, questionando o valor do progresso que consideram ser eles os responsáveis.

Iniciado nos anos de 1970 e consolidado nos anos de 1980, o ciclo da soja em Mineiros transformou a paisagem de cerrado nativo, que servia para uma atividade pecuária extensiva de baixa produtividade, em uma fronteira agrícola de ponta agregando valor à terra e enriquecendo os empreendedores que acreditaram na possibilidade de cultivo do cerrado.

A paisagem mudou muito e a riqueza do município também, mas toda a prosperidade adquirida teve um custo: a degradação do cerrado e todas as conseqüências do mau uso ou uso predatório do bioma, com prejuízos incalculáveis para a flora, a fauna, os rios e a própria terra.

A conseqüente remoção da cobertura da vegetação, expondo o solo ao intemperismo de um clima tropical típico, com uma estação seca e outra chuvosa, tornou o solo tão frágil, que em algumas áreas a água da chuva em solos descampados corre em forma de enxurradas, carregando terras para os rios e provocando seu assoreamento. Por onde passa provoca erosão e em algumas regiões ocasionou gigantes voçorocas, crateras cavadas pela água. Um exemplo é a Voçoroca da Chitolina, em Mineiros (Figura 47), que já levou cerca de 17 milhões de metros cúbicos de areia para o leito do Araguaia.



Figura 47
Voçoroca Chitolina
Foto: RENÉ BOULET
Fonte: Embrapa Meio Ambiente⁶⁵

⁶⁵ Disponível em: < www.embrapa.org.br > Acesso em: 10 jul. 2007.

A Voçoroca da Chitolina tem cinco quilômetros de extensão, setenta metros de largura e cinquenta metros de profundidade. Já alcançou até o lençol freático. Esse deprimente exemplo é consequência do mau uso ou uso incorreto do solo (Figura 47).

Na imagem (Figura 48) fica bem evidenciada a causa da voçoroca, que ocorre em plena área descampada para uso agropecuário.



Figura 48
Voçoroca na Serra do Caiapó, GO
Foto: MARGI MOSS
Fonte: EMBRAPA MEIO AMBIENTE⁶⁶

Diante da euforia de expandir a produção, é muito comum observar cenas em que a plantação consumiu as matas ciliares e o cultivo chega até a margem do rio, deixando-o completamente desprotegido. Atualmente, com a área apta ao plantio especialmente de soja, chegando ao seu limite no município, os produtores partem para áreas menos propícias, como solos em declive ou arenosos, o que agrava ainda mais os problemas ambientais desse bioma rico, mas muito frágil.

⁶⁶ Disponível em: < www.embrapa.org.br >. Acesso em: 10 jul. 2007.

Segundo o Instituto Agronômico de Campinas (IAC), cada hectare cultivado no país perde, em média, 25 toneladas de solo por hectare. Isso significa perda anual de cerca de um bilhão de toneladas ou cerca de um centímetro da camada superficial do solo de todo o País.⁶⁷

No quadro a seguir apresentam-se a área ocupada e as perdas de solo no município de Mineiros, GO:

Produtos	Área ocupada (ha) ¹	Erosão no plantio convencional (ton./ano) ²	Erosão no plantio direto (ton./ano) ²
Soja	44.864	215.347,20	40.377,60
Milho	8.672	29.484,80	20.812,80
TOTAL	55.536	244.832,00	61.190,40

Fonte: IBGE, Censo Agropecuário (1995–1996).



Figura 49 Águas azuis próximo à nascente do Rio Araguaia.
Foto: MARGI MOSS.
Observa-se o assoreamento próximo à nascente do rio Araguaia provocado pela devastação da vegetação nativa de suas margens, como as matas ciliares e as reservas permanentes.

⁶⁷ Disponível em: <www.wwf.org.br>. Acesso em: 13/07/2007.

Há ainda a ameaça de lixiviação de agrotóxicos que podem alcançar lençóis freáticos. Vale lembrar que essa região faz parte das áreas de recarga do Aquífero Guarani, sendo que parte dele se encontra localizado no Estado de Goiás (região das nascentes do Rio Araguaia e Babilônia).

No orgulho de ser desbravador do cerrado, mentalidade que para os anos de 1970 e 1980 era um grande valor, pois os movimentos ecológicos ainda eram incipientes e os problemas ecológicos não apareciam de forma tão evidente, os sulistas tornaram-se os principais agentes de devastação do Bioma do Cerrado na região. Junto com eles, estão 25% dos fazendeiros locais (SILVA, 2004, p. 207), que aderiram ao moderno modelo de agropecuária de ponta, segundo o qual o cuidado com a natureza ficou em segundo plano, na verdade nem existia, ao que parece por ignorância, quer-se acreditar.

Ao serem questionados sobre a devastação irracional no cerrado, alguns alegam desconhecimento, técnicas inadequadas, por terem transferido um manejo do solo sulista subtropical para um solo tipicamente tropical, e o fato de haver um incentivo governamental para o desmatamento. Se a terra não fosse produtiva, poderia ser passível de Reforma Agrária, ou ter um preço elevado de imposto territorial rural (ITR) ao ser considerada improdutivo.

A perda da vegetação nativa levou à perda da fauna, por causa do desaparecimento de grande quantidade de habitats naturais para os animais silvestres. Defensivos agrícolas como pesticidas e herbicidas também matam os vestígios de biodiversidade capazes de coexistirem com as plantações e diminuem sensivelmente as chances de recuperação dos habitats naturais.

A Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação (FAO) estima que 25% de todos os pesticidas usados no Brasil são utilizados nas plantações de soja. Segundo o Banco Mundial, em 2002, aproximadamente 50.000 toneladas de pesticidas foram usados nas lavouras do grão. Devido à rápida expansão da área de soja plantada, o uso de pesticidas vem crescendo a uma taxa de 21,7% ao ano.⁶⁸

⁶⁸ Disponível em: < www.wwf.gov.br>. Acesso em: 20/07/2007

Segundo o WWF-Brasil,⁶⁹ estudos recentes indicam que apenas cerca de 20% do cerrado ainda possui a vegetação nativa em estado relativamente intacto. Cerca de 80% do cerrado já foi modificado pelo homem, por causa da expansão agropecuária, urbana e construção de estradas. Aproximadamente 40% conservam parcialmente suas características iniciais e outros 40% já as perderam totalmente. Somente 19,15% correspondem a áreas em que a vegetação original ainda está em bom estado.

Hoje, sentindo-se a reação da natureza em forma de novas doenças das plantas e novas pragas e a pressão da sociedade, consciente dos problemas ambientais, muitos empresários rurais, em busca de um desenvolvimento sustentável no cerrado, estão desenvolvendo muitas iniciativas de exploração do solo de maneira racional e sustentável, como o plantio direto, a rotação de cultura, a proteção das nascentes, o reflorestamento. Para isso também concorre a pressão governamental, que passa a exigir reservas naturais das propriedades. Trata-se de tendência que tem levado as próprias indústrias químicas, pressionadas pelos movimentos ecológicos, especialmente algumas ONGs que denunciam empresas vilãs na questão ecológica, a pesquisarem novos produtos menos prejudiciais e mais naturais, observando, é claro, mais um filão de mercado, os produtos ecologicamente corretos.

Mas, apesar da atual preocupação, ainda se faz pouco pela preservação. O pior é constatar-se que grande parte do patrimônio natural desapareceu para sempre. O Bioma do cerrado já está comprometido e certamente no futuro prejudicará também o próprio setor agropecuário, pois existem fortes indícios para essa afirmação, como o surgimento constante de novas doenças nas plantações e o desequilíbrio dos microclimas, por exemplo.

Espera-se que, dentro de uma educação ecológica, a geração que está herdando as empresas rurais dos orgulhosos desbravadores, que se sentem, ainda, vitoriosos por transformarem os solos “inférteis” em riqueza, assuma seu compromisso de responsabilidade social e ecológica, buscando desenvolver sem devastar.

⁶⁹ World Willilife Fund (Fundo Mundial da Natureza).

Todo desenvolvimento tem um preço, mas quando esse desenvolvimento é desenfreado, baseado na especulação e na ganância e a prosperidade material é a única meta, o preço é bem mais alto. No fim, a conta é paga por todos, beneficiados ou não desse processo. Cedo ou tarde a natureza cobra seu preço. Em Mineiros essa conta já chegou!

PARTE 4

A ARENA POLITICA: CENÁRIO DE PRECONCEITOS E ESTIGMAS

4.1 Sulistas e a abertura do espaço político

Contrariando uma visão marxista de poder, o poder econômico não garantiu aos *outsiders* sulistas o poder político. Em mais de trinta anos em Mineiros, sua participação política é praticamente inexpressiva.

Desde a chegada desses sulistas, por volta de 1974, até hoje, o grupo de *outsiders* conseguiu eleger apenas três vereadores, nenhum prefeito e nenhuma presidência de instituições importantes do setor agropecuário como a Cooperativa ou os Sindicatos Rurais.

Atualmente, apesar de os sulistas continuarem sendo a grande força econômica da região, nenhum vereador os representa na câmara municipal, mesmo diante da instalação de uma unidade da Perdigão e do Frigorífico Marfrig. Vale o registro de que tais indústrias só se instalaram aí pela oferta dos produtos agropecuários produzidos majoritariamente por sulistas e contando com apoio incondicional desses.

A realidade de conflito velado, entre goianos e gaúchos, aparece em alguns momentos em que a aparência de mútua aceitação mostra sua fragilidade, a exemplo das eleições municipais de 2004, em que as candidaturas eram encabeçadas por goianos, mas um dos candidatos teve o apoio aberto dos gaúchos. Essa situação levou a candidatura de oposição a esse candidato à divulgação de *slogans* de apelo popular, mencionando-se, por exemplo, o seguinte: “se o candidato x vencer, quem vai mandar na prefeitura serão os gaúchos”. Ou ainda: “Não vamos votar nos candidatos das *cherokees*” (alusão às caminhonetas caras de alguns gaúchos).

Segundo declarações colhidas, o candidato goiano com apoio sulista sofreu enorme pressão e discriminação dos estabelecidos, pela parceria com os gaúchos. E seu partido foi rotulado como o “partido dos ricos”, provocando alto grau de rejeição popular. Esse dado

demonstra a criação de estigmas criados pelos estabelecidos e que perduram com grande eficiência, através de boatos e fofocas, pois existem produtores goianos que possuem as mesmas condições econômicas dos gaúchos e não sofrem esse tipo de discriminação.

No pleito de 2008, dos três candidatos sulistas a vereador nenhum conseguiu eleger-se. Um candidato a prefeito, cuja vice era sulista, também não se elegeu.

O relato de um ex-vereador sulista sobre sua experiência na câmara municipal de vereadores mostra tal discriminação. Segundo ele, foi muito difícil atuar como vereador gaúcho, pois ouvia, com frequência, afirmações como a seguinte: “fica quieto, que você é gaúcho!”

A experiência política de uma ex-vereadora sulista⁷⁰ confirma a rejeição dos estabelecidos aos *outsiders* sulistas:

Na câmara, ouvia com frequência a frase: “sou nascido e criado em Mineiros”, como se isso fosse bagagem, referencial e sinônimo de competência e ainda uma espécie de passaporte para os cargos políticos. Na visão deles, para ser líder, tem que ser nascido e criado aqui. [...] a maior rejeição que encontrei foi minha certidão de nascimento [...] eles criaram uma cultura de que para mandar em Mineiros só nascido e criado aqui. [...] Quando disputei a presidência da câmara municipal com outra vereadora, o argumento dela sobre seu direito foi: “porque minha família tem tradição em Mineiros”. Respondi: “sua família é mais antiga, mas a minha também tem tradição, foi ela que introduziu a produção em escala comercial de soja e algodão em Mineiros e gera 400 empregos diretos”.

Após as eleições municipais de 2008, circulou na internet um texto com críticas à administração que se reelegeu, repudiando o resultado das eleições e denunciando práticas de crime eleitoral. O e-mail que respondeu ao primeiro referiu-se ao seu autor, da seguinte forma:

Se é que ele é Mineirense (*nascido e criado*), a crítica, como qualquer crítica, deve ser levada a sério pelos criticados, *especialmente* [sem grifos no original] quando oriunda de um *cidadão nascido* na nossa querida cidade, e dessa crítica deve se assimilar as verdades ou mentiras, e tentar evoluir.

⁷⁰ Produtora rural, ex-vereadora e, em 2008, candidata à vice-prefeita. Depoimento concedido no dia 20 de janeiro de 2008.

No decorrer desses trinta anos de imigração sulista, o discurso antigaúchos foi muito bem-aceito nas periferias, nas quais vivem nordestinos, especialmente baianos, e goianos pobres que viviam nas fazendas antigas como agregados, meeiros ou vaqueiros. Diante do avanço da agricultura moderna, eles não foram aproveitados como mão-de-obra, porque não estavam preparados tecnicamente para ela e porque se trata de agricultura tecnológica e por natureza poupadora de braços. Deve-se lembrar também, como já foi citado, que o sulista prefere a importação da mão-de-obra dos estados do sul.

Apesar do crescimento rápido das atividades urbanas como o comércio e outras atividades de prestação de serviços, essa massa de trabalhadores, em virtude de seu baixo nível de instrução, também não se encontrava apta para ser assimilada nessas novas frentes de expansão econômica que surgiram na cidade. Somente a partir de 2003, com a implantação de grandes frigoríficos atraídos pela alta produtividade agropecuária, essa massa de trabalhadores foi realmente aproveitada, embora para os postos de trabalho qualificado essas empresas tenham buscado trabalhadores fora do município.

Vale lembrar que o processo de urbanização em Mineiros ocorre no mesmo instante da implantação do “ciclo da soja”, e este fato não é mera coincidência.⁷¹

Outro momento de enfrentamento aberto aconteceu em 2006, quando, diante da crise agrícola pela qual passava o setor, os agricultores fizeram uma manifestação nacional. Em Mineiros a resposta ao pedido de apoio da população ao movimento foi negada por grande parte da população. Fato percebido quando o movimento pediu apoio da comunidade para que o comércio fechasse as portas durante a passeata de protesto contra a política agrícola do governo e a favor de um pedido de moratória para as dívidas do setor agrícola. Mesmo os comerciantes sentindo o peso da crise agrícola que provocou um alto índice de desemprego no setor, recusaram-se, em grande parte, a fecharem as portas de seus estabelecimentos no dia do protesto, com afirmações como esta: “eles que vendam suas caminhonetes e suas mansões para

⁷¹ A população atual de Mineiros é de 45.189 habitantes. Desses, 40.683 habitantes residem na zona urbana e 4.506 na zona rural (Fonte: IBGE, 2007).

pagarem as dívidas”. Surgiu, também, um panfleto anônimo lançado na cidade repudiando a luta do setor agrícola, caracterizando-a como uma campanha exclusivamente gaúcha e não do setor agropecuário. Apesar de haver alguns integrantes goianos fazendo parte do setor e do movimento, este foi visto como um setor dos gaúchos.

Em entrevista, um advogado⁷² fez a seguinte afirmação: “a sociedade reage de alguma forma!”. Como se percebe, considera que a periferia vê a riqueza do agronegócios e o exibicionismo por parte de alguns de seus membros como uma afronta aos setores carentes.

O exibicionismo da riqueza pelos sulistas mineienses é associado a costumes e hábitos trazidos do Sul, como explica Haesbaert (1997, p. 184):

No sul, nas localidades do interior de onde provém a maioria dos imigrantes, as pessoas costumam colocar as melhores roupas quando saem para as compras ou simplesmente quando passam pelo centro da cidade. A rua e os espaços públicos (em especial a igreja, durante a missa de domingo) tornam-se um pouco a passarela onde desfila a riqueza (material) e a “finura” de cada um. Para a classe média, ir ao centro “de chinelo de dedo” é considerado vergonhoso. Tenta-se competir em boa aparência e formalismos – os gestos e as falas muitas vezes são ensaiadas e comedidas, qualquer deslize é denunciado. Ou seja, pretende-se que a rua seja também um espaço de ordem e disciplina, onde o indivíduo difunda, por extensão, predicados que cultiva dentro de casa.

Como citado anteriormente, apesar de os sulistas serem os principais agentes da virada econômica de Mineiros nos últimos trinta anos, instituições importantes como a Cooperativa Mista Vale do Araguaia (COMIVA), Sindicato Rural de Mineiros, Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Minérios, Cooperativa de Crédito Rural Vale do Araguaia Ltda., CREDIGOIAS Mineiros e muitas outras importantes para o setor encontram-se inacessíveis à liderança sulista. Essas realidades demonstram a existência de um “conflito não-declarado, e de pacto de convivência socioespacial limitado existente entre os dois grupos”, como refere Haesbaert (1997, p. 192).

O fechamento das instituições locais para os *outsiders* parece ser mais uma reação de resistência dos estabelecidos para manter seu poder local. Na última eleição para a diretoria da

⁷² Entrevistado nº. 16, em depoimento concedido no dia 10 de janeiro de 2008.

COMIVA, a presença em peso dos goianos para fazerem número suficiente no sentido de manter o poder na instituição é lembrado por um participante,⁷³ que relata: “tinha idosos goianos que foram até de cadeira de roda; eles temem perder o lugar, perder o poder”. A justificativa dos estabelecidos é que, se os gaúchos vencerem, vão direcionar a cooperativa para a produção de grãos prejudicando a pecuária, sobretudo a leiteira, principal atividade das velhas fazendas tradicionais ainda existentes. Numericamente superiores, sua união garante que os sulistas fiquem afastados do controle da instituição. Ao que parece essa disputa é “antes de tudo de uma disputa entre o novo capital agroindustrial emergente e o poder da oligarquia tradicional de base pecuarista”, argumenta Haesbaert (1997, p. 220). Essa realidade pode ser observada no informativo da COMIVA, no exemplar de fevereiro de 2008 (Figura 50), em que, de um total de vinte reportagens, apenas uma se refere ao setor de grãos.

Para reagirem a esse bloqueio imposto pelos estabelecidos, os produtores de grãos, com 80% de participantes sulistas, criaram a Associação de Produtores de Grãos de Mineiros (AGPM), que luta pelas causas do setor e investe em pesquisas tecnológicas. No entanto, não substituiu as outras instituições nas quais os sulistas não conseguem participar ativamente quanto ao gerenciamento, por exemplo.

Na busca das justificativas da eficiência dos estabelecidos em impedir os *outsiders* sulistas de galgarem o poder municipal e demais instituições, encontram-se explicações ligadas à baixa penetração popular desse grupo. Isso, como afirmam alguns entrevistados (goianos e até sulistas),⁷⁴ se deve ao fato de terem formado um grupo muito fechado em si mesmos, situação interpretada pela sociedade como de quem demonstra um espírito de superioridade, calcado na prosperidade material conseguida e demonstrada na exuberância de casas e carros, opinião confirmada por um sulista:

Os sulistas, na verdade, são emergentes, gente que no Rio Grande do Sul representava uma classe média rural, quando aqui prosperaram e enriqueceram, se deslumbraram, trabalhavam até mais no sul, mas a prosperidade era limitada [...]. Cresceram

⁷³ Entrevistado n°. 1, em depoimento concedido no dia 18 de janeiro de 2008.

⁷⁴ Opinião que é comungada por vários sulistas e goianos em entrevistas realizadas.

economicamente, mas não culturalmente e, por ignorância, muitas vezes, acabam agredindo, se achando melhor, desmerecendo o nativo, isso é até inconsciente, por ignorância mesmo.⁷⁵

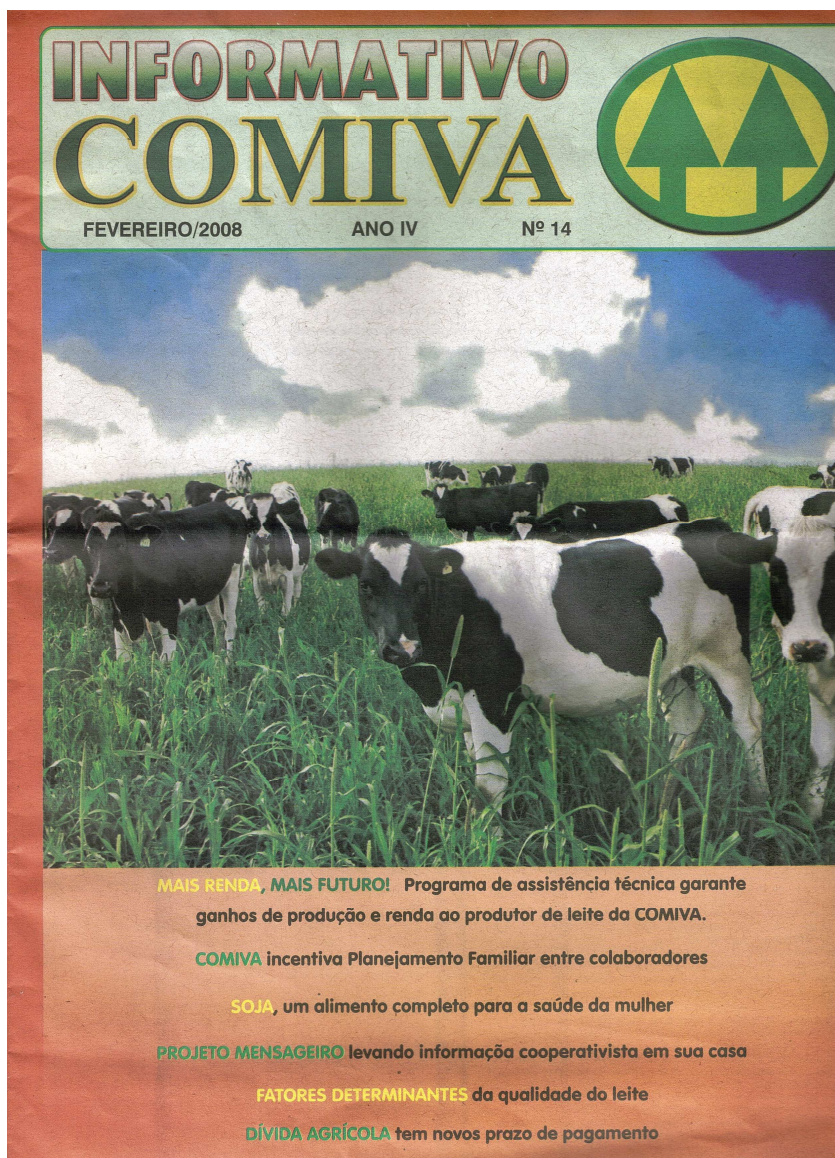


Figura 50. Informativo da Cooperativa.

Espaço minúsculo dedicado às culturas de grãos. Reflete a realidade de predomínio do interesse da pecuária tradicional, ainda bastante presente na realidade mineirense.

Fonte: ELTON SANDRI

⁷⁵ Entrevistada nº. 8, sulista. Depoimento concedido no dia 2 de janeiro de 2008.

Na opinião de um senhor advogado, em entrevista, ele afirma que o sulista tem de “se aprimorar para não cometer certas coisas contra os outros [...], precisa se relacionar melhor com todos, precisa se abrirem, se reciclar”.

O que se vê, portanto, é uma mútua estigmatização, até inconsciente, em que cada um se auto-elege como melhor e torna-se incapaz de compreender o outro dentro da sua realidade e visão, de sua forma diferente de vida. Como afirma um entrevistado goiano:⁷⁶ “O CTG não é à toa! É fechado como eles! Deveria ser mais democrático!” Ilustrando essa afirmação, encontra-se nas atas do CTG, no início de sua criação, uma grande polêmica sobre a permissão ou não de não-sulistas como sócios do CTG, como o debate registrado em ata do dia 29 de abril de 1987:

Outro assunto que entrou em pauta por sugestão do senhor Mario Schuster é ao que se refere à vendas de títulos do CTG a pessoas *não oriundas do Rio Grande do Sul* (sem grifos no original), pois poderia de imediato gerar mal-entendidos, pois quem não está acostumado com as tradições gauchescas, tais como vestimentas, hábitos e modo de comportamento em bailes e festas, dificilmente, entenderia estas normas.

Lembre-se que esse grupo está aprendendo o tradicionalismo gaúcho, pois, como já foi observado, tal cultura não fazia parte de sua vivência. Portanto, nem mesmo esses sulistas estavam acostumados aos hábitos, costumes e comportamentos gaúchos.

Depois de muita polêmica e com a necessidade de aumentar o número de associados para construir a sede própria do CTG e manter a instituição, foi sugerido, por um integrante, o que segue:

Que colocasse à venda títulos para pessoas goianas, paulistas, mineiras, etc., pois *fatalmente* (sem grifos no original) teremos que aceitar não-gaúchos como sócios, dado a própria imposição da sociedade em que vivemos. Foi deliberado então oferecer títulos aos senhores gerentes de bancos e pessoas de boa integridade. (Ata do CTG do dia 8 de maio de 1987)

E aos poucos alguns goianos foram fazendo parte dessa sociedade.

⁷⁶ Entrevistado n.º 18, goiano. Depoimento concedido no dia 30 de março de 2008.

Segundo o artigo 27 do Estatuto do CTG, “para ser admitido como sócio, o candidato terá que enviar requerimento à patronagem devidamente abonado por um sócio, já em gozo de seus direitos, a qual, em reunião irá admiti-lo ou não, sendo neste caso, a patronagem informará ao candidato por carta”.

A aversão aos *outsiders* é sustentada não só pela periferia, como já foi constatado, mas também por dois outros elementos sociais: a classe média mineirense e antigos fazendeiros que ainda detêm o poder político – mas que detinham também o poder econômico antes de os *outsiders* chegarem e transformarem antigas fazendas tradicionais em empresas agropecuárias. Um olhar mais profundo sobre as razões da aversão da classe média mineirense pelo sulista encontra-se no histórico dessas famílias, antigos proprietários e que venderam suas terras não imaginando o valor que elas teriam no futuro. Atualmente, seus descendentes guardam um ranço, uma mágoa pela perda de *status* e da própria propriedade.

Para os antigos fazendeiros que perderam o *status* de referência de poder econômico, agarrar-se ao poder político é uma forma de garantir um pouco do *status* que tiveram no passado, pois crêem que se esse poder for perdido não voltará mais às mãos dos estabelecidos. Daí a criação e manutenção do paradigma de que, para ser mandatário político, tem que ter nascido e se criado em Mineiros, ou seja, precisa ter sua história em Mineiros, ter raízes, fazer parte da história passada. A esse discurso, acolhido pela classe média, soma-se outro, o acolhido pela periferia, que rejeita os gaúchos pelo esnobismo econômico de alguns, rotulando o grupo todo.

No questionamento feito em entrevistas às pessoas goianas, encontram-se afirmações como as que seguem:

Economicamente a desvantagem é para os goianos, que perderam *status* e posição social para os sulistas, enquanto eles poderiam ser os maiores donos de terra e lavouras da região.⁷⁷

Na política os gaúchos não são aceitos. A rejeição é muito grande, como água e óleo, não se misturam. Eles acham que somos preguiçosos, que gostamos de dormir até tarde e, por isso, perdemos as terras por vender muito barato pra eles.⁷⁸

⁷⁷ Entrevistada nº. 14, goiana. Depoimento concedido no dia 3 de março de 2008.

⁷⁸ Entrevistado nº. 21. Depoimento concedido no dia 15 de julho de 2007.

Acredito que os sulistas contribuíram para o desenvolvimento de Mineiros, embora buscando interesses individuais, próprios [...] provocaram problemas ambientais devido à imprudência e ambição desmedida.⁷⁹

A dificuldade dos sulistas em entrar para a política é pela imagem que transmitem de superiores, individualistas. Não são populares. Quando convivem com pessoas mais simples não agem naturalmente, parece que o fazem por obrigação.⁸⁰

Os goianos vêem o gaúcho como trabalhadores, mas de certa forma se sentem ofendidos ao verem tantas terras nas mãos de pessoas que vieram de tão longe, que chegaram com nada ou quase nada e estão bem controlados financeiramente. O individualismo é enorme, os sulistas acabam sendo arrogantes e se achando superiores, e assim acabam tendo um distanciamento entre eles.⁸¹

Os sulistas quando sobem para a cá [Centro-Oeste] dizem que vão se misturar aos índios. Me sinto como se fosse um índio na mesma época da colonização do Brasil pelos portugueses. Os sulistas dizem que os goianos são preguiçosos que não sabem utilizar e aproveitar a terra [...]. Vejo o gaúcho como uma pessoa muito arrogante e ignorante. São tão ignorantes a ponto de não entenderem e muito menos respeitarem os índios goianos e sua cultura. Não gosto do jeito que eles se comportam em festas na comunidade, se mostrando como superiores [...]. Acho que eles se sentem tão inferiores que fazem de tudo para aparecer em todos os aspectos econômico, social e político.⁸²

Os sulistas são arrogantes e ignorantes, principalmente os mais velhos, aqueles que nasceram pras bandas de lá do sul, que não aceitam a união dos sulistas com goianos. Será que ainda não perceberam que o lugar que os acolheu também pode expulsá-los?⁸³

Muitos proprietários desfizeram de suas heranças [terras] iludidos pelos sulistas.⁸⁴ Eles [sulistas] possuem seu CTG, que é freqüentado por eles mesmos, não dividem como “outro”. São uma casta fechada, sendo a minoria. Nunca vão se eleger para a política.⁸⁵

⁷⁹ Entrevistada n°. 15. Depoimento concedido no dia 23 de março de 2008.

⁸⁰ Entrevistada n°. 21. Depoimento concedido no dia 25 de junho de 2008.

⁸¹ Entrevistada n°. 07. Depoimento concedido no dia 30 de maio de 2008.

⁸² Entrevistada n°. 20. Depoimento concedido no dia 30 de março de 2008.

⁸³ Entrevistada n°. 22. Depoimento concedido no dia 15 de julho de 2007.

⁸⁴ Entrevistada n°. 20. Depoimento concedido no dia 30 de março de 2008.

⁸⁵ Entrevistado n°. 21. Depoimento concedido no dia 30 de junho de 2008.

Se eles têm essa “necessidade” de imigrar deveria aceitar o “outro” e os seus hábitos e costumes.⁸⁶

Os sulistas são um grupo fechado, individualista, buscando na maioria das vezes seus interesses particulares. Quanto aos hábitos e costumes, não correu mais mudanças, porque eles não são abertos para as trocas de vivências e costumes.⁸⁷

O goiano reconhece o gaúcho como um trabalhador, batalhador, mas por um lado ambiciosos que modificou a paisagem natural de modo bastante errado, sem pensar nas conseqüências atuais.⁸⁸

O goiano vê o sulista com receio e inveja e também com um pouco de medo de que o gaúcho possa tomar o lugar do goiano [...] ainda falta um pouco de esforço do sulista para adentrar no meio político, talvez tenha que perder o medo de ser incapaz.⁸⁹

Ao serem questionados sobre as barreiras que enfrentam, principalmente, ao poder político, os sulistas justificaram de várias formas, como por exemplo:

Falta muita união entre os sulistas. Depois que prosperaram, quando um se sobressai, é podado pelos próprios sulistas.⁹⁰

Somos minoria numérica de votos, mais ou menos 300 famílias. Nunca vamos vencer os nativos.⁹¹

Somos donos do maior PIB de Mineiros, mas somos poucos em votos.⁹²

Eles trouxeram um revanchismo político de lá [Rio Grande do Sul], que, apesar de aparentemente amigos, restou um “ranço mútuo”, o que impede uma coesão política segura aqui.⁹³

⁸⁶ -Entrevistado n°. 22. Depoimento concedido no dia 23 de julho de 2007.

⁸⁷ Entrevistada n°. 6. Depoimento concedido no dia 30 de março de 2008.

⁸⁸ Entrevistada n°. 11. Depoimento concedido no dia 23 de março de 2008.

⁸⁹ Entrevistado n°. 25. Depoimento concedido no dia 11 de julho de 2007.

⁹⁰ Entrevistado n°. 5. Depoimento concedido no dia 14 de janeiro de 2008.

⁹¹ Entrevistado n°. 9. Depoimento concedido no dia 14 de janeiro de 2008.

⁹² Entrevistada n°. 8. Depoimento concedido no dia 20 de janeiro de 2008.

⁹³ Entrevistado n°. 24. Depoimento concedido no dia 18 de julho de 2007.

Os goianos têm medo e ciúme. Mas será que nós não temos uma parcela de culpa, nos isolamos e somos vistos como aqueles que vêm ficar com as terras deles”⁹⁴

Não temos um representante popular, e por falta de união. O próprio gaúcho não admite que um desponte.⁹⁵

Eles venderam as terras, seus filhos hoje são pobres, os chapadões são caríssimos e eles nos culpam por tudo isso!⁹⁶

O gaúcho se une na crise, mas na bonança é cada um pra si. Basta ver que alguns tentam tomar terras arrendados dos outros.⁹⁷

Existe uma cultura em Mineiros, de que não deve deixar gente que não é daqui mandar, Mas e eles são daqui? São de Minas, apenas chegaram primeiro!⁹⁸

Eles são maioria e nós, sulistas, uma minoria dividida.⁹⁹

Os gaúchos parecem que vivem num eterno Grenal [alusão à competição dos dois maiores times de futebol do Rio Grande do sul: Grêmio e Internacional]. Um não torce pelo outro.¹⁰⁰

A arrogância dos primeiros sulistas que enriqueceram fácil criou um paradigma que é muito difícil romper, só nas próximas gerações.¹⁰¹

Há uma versão diferenciada defendida por uma minoria de sulistas, que justificam a baixa penetração sulista na política mineirense por puro desinteresse dos sulistas, que estão mais

⁹⁴ Entrevistado n°. 9. Depoimento concedido no dia 14 de janeiro de 2008.

⁹⁵ Entrevistada n°. 23. Depoimento concedido no dia 25 de julho de 2008.

⁹⁶ Entrevistado n°. 12. Depoimento concedido no dia 25 de julho de 2008.

⁹⁷ Entrevistado n°. 9. Depoimento concedido no dia 14 de janeiro de 2008.

⁹⁸ Entrevistado n°. 8. Depoimento concedido no dia 20 de janeiro de 2008.

⁹⁹ Entrevistado n°. 1. Idem.

¹⁰⁰ Entrevistado n°. 24. Depoimento concedido no dia 25 de julho de 2008.

¹⁰¹ Entrevistado n°. 5. Depoimento concedido no dia 20 de julho de 2008.

preocupados em administrar “suas coisas”, não demonstrando simpatia pelo poder público. Seu foco básico é o seu trabalho, a sua propriedade, o seu lucro. Não há interesse em desviar energia para a política. Essa vertente considera que o sulista só não é eleito porque não quer, não leva, portanto, em consideração os conflitos e paradigmas existentes.

Ao ser questionada sobre a mútua discriminação, a maioria dos entrevistados respondeu da seguinte forma: “Não pode mexer nisso”; “deixa isso quieto”. Ou ainda faziam discursos de harmonia enquanto o gravador estava ligado. Após constatarem que não estavam sendo gravados, imediatamente ouviam-se afirmações como esta: “os goianos são ciumentos e não gostam de trabalhar”. E da parte de alguns goianos: “os gaúchos são arrogantes e pretensiosos”.

A incompatibilidade cultural e os efeitos dos mútuos estigmas criados pelos dois grupos podem ser percebidos, ainda, por um índice significativo de separações constatadas nos casamentos que aconteceram entre goianos e sulistas.

A análise possível de fazer que justifique as opiniões coletadas são reveladoras de formação de preconceitos, estigmas e etnocentrismo, formadas a partir do conflito entre estabelecidos que detêm a posse do território e desejam manter o *status quo* sobre ela, e os *outsiders*, que chegam e desejam dar um ambiente familiar, domesticando o novo espaço, ou seja, reterritorializando-o.

“Gaúcho arrogante e pretensioso” e goiano “preguiçoso”. Definições criadas para o outro a partir de preconceitos, ou seja, definição prévia, feita sem o verdadeiro conhecimento do outro, a partir de uma ótica particular, do distanciamento, sem um mínimo de esforço para a compreensão da alteridade, o que dá origem, fatalmente, à hostilidade de ambas as partes.

Nas palavras de Albuquerque Júnior (2007, p. 10-11):

O preconceito nasce do desconhecimento do outro [...] é um conceito apressado, uma opinião, uma descrição que vem antes de qualquer esforço no sentido de entender o outro, o diferente, o estrangeiro, em sua diferença e alteridade [...] o preconceito fala mais de quem o emite [...], pois o preconceito fala da sociedade ou do grupo humano que o utiliza.

Na relação entre estabelecidos e *outsiders* em Mineiros, o preconceito revelou-se mútuo, de modo que cada lado define o outro como estranho, e não como uma alteridade. A realidade de conflito em Mineiros caracteriza um forte preconceito, definido por Albuquerque Júnior como “preconceito quanto à origem geográfica”, que marca a relação estabelecidos–*outsiders*. Nessa relação, o sulista assume a missão de desenvolver uma região “atrasada”, baseando-se no preconceito de atraso reservado a Goiás pelas outras regiões mais capitalizadas, sem lembrar que o “atraso” de Goiás representava o papel reservado ao Estado na divisão regional do trabalho, que era oferecer gêneros primários e baratos para o sudeste, especialmente a pecuária. Já o estabelecido se reserva o direito de possuir um preconceito em relação ao estranho, elegendo-se incapaz de poder assumir cargos de liderança, por não ser “nascido e criado” em Mineiros. Na sua concepção, esse é o critério básico e por direito para ocupar os cargos políticos, posto que, mediante a esfera política, detém-se um espaço de preservação do domínio territorial e cultural.

Quanto aos fatores geradores de tais preconceitos, Albuquerque Júnior (2007, p. 11) afirma: “preconceitos quase sempre estão ligados e representam desníveis e disputas de poder e nascem de diferenças e competições no campo econômico, político, cultural [...] dos costumes e das idéias”. Essa situação é bastante visível com o encontro dos dois mundos em Mineiros: o grupo que é fruto do expurgo dos minifúndios sulistas, e o latifúndio conservador mineirense.

Complementando e tornando-se fruto do preconceito, aparece o estereótipo criado para o outro, ou seja, um conceito que define coletivamente o outro e que o identifica aos olhos de quem o profere. Mais uma vez nas palavras de Albuquerque Júnior (2007, p. 13):

O estereótipo nasce de uma caracterização grosseira, rápida e indiscriminada do grupo estranho; este é dito em poucas palavras, reduzido a poucas qualidades que são ditas como essenciais [...], é uma espécie de esboço rápido e negativo do outro. Uma fala redutiva e reducionista, em que as diferenças e multiplicidade presentes no outro são apagadas em nome da fabricação de uma unidade superficial, de uma semelhança sem profundidade [...], o estereótipo constitui e institui uma forma de ver e dizer o outro que dá origem a práticas que o confirmam ou que o veiculam, tornando-o realidade, à medida que é incorporado subjetivamente.

Assim, em Mineiros são comuns afirmações como as seguintes: “o goiano não tem ambição; tendo uma casinha e o que comer está bom demais para ele”. Ou: “o gaúcho é um povo que não toma banho é porque lá no sul é muito frio”. Ainda: “o gaúcho é arrogante”. Também: “o goiano é muito mole, não agüenta o serviço”. Como se denota, a criação de estereótipos que definem coletivamente o outro grupo com o tempo foi se cristalizando e passou a ser aceito dentro de cada grupo em relação ao outro, como revelador de verdade.

Há, nisso, uma carga excessiva de etnocentrismo, pois cada grupo considera a si como superior e mede a realidade do outro a partir de seu referencial de verdade. Por conseguinte, os preconceitos criados impedem a busca da essência humana que paira nos dois grupos, impedindo-os de somar, ou multiplicar experiências diferentes e assim se engrandecerem, o que os divide e certamente enfraquece. Lugares com maiores divisões levam a embates maiores e a conseqüências trágicas.

Em Mineiros a divisão, os preconceitos e os estereótipos são dissimulados por um véu de boa convivência, mas sobrevivendo no subterrâneo do cotidiano. Só são revelados, abertamente, em momentos de disputas frontais, como em períodos de disputas políticas por cargos, seja em instituições públicas governamentais ou classistas.

Elias (2001, p.141) observa que o processo de assimilação dos *outsiders* pelos estabelecidos é um processo longo, levando mais de três gerações para acontecer, e quanto mais tênue o conflito mais propício à assimilação dos *outsiders* pelos estabelecidos.

No caso de Mineiros, como nenhum dos grupos admite oficialmente a separação e os netos dos primeiros sulistas encontram-se em um processo no qual o Rio Grande do Sul faz parte da história de seus antepassados – tornando-se, inclusive, uma realidade estranha ao seu cotidiano –, prevê-se que os atuais preconceitos entre estabelecidos e *outsiders* adquiram novas configurações, deixando de ocorrer entre estabelecido e *outsiders*, para a uma nova configuração. Isso, por sinal, já pode ser percebido por trás dos conflitos étnico-culturais, os quais, no caso, são as desigualdades sociais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A identidade com constructo social proporciona coesão e solidariedade grupal. Produzida social e historicamente, é flexível e pode ser reelaborada perante novos desafios e necessidades.

Essa realidade identitária traduziu o fenômeno sulista em Mineiros, onde grupos oriundos do interior do Rio Grande do Sul, que se auto-identificavam como italianos e alemães, nesse novo espaço adotaram uma nova identidade – o estereótipo criado para o habitante de todo o Rio Grande do Sul –, e assim aceitaram para si a identidade sugerida pelo outro: ser gaúcho. A aprendizagem do ser gaúcho terá como veículo a criação do Centro de Tradições Gaúchas Porteira da Saudade.

Defrontando-se com os estabelecidos, que apresentavam uma forte coesão grupal, baseada em uma sólida tradição identitária, os imigrantes, em momentos de tensões sociais, sentem a necessidade de uma identidade comum entre eles, como mecanismo de enfrentamento na construção do projeto sulista de reterritorialização do espaço. O embate surge quando quem chega busca auto-afirmação, diante dos já estabelecidos, que se sentem ameaçados. Desse modo, a formação de preconceitos e de estigmas mútuos é consequência natural de grupos que medem a realidade a partir de seu prisma, de sua ótica, sem conceber a possibilidade de existir outro olhar além do seu, ignorando a existência da alteridade.

Assim, enquanto os sulistas produziram um olhar de atraso em relação à realidade a ser reterritorializada, os estabelecidos sentiram-se invadidos por pessoas gananciosas, apegando-se ao único reduto que consideraram ter-lhes restado ainda intacto: o poder político.

A oposição torna-se velada e só aparece nos entretons do cotidiano, colocando-se em aberto nos momentos de disputa por cargos de lideranças na sociedade. Vale dizer, cargos em que os estabelecidos, pela eficiência de sua coesão grupal, mantêm sob domínio incontestável.

Portanto, a mutação identitária dos sulistas foi produzida pela necessidade de coesão. Uniram-se em torno de uma nova identidade materializada no CTG, que lhes deu segurança para

a reterritorialização, e unidos se auto-elegeram mensageiros do progresso que diversificou a economia, criou novos elementos sociais e profissionais, implantou tecnologia, atraiu indústrias do setor que colocou Mineiros nos últimos anos entre os municípios brasileiros que abriram mais postos de trabalho, isso apesar do custo ecológico freqüentemente denunciado pelos ambientalistas. Sem perceberem, recriaram a cultura gaúcha, ao adaptá-la segundo a leitura que dela fizeram, produzindo, assim, um novo CTG, uma nova versão do tradicionalismo gaúcho.

Na produção da nova identidade sulista, percebe-se que longe do seu ambiente de origem o sulista vai gradativamente perdendo a memória do passado, pois ela se ressentida da distância, do não-convívio e do tempo. Retêm apenas reflexos esparsos de um passado guardado na memória – que tentam passar para seus filhos de uma forma desconexa e apagada –, ao mesmo tempo em que procuram produzir um imaginário do que deve ser a cultura gaúcha a ser adotada, para identificar-se como grupo, mesmo que essa cultura não represente uma experiência vivida para ser esquecida ou lembrada. Se a primeira tende ao esquecimento pela distância e pelas novas experiências em outro espaço com outra gente, a segunda tem de ser apreendida segundo a visão que possuem, mediante o seu estudo e inspirada no olhar do outro.

A síntese da produção identitária sulista foi o que Benedict Anderson define como “comunidade imaginada”. Por conseguinte, a produção identitária cultural desenvolvida pelo sulista não encontra correlato nem entre seus pares deixados no sul, pois ao retornar é estranho aos olhos daqueles, e os sente, também, diferentes. Embora seja uma identidade que está arraigada e não será silenciada por completo, mesmo adquirindo novos tons, foi corroída pelo tempo e espaço. Também não se encontra correlato no gaúcho imaginado, copiado e produzido em terras goianas que se tentou captar. E por último a cultura-síntese desse processo possui uma boa dose de vida goiana, assimilada pela convivência com o estabelecido e seu espaço, ou seja, a assimilação de elementos da alteridade produzidos cotidianamente pela experiência de vida em comum, como foi explicitado pelas práticas sociais no decorrer da análise.

A identidade sulista produzida em Mineiros torna-se, na verdade, uma identidade formada por pedaços do que sobrou, do que se imaginou e do que se viveu, fruto da experiência de quem buscou a reterritorialização de um espaço que já possuía contornos identitários

definidos e que certamente também passou por um processo de adaptação e recriação a partir do convívio com o estranho que chegou.

Assim como nas regiões de colonização sulista eles acreditam que cultivam uma cultura italiana e alemã original de sua terra natal, ao se depararem com a língua e os costumes contemporâneos de seu povo de origem, os sulistas percebem as diferenças provocadas pelo hibridismo cultural. Assim, os sulistas de Mineiros também têm um sentimento de estranheza quando se deparam com seu passado e com os resquícios deste ainda vivos no interior do Rio Grande do Sul.

Então, o que foi que sobrou da produção identitária sulista, produzida em Mineiros, e inclusive percebida em outros locais de imigração sulista no Brasil? Ao que parece, nem italianos, nem alemães, nem gaúchos. O sulista de Mineiros é na verdade um elemento social produto desse cruzamento de experiências, cuja nova roupagem cultural apresenta muitos tons, muitas cores e vários panos, adquiridos lentamente a cada caminhada, a cada enfrentamento, a cada superação, a cada vivência com a alteridade.

O imigrante sulista em Mineiros reproduz toda a teoria que já foi pensada e escrita sobre a questão identitária: vive de memória e representações, é mutável, flexível, adaptável, é complexa, pois nem o sujeito percebe claramente o processo e o mantém, enquanto responde às necessidades do grupo. E adapta-se, reelaborando-a perante novos desafios e necessidades.

Quanto à prática social altamente questionada sobre a imigração sulista e sempre rotulada como gaúcha, questionam-se os efeitos de sua ação no espaço e a reterritorialização desse espaço por esta produzida. É comum encontrar discursos maniqueístas sobre os sulistas. Discursos que se dividem entre as versões de heróis ou vilões. O papel de heróis é como eles mesmos se vêem: empreendedores, transformadores, trabalhadores, desbravadores. Já o papel de vilões é justificado pelos estabelecidos e por acadêmicos que os identificam como desagregadores da ordem tradicional estabelecida, que era baseada na sociedade da pecuária tradicional, e principalmente desagregadores da ordem ambiental, destruidores do cerrado, gente de ambição desmedida pelo lucro.

Ao que se percebe, o sulista que migra para Mineiros e aí impõe uma nova ordem do capital é tão vilão quanto o capitalismo que o expulsou dos minifúndios sulistas e o mobilizou para as fronteiras agrícolas, pois o indivíduo não se mobiliza é mobilizado pelo capital. E tão herói quanto o mesmo capitalismo que desenvolveu o Rio Grande do Sul e o tornou um estado de referência em produção.

Mas também pode ser tão vítima quanto foi no Rio Grande do Sul, quando expulso por indução ou coerção do modelo capitalista e da crise econômica e demografia no minifúndio, quanto foi o trabalhador da terra que ele comprou e não foi por ele aproveitada como mão-de-obra, embora atualmente engrosse a massa de trabalhadores das indústrias atraídas pelo agronegócio de Mineiros.

Nem herói, nem vilão, o sulista é fruto de seu tempo e das condições históricas que o criaram dentro de um espaço e que o mobilizaram para outro, como o elemento social escolhido pelo sistema para expandir a fronteira agrícola. Afirme-se isso, a despeito de tal fato configurar o que Albuquerque Júnior define como “preconceito quanto à origem geográfica”, o modelo escolhido pelo Estado que propiciou tal imigração, que é por natureza concentrador de renda e excludente.

REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. *Preconceito contra a origem geográfica e de lugar: as fronteiras das discórdias*. São Paulo: Cortez, 2007.
- _____. *História: a arte de inventar o passado*. Bauru, SP: Edusc, 2007.
- ANDERSON, Benedict R. *Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- ARRUDA, Maria do Nascimento. *Mitologia da mineiridade*. São Paulo: Brasiliense, 1990.
- BORGES, Barsanufio Gomides. *Goiás nos quadros da economia nacional: 1930–1960*. Goiânia: Ed. UFG, 2005.
- CAPEL, Heloisa. *Flores – Comunidade Negra: povoamento e cultura agrária em Goiás*. Goiânia: Ed. UCG, 2007
- CASTELLS, Manuel. *O poder da identidade*. 5. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2006.
- CHAUL, Nasr Nagib Fayad. *Caminhos de Goiás: da construção da decadência aos limites da modernidade*. 2. ed. Goiânia: Ed. UFG, 2001.
- COSTA, D. Josias. *Mineiros: sob a ética do coronelismo e o espírito do capitalismo*. Disponível em: <<http://www.mineiros.gov.br>> Acesso em: 25 jul. 2008.
- DACANAL, Jose Hildebrando, GONZAGA, Sérgio. *Rio Grande do Sul: cultura e ideologia*. 2. ed. Porto Alegre: Mercado Livre, 1996.
- ELIAS, Norbert; SCOTSON, John. *Os estabelecidos e os outsiders*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.
- _____. *Norbert Elias por ele mesmo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- FOLHA DO SUDOESTE, Jataí, ano VI, n. 1, 27, p. 11, 28 set. a 12 out. 1987.
- FRANÇA, Almerico Barros; LIMA, Binômio da Costa. *Primeiros fazendeiros do sudoeste goiano e do leste mato-grossense: genealogia e história*. Jataí: Sudográfica, 2004.
- GONZAGA, Sergius; DACANAL, Jose Hildebrando (Orgs.). *Rio Grande do Sul: economia e política*. 2. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1993.
- HAESBAERT, Rogério. *Des-territorialização e identidade: a rede “gaúcha” no Nordeste*. Niterói: EDUFF, 1997.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

- HAGUETTE, Teresa Maria Frota. *Metodologia qualitativa na sociologia*. Petrópolis:Vozes, 2000.
- HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Centauro, 2004.
- HOBBSAWM, Eric; RANGER Terence. *A invenção das tradições*. 4. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2006.
- MCLAREN, P. Traumas do capital: pedagogia, política e práxis no mercado global. In: SILVA, L. H. da (Org.). *A escola cidadã no contexto da globalização*. Petrópolis: Vozes, 2001. p. 81-98.
- MÚLLER, Carlos Alves. *História econômica do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Grande Sul, 1998.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História & história cultural*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.
- PILETTI, Felipe. *História do Rio Grande do Sul*. São Paulo: Ática, 2007.
- RIBEIRO, Darcy. *O povo brasileiro: formação e o sentido do Brasil*. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- RODRIGUES, Waldecy. Valoração econômica dos impactos ambientais de tecnologias de plantio em região de Cerrados. *Rev. Econ. Sociol. Rural*, Brasília, v. 43, n.1, jan.-mar. 2005.
- SAID, Edward W. *Cultura e imperialismo*. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- SANDRONI, Paulo. *Novíssimo dicionário de economia*. São Paulo: Best Seller, 2002.
- SILVA, E.R. *Mateando no cerrado, migração sulista para Jataí: aspectos da integração cultural*. 2002. 93 f. (Monografia) – UFG, Campus Avançado de Jataí, 2002.
- SILVA, Martiniano José da. *Parque das Emas: última pátria do cerrado (Bioma ameaçado)*.Goiânia: Kelps, 2005.
- _____. *Traços da história de Mineiros*. Goiânia: Ed. O Popular, 1984.
- SILVA, Tomaz Tadeu HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn. (Org.). *A identidade e diferença*. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 2000.
- THOMPSON, Paul. *A voz do passado: história oral*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.
- URBIM, Carlos (Org.). *Rio Grande do Sul: um século de História*. Porto Alegre: Mercado Livre, 1999.

PERIÓDICOS

TRADIÇÃO & CULTURA, Soledade, RS, Ano 14, n. 654, 16 mar. 2007, e n. 657, 5 abr. 2007.
INFORMATIVO COMIVA, Mineiros, GO, Ano IV, nº 14, fev. 2008.
INFORMATIVO COMIVA, Mineiros, GO, Ano IV, nº 16, maio 2008.
INFORMATIVO COMIVA, Mineiros, GO, Ano IV, nº 18, ago. 2008.
QUERO-QUERO, Boletim Informativo do CTG Porteira da Saudade. Ano I, n.1, dez. 2003.
QUERO-QUERO, Boletim Informativo do CTG Porteira da Saudade. Ano I, n. 2, dez. 2003.
QUERO-QUERO, Boletim Informativo do CTG Porteira da Saudade. Ano I, n. 3, jan. 2004.
QUERO-QUERO, Boletim Informativo do CTG Porteira da Saudade. Ano II, nº 5, mar. 2004.
QUERO-QUERO, Boletim Informativo do CTG Porteira da Saudade. Ano II, nº. 6, abr. 2004.
QUERO-QUERO, Boletim Informativo do CTG Porteira da Saudade. Ano II, nº. 7, maio-jun. 2004.
QUERO-QUERO, Boletim Informativo do CTG Porteira da Saudade. Ano II, nº. 8, jul. 2004.
QUERO-QUERO, Boletim Informativo do CTG Porteira da Saudade. Ano II, nº. 9, ago. 2004.
QUERO-QUERO, Boletim Informativo do CTG Porteira da Saudade. Ano III, nº. 22, dez. 2005.
SEMANÁRIO MINEIRENSE, mar. 1995.

DOCUMENTOS

ATA DO CENTRO DE TRADIÇÕES GAÚCHAS PORTEIRA DA SAUDADE

SITES VISITADOS

www.comiva.com.br
www.contato10.com.br
www.embrapa.br
www.fimes.edu.br
www.geocities.com
www.gravataí.rs.gov.br/noticias
www.greenpeace.org.br

www.ibge.gov.br
www.lopestur.com.br
www.mineiros.go.gov.br
www.mtg.org.br
www.musicasgauchas.com.br
www.paginadogaicho.com.br
www.scielo.org
www.topminerios.com.br
www.wikipédia.org
www.wwf.org.br/

ENTREVISTAS

Entrevistado nº 1. Entrevista concedida a Sandra Mara D'Avila Sandri, Mineiros, 18 jan. 2008.
Entrevistado nº 2. Entrevista concedida a Sandra Mara D'Avila Sandri, Mineiros, 18 jan. 2008.
Entrevistado nº 3. Entrevista concedida a Sandra Mara D'Avila Sandri, Mineiros, 14 jan. 2008.
Entrevistado nº 4. Entrevista concedida a Sandra Mara D'Avila Sandri, Mineiros, 21 jan. 2008.
Entrevistado nº 5 . Entrevista concedida a Sandra Mara D'Avila Sandri, Mineiros, 14 jan. 2008.
Entrevistado nº 6. Entrevista concedida a Sandra Mara D'Avila Sandri, Mineiros, 30 mar. 2008.
Entrevistado nº 7. Entrevista concedida a Sandra Mara D'Avila Sandri, Mineiros, 30 mar. 2008.
Entrevistado nº 8. Entrevista concedida a Sandra Mara D'Avila Sandri, Mineiros, 20 jan. 2008.
Entrevistado nº 9. Entrevista concedida a Sandra Mara D'Avila Sandri, Mineiros, 14 jan. 2008.
Entrevistado nº. 10. Entrevistada concedida a Sandra Mara D'Avila Sandri, Mineiros, 15 jan. 2008.
Entrevistado nº 11. Entrevista concedida a Sandra Mara D'Avila Sandri, Mineiros, 23 mar. 2008.
Entrevistado nº 12. Entrevista concedida a Sandra Mara D'Avila Sandri, Mineiros, 16 jan. 2008.
Entrevistado nº 13. Entrevista concedida a Sandra Mara D'Avila Sandri, Mineiros, 20 jan. 2008.
Entrevistado nº 14. Entrevista concedida a Sandra Mara D'Avila Sandri, Mineiros, 30 mar. 2008.

Entrevistado nº 15. Entrevista concedida a Sandra Mara D'Avila Sandri, Mineiros, 23 mar. 2008.

Entrevistado nº. 16. Entrevista concedida a Sandra Mara D'Avila Sandri, Mineiros, 10 jan. 2008.

Entrevistado nº 17. Entrevista concedida a Sandra Mara D'Avila Sandri, Mineiros, 23 fev. 2008.

Entrevistado nº. 18. Entrevista concedida a Sandra Mara D'Avila Sandri, Mineiros, 30 mar. 2008.

Entrevistado nº 19. Entrevista concedida a Sandra Mara D'Avila Sandri, Mineiros, 30 mar. 2008.

Entrevistado nº. 20. Entrevista concedida a Sandra Mara D'Avila Sandri, Mineiros, 30 mar. 2008.

Entrevistado nº. 21. Entrevista concedida a Sandra Mara D'Avila Sandri, Mineiros, 30 jun. 2007.

Entrevistado nº. 22. Entrevista concedida a Sandra Mara D'Avila Sandri, Mineiros, 23 jul. 2007.

Entrevistado nº. 23. Entrevista concedida a Sandra Mara D'Avila Sandri, Mineiros, 20 jul. 2007.

Entrevistado nº. 24. Entrevista concedida a Sandra Mara D'Avila Sandri, Mineiros, 18 jul. 2007.

Entrevistado nº. 25. Entrevista concedida a Sandra Mara D'Avila Sandri, Mineiros, 15 jul. 2007.

Entrevistado nº 26. Entrevista concedida a Sandra Mara D'Avila Sandri, Mineiros, 30 jan. 2008.

ANEXO I

ENTREVISTA

- 1- NOME:
- 2- IDADE
- 3- Profissão:
- 4- Sexo:
- 5- Onde nasceu?
- 6- Se não nasceu em Mineiros, quanto tempo mora aqui e de onde veio?
- 7- Como você percebe a realidade da imigração sulista em Mineiros?
- 8- Que vantagens você percebe com o desenvolvimento do agronegócio nos últimos anos em Mineiros?
- 9- Que desvantagens você percebe com o desenvolvimento do agronegócio nos últimos anos em Mineiros?
- 10- Que influencias você percebe ter ocorrido na cultura (hábitos) dos sulistas ao instalar-se em Mineiros?
- 11- Que influencias você percebe ter ocorrido na cultura do goiano com a presença do sulista?
- 12- Na sua opinião como o sulista vê o goiano?
- 13- Na sua opinião como o goiano vê o gaúcho?
- 14- Que fatores você acredita que tem dificultado uma maior integração entre sulistas e goianos na sociedade mineirense?
- 15- Quais as conseqüências da imigração sulista que você percebe na realidade mineirense, nos seguintes aspectos:
 - a) Economia:
 - b) Propriedade da terra:
 - c) Urbanização:
 - d) Hábitos e costumes
 - e) Lazer:
 - f) Sociedade:

g) Religião:

h) Cultura

i) Política:

16- A que fator você atribui a dificuldade dos sulistas de ascenderem ao poder político no Município?

17- Como você avalia a imigração sulista para Mineiros?

Questões respondidas somente por sulistas:

1- Que razões levaram-no a migrar do Sul para Mineiros?

2- Quanto de terras sua família possuía e quanto possui hoje?

3- O que mudou em sua vida com a migração?

4- Como era o lazer em sua terra natal?

5- Qual seu nível de escolaridade?

6- Como você vê hoje a terra de onde você saiu?

7- Na sua cidade natal existia CTG?

8- Você conhecia o tradicionalismo gaúcho?

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)